



ana rüsche

Acordados

fragmentos



EDIÇÃO COM APOIO DA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Selo Demônio Negro - Vanderley Mendonça

© *Direitos reservados – Ana Rüsche*
permitida a cópia reprográfica para fins não comerciais desta edição

Diagramação e Revisão
Victor Del Franco

Arte da Capa
Alessandra Cestac
Projeto *Nua na Rua*

Fotos
João Wainer

Rüsche, Ana
Acordados: fragmentos / Ana Rüsche — 1ª ed. —
São Paulo: Ed. do Autor, 2007.

ISBN: 978-85-905632-2-8

“Edição com apoio da Secretaria de Estado da Cultura,
Governo do Estado de São Paulo”.

1. Ficção brasileira. I. Título

07-9476

CDD-869.93



Selo Demônio Negro
Rua Aimberê, 597 - cj. 04
05018-010 - São Paulo - SP
vanderleymeister@gmail.com



ana rüsche

Acordados
fragmentos



1ª Edição
Selo Demônio Negro

2007







dos Ursos





ÍNDICE

Apresentação disfarçada de prefácio 9

Parte 1. ALARMES

i. as irmãs 21
ii. moçambique café 29
iii. matinal 40
iv. aprestos 57

Parte 2. REUNIÃO

i. mesalina 71
ii. caleidoscópio 77
iii. festa 79
iv. dolores 94

0. PROLEGÔMENOS

i. uma mulher no outdoor 103
ii. lições de agropecuária 114
iii. monólogos 122
iv. içar-se 138



Parte 3. ESCOMBROS

i. contrapontístico 149
ii. sobre frestas e trincheiras 163
iii. coda 169
iv. mortos 175






APRESENTAÇÃO DISFARÇADA DE PREFÁCIO



Nas páginas que o leitor começará a percorrer depois de concluir a leitura (que desejo apressada e desatenta) desta apresentação, ele encontrará uma estrutura ordenada que contém uma grande desordem. Tal dualidade não é circunstancial. Ela foi profundamente buscada e (des)organizada pela escritora. Apesar de ser obra de uma mulher que atende pelo sonoro nome Ana Rüsche, esta não é uma narrativa “feminina”. Não no sentido dessa pseudo-literatura que produz os diários das Bridget Jones de um lado e os diários das Brunas Surfistinhas do outro. Não, senhoras e senhores, que Ana Rüsche não é dessas. Ela é uma poeta provada e uma escritora vigorosa em plena floração. Neste romance, o seu primeiro, concebeu e produziu uma obra sólida, consistente, dolorosamente viva e contemporânea.


Que ordem na desordem, irão perguntar. Basta folhear o livro e observar o índice. Quatro partes e cada uma delas composta por quatro capítulos. O livro obedece a uma forma geométrica de estrutura equilibrada: um quadrado dividido em 16 seções. Ana Rüsche ordenou cuidadosamente a estrutura para melhor poder jogar de pernas para o ar os vetores de sua narrativa. Não é casual o fato de ela colocar no início um episódio que tem seu lugar no meio da trama, um momento de intenso pathos. Nem tampouco o fato de a terceira parte da obra ser dedicada aos antecedentes de tudo que foi narrado até então. A construção do sentido de “Acordados” dá-se apenas na medida em que o livro é percorrido e descoberto.



Seus personagens não estão mastigados. Têm de ser decifrados. E a autora não tem pressa. Impele o leitor. Faz com que este atravesse as camadas necessárias até perceber, ao fim de tudo, aquilo que acaba de ser contado. A voz da narradora não é discreta nem busca camuflar-se atrás da coisa narrada. Ao contrário. Temos aqui um caso de narrador onisciente, o filhote contemporâneo do aedo grego, só que não cego, nada cego. O narrador é onividente também, e escruta os motivos internos mais recônditos de cada personagem. Mas não expõe tudo. A escritora não esmiúça mais que o necessário. Mostra o que tem a mostrar. Na medida certa. E, ao fazê-lo, põe em evidência uma humanidade triste e desesperançada, que não tem consciência disso, que não sabe de si, que não tem noção de para onde vai. Mas vai. Movida por um instinto cego. Como as bactérias, objetos de experiência das placas de petri, citadas no livro em mais de uma passagem.

Muitos diálogos cimentaram este livro. Percebe-se em suas páginas que a autora trocou idéias com uma multidão de poetas e romancistas. A partir dos autores das duas epígrafes, o magnífico moçambicano Mia Couto, autor de histórias “abensonhadas”, e a portuguesa Lídia Jorge. Esta, uma das mais importantes figuras da literatura portuguesa contemporânea, recriou, lembra Ana Rüsche, em “Costa dos Murmúrios”, um outro livro. Lídia Jorge deslocou para o interior da África o romance de Virginia Woolf, “Mrs. Dalloway”, livro que a autora de “Acordados” afirma “amar de paixão”. Ana também indica entre os escritores com quem dialogou ao longo da feitura de seu romance as figuras dos ficcionistas Lewis Carroll, James Joyce e Clarice Lispector, dos poetas T. S. Eliot, Angélica Freitas, Paulo Ferraz e Carlos Drummond de Andrade.


Mesmo com essa intensa interlocução – que ainda



inclui as obras teatrais de Dea Loher “A Vida na Praça Roosevelt” e “Inocência”, em suas montagens da Cia. De Teatro Os Satyros, e as interpretações dos atores Ivam Cabral em “A Vida na Praça” e de Cléo de Páris em “Inocência” –, Ana Rüsche atinge nestes “Acordados” uma voz muito pessoal. Mistura tudo e, com sua poderosa poesia, transforma essas vozes várias em outra coisa. Em uma dicção distinta e indiscutivelmente própria. A narrativa é arbitrária. Ora dá-se na terceira pessoa, a do narrador, ora na primeira pessoa, a do personagem. Sem que haja aviso prévio ou uma organização lógica para essas escolhas, passa-se de um modo para outro com efeito sempre surpreendente. A autora, em certos momentos, assume a palavra: “E aqui, novamente, embalamos nossa narrativa. Por uma barra de saia florida”.

São muitas, inúmeras, as quebras da “norma” narrativa empreendidas por Ana Rüsche. Ela ancora sua história em fragmentos que se desdobram, redescobertos, ao longo do livro. A colorida bolsa de crochê de Lola, por exemplo, cuja feitura e compra merecem exuberante detalhamento, está nesse caso. Em outras circunstâncias prefere nos expor um personagem através de trovões e relâmpagos, como ocorre com a irrupção na narrativa da obesa, macia e felliniana Alegria. Esta é oprimida por pesadelo em que dúzia e tanto de frascos de perfumes importados caríssimos arrebentam-se contra as paredes de azulejos do banheiro, provocando cortes na pele alva de sua dona.

Qual a trama costurada por Ana, em meio a tantas (re)invenções narrativas? É simples, quase banal. Gira tudo ao redor de uma reunião de negócios (o eixo de “Mrs. Dalloway” é a organização de um jantar, lembram-se?), onde será discutida a destinação do entulho que restará da implosão de um grande presídio em uma grande cidade.




Pode-se pensar em um assunto mais sombrio e banal? Que sinistra sociedade tem de fazer reuniões de alto nível para destinar o entulho do que um dia foi uma sombria prisão?

Qual presídio? O Carandiru? Qual cidade? São Paulo? Não se sabe. A autora, paulistana de nascimento e residência, não se dá ao trabalho de identificar a metrópole na qual se passa a ação. Sabemos apenas que é uma grande urbe, uma megalópole muito semelhante à cidade natal de Ana Rüsche. Aos poucos ela nos apresenta os movimentos dos personagens envolvidos na história durante as horas que antecedem a tal reunião. Enfoca então o encontro propriamente dito. E revela em seguida seu desfecho. O fato de o “início” da história (se é que a história tem um “início”) estar no meio do livro torna a narrativa mais instigante e provocadora. “Acordados”, aliás, tem uma estrutura de mandala. O início e o final se encontram, se superpõem.

As cenas são percorridas por uma eletricidade nervosa que contagia todos os seus personagens. O cotidiano, descrito em detalhes de migalhas e manchas, é transfigurado pelo olhar da autora. Se fosse obrigado a escolher uma imagem, uma só, absolutamente poderosa, entre tantas, selecionaria a da escola de dança cujas aulas podem ser vistas pelos clientes de uma padaria brincalhonamente batizada de Moçambique Café, numa evidente piscada de olho a Mia Couto. A realidade da transcendência da arte, flagrada por trás dos vidros, vista sem ser ouvida, na forma de uma dança da terceira idade, que se revela ao fim do livro, é poderosamente metafórica. Vale por um programa estético.

Advogada formada em 2002 pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, Ana Rüsche deixa evidente sua familiaridade com os assuntos legais ao longo




do livro. A maneira técnica pela qual descreve a preparação da reunião e seu desenvolvimento devem, sem dúvida, sua precisão cortante ao trato que a autora tem com o universo legal do mundo do big business. Até o título do livro tem ressonâncias legais. “Acordados” significa tanto estarem despertos (os personagens do livro) quanto estarem de acordo, estarem acertados sobre algum ponto. E trata-se exatamente disso. Até que ponto a ruiva negociadora Valquíria, o advogado sem nome, os empresários Ronald e a obesa Alegria, além da morena Lola, a bela garota do departamento administrativo da empresa, são seres capazes de decidir por sua própria vontade os atos de sua vida? O que os impele? Para onde seguem?


Ronald está à beira de um surto, sente-se perdido no meio da vida, sem rumo, executando uma negociação cujos resultados foram resolvidos antes, por instâncias superiores. Mas que precisam ser ratificados por uma reunião pro-forma que salvará as aparências da negociata vaga, mas evidente, que circula por baixo de toda a discussão sobre a destinação do entulho. Os outros personagens estão todos no limiar de crises similares.

Mas Ana Rüsche radicaliza. O livro tem ainda Clarissa, a figura lúcida e espectral, meia-irmã de Valquíria. Clarissa, cujo nome foi tomado da protagonista de “Mrs. Dalloway” (até com uns ecos de Érico Veríssimo). A mulher que empreende o salto sem volta. Tema do primeiro capítulo da primeira parte, e cuja dimensão só entenderemos plenamente na terceira parte do livro, em um monólogo *tour de force* que evoca altos momentos da literatura.


Um fantasmagórico passeio pela urbe é o que nos propõe Ana Rüsche. Cria um texto erudito pela carga de citações, de procedimentos poético/narrativos que






emprega. Mas não se trata de um romance experimental estéril, desprovido de alma. Ao contrário. O livro é emocionante e eletrizante justo pela sua capacidade de capturar a musicalidade, os falsos sentidos de um cotidiano esmagadoramente carente de razão e lógica. “Acordados” vem integrar a nova prosa brasileira, um território onde já estão atuando, entre outros, os jovens “veteranos” Santiago Nazarian e Daniel Galera, e os jovens recém-chegados Del Candeias e Ismael Canepelle. Não tenho a menor dúvida de que Ana Rüsche vem para ocupar um espaço seu, importante, significativo. Tão marcante quanto o impulso que teve, depois de formada em direito, de cursar literatura, que está concluindo agora, nos próximos meses. Ana quer trocar de território e abandonar as leis pelas letras. Os leitores brasileiros com certeza irão agradecer.



Para finalizar, gostaria de acrescentar uma nota pessoal. Quando Ana me convidou para escrever o prefácio do livro que o leitor agora tem em mãos, me senti feliz. Admiro a poeta de “Rasgada”, que conheci na Praça Roosevelt como uma fã dos Satyros, dos espetáculos da companhia. Admiro também a animadora cultural que promove lançamentos, saraus, encontros, que tem um grande grupo de amigos talentosos, jovens artistas que começam a mostrar suas obras. E sou leitor habitual de seu blog (<http://peixedeaquario.zip.net>) documentário de seus passos, de suas leituras, de suas muitas atividades.





Por todas essas razões, fiquei honrado pelo convite de Ana. Mas não entendi direito por que ela me havia escolhido. Poderia ter optado, dado seu currículo, por uma grande estrela acadêmica. Tenho a certeza de que nenhuma delas teria recusado. Em vez disso, resolveu convidar a mim, um ornitorrinco das artes, homem ao mesmo tempo de letras e de palco, de teoria e de prática,




de tudo e de nada. Lendo o romance, porém, entendi o porquê do convite. Teve a ver com a ligação de Ana com os Satyros e também com o fato de eu ser escritor e já ter-me aventurado pelo romance urbano, como ela faz agora. Aceitei o convite de verdade então, mas não fiz, como ela queria, um prefácio. Prefácios são coisas pra professores de literatura, não pros ornitorrincos como eu. Fiz, isso sim, uma apresentação. Disfarçada de prefácio. Terminei aqui então este meu texto que já se estendeu mais do que eu desejava. E espero ter transmitido ao leitor a ampla admiração que “Acordados” despertou em mim.

Alberto Guzik

São Paulo, setembro de 2007








“Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte. A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância.”

Mia Couto, *Terra Sonâmbula* (1993)



“A mulher, porém, quer ver as aves, vai na direção do lodo e volta. Estou a ver vivissimamente – a colônia foi atingida em parte mas o todo não se moveu. As aves sobreviventes estão de novo a agrupar-se e as abatidas estão ficando cada vez mais enterradas no lodo onde se somem como panos. É apenas uma espécie de tapete passageiramente arruinado que estremece. Porque os pássaros não atingidos, acordados por só um instante, logo lançaram a segunda pata ao lodo e se uniram, pisando os corpos das que sumiram e deixavam de ser vistas. Faz-se uma colônia unida que nem deixava de parecer menor do que a anterior.”

Lídia Jorge, *A Costa dos Murmúrios* (1988)








Parte 1

ALARMES









i. as irmãs


: VALQUÍRIA e CLARISSA



PRESENTIU: aqueles dois olhos iriam persegui-la ainda pelas espáduas e costelas e, aproveitando-se dos batiques ao fundo, corta o ar com o gesto de uma garçõnete num bom dia, refuga no contraponto ao retirar a cerveja diretamente do balcão. Valquíria retorna ao seu lugar, apóia a garrafa marrom, entorna o líquido até a boca do copo agora dourado e espumarento. O lugar estava cheio àquela hora, transborda. Do parco assunto e do traço vago para empunhar a garrafa tira-se a noção de fuga, que entremeia quaisquer meandros do que se possa narrar, infiltra-se por todos os diálogos, espalha-se à inundação pelas vozes que se cruzam e, mesmo ali no bar, as conversas desconcertam fugidias, onde a orquestra entrecruzada de pessoas se afina.



Tão tarde para estar cheio algum lugar, no entanto, todos os lugares estavam cheios. Aquele silêncio de assunto posto à mesa incomodava, amarra os dentes como se ambos tivessem mordido fruta verde, mesmo que fossem vibrantes os gritos ao fundo, as risadas e o batuque comendo solto as paredes. Ela tamborilava com os pés e as mãos num movimento irregular, o contraponto dos entediados. O tempo acordado, a falta de sono e o cansaço dos que trabalham, dos que trocam os dias pelas noites e as noites por mais noites, a agitação epidêmica a reproduzir-se em placas de petri, fachadas envidraçadas.



Por conta do cansaço, mais tarde, iria macular novamente com duas rodela pretas a toalha de banho ao tirar a maquiagem borrada. Talvez ela própria lavasse a toalha, esfregaria com as palmas das mãos rosadas, as manchas lutariam ainda na resistência de nódoas cinzentas e, na seqüência, blasfêmias ao preço da lavanderia. Muito caro lavar toalhas. Bosta. Sua companhia levanta-se rumo ao banheiro.

Rapidamente saca um cigarro muito curto, um desses novos modismos para quem sempre está na busca, parar de fumar. A cabeça de novo, apóia-a entre as mãos, o velório, meu deus – era um hábito pronunciar-se sobre deus, ao menos por ali. A minúscula brasa estremeceu engatilhada como se fosse preencher o tempo de presságios. Expirou a fumaça comprida. Nos batuques soluçava uma voz familiar, nuances de sua terra, era só impressão, ali agora era muito longe de tudo. A traquéia revida afogamentos. A morta. Não acompanharia o enterro, o velório já fora o bastante, teria compromissos importantes naquela manhã soterrada e não iriam compreender se faltasse, não era família de sangue. E o dia seguinte estaria provavelmente bonito e ensolarado demais, quem se recorda o que é um enterro? A morte é um branco, resquício distante sussurrado e encerrado no lugar apropriado do hospital. A bebida. Bebida amarga. Expirou uma névoa que entremeava outras névoas, um teto de nuvens fugidias. As mãos batucavam mais alto.




Era impressionante que houvesse morrido. O velório transcorreu social, não transmitiu arroubos de tristeza. Ao contrário, alguns conhecidos é que se descontrolaram ao avistá-la diante da falecida. Tragou mais uma vez, agora com raiva, o amargor suspenso no nariz, expirou a fumaça contra a luz morta aos tambores. Amanhã, ainda de madrugada, pegaria o avião. Ficaria tudo bem. Fitou as

paredes verdes e a garrafa de um marrom feio. Roía o vermelho proibido das pontinhas das unhas e deixava manchinhas brancas em troca. Ressoa ao fundo o comentário derradeiro:


– Heroína.

– Ela se jogou, foi isso – abraçou Joana e agradeceu, que bom que veio, querida. Valquíria assumiu o papel mais à mão, ou seria o oposto? Não era hora para detalhes. Afogou-se no ombro duro, bateu com a testa nos ossos. A explicação era falha. Clarissa nunca se picava, não é mesmo? A professora, a irmã mais velha, como podia aquilo? Lembrou, ela enviara-lhe pó, uma caixinha tão bonita, estreita, branca e laqueada. Agora, Clarissa própria restava ali, branca e laqueada. A professora havia ensinado ações perigosas, as mais belas, falava de deus e da noite e forçava a irmã mais nova a dizer coisas engraçadas. Mas foram gargalhadas vazias nos últimos tempos, diluía-se o sangue, esbranquiçava-se o sangue do seu sangue. Agora apalpava o coágulo do oco.


Algumas velhas mediram-na com desconfiança, seriam, acaso, colegas professoras? Refúgios em óculos escuros – não houve tempo para isso: vi o corpo. O típico velório malvestido, homens suados piam gracejos sobre o meio das pernas das mulheres ali fora, falsas madames com maquiagem aos berros, uma de saia curta – em velórios há, invariavelmente, aquela que se posta de saia curta entre rezas e credos baratos. Pelas quinas, despontam flores miúdas e velas malcheirosas, sombras projetadas bruxuleantes por feitiçarias. O corpo. Isolado por uma gaze fina e cinzenta evocava um prédio antigo em processo de demolição. Uma manhã mal-acordada. Mero soslaio, é difícil aportar-se; amarras ao longe, longe, o chão muito duro, o salto marcava barulhos assustadores, tossiam ali atrás.






O corpo percebia-se por detrás dos mantos brancos, a palma escapou por uma das fendas do tecido, esmalte descascado e imóvel. Era assim que ficariam as mãos então. Balburdia incessante na esquerda. A face não se assinala, só a gaze cinzenta de prédios em demolição, não sobrara nada. Suicídio. Heroína. Ao menos havia o vôo. Ou talvez a queda, não se sabia ao certo – a quem poderiam importar essas questões? Um dia ainda preciso experimentar isso, a vida em estado bruto, aberta em leque na sua crueza de cores, sem barreiras de espaço. Uma pane elétrica e ela saltou. Não se sabia como, estava frio, que tipo de gente largaria a janela aberta em plena friagem? (ah, ela sabia bem que tipo), coisas estranhas acontecem à noite e de dia, nas ruas e dentro das casas e eles todos estavam lá agora.



Irmã. Ela foi minha terra. A mãe que não foi estuprada e vendida como minha mãe. Ela foi a língua, minhas histórias na minha língua, minhas lembranças, memória de minha terra, agora ali, como entulho de demolição, branca e cinzenta, um pó fino sobre todas as ruas, sobre suas mãos, dentro de suas mãos, dentro do sangue, depois de seu vôo rumo a nossa terra, tão longe desse tempo. Há uma verdade muito grande em suas palavras velhas, nossos ancestrais rotos, uma conversa muito comprida que nunca acabava, sem rumo, solta. E demoliu-se tudo. A terra era entulho, as histórias eram entulho e a língua tinha tantas pedras que não se falava mais para não se quebrarem os dentes. Fomos embora e estamos sempre indo embora. Emendamos os dias e as noites e as noites em mais noites e nunca mais voltamos. Por isso tudo, ela voou longe.



Valquíria tinha medo de narrar os sonhos antes do café-da-manhã. De acordo com conselhos de sua irmã,



agora laqueada como a caixinha comprada na feira de antiguidades, quem revela os pesadelos da noite anterior antes de desjejuar nunca mais conseguirá sair do sonho. Entretanto, durante os acontecimentos conturbados no velório, Valquíria não se recordou de tomar o seu café-da-manhã, como sairia dali?, e o inusitado devaneio tomou-a arrebatadamente: era como se vivenciasse uma de suas mentiras sobre a irmã Sim, Clarissa, ainda numa de nossas primeiras viagens, me lembro bem, o banco estreito do trem, as bagagens rotas. A mão estrangeira metida por debaixo de minha saia florida. Foi às gatas, com um amor de mãe, com vocábulos adocicados beijando a minha nuca, espaçando com os lábios os fios de cabelos que escorriam pelas minhas orelhas, tão lisos e insistentes, e de repente senti o que era quente, em cheio no meio das pernas, cócegas. Quando despontavam passageiros, ela retirava a mão, lépida, um passarinho a escolher seu galho, então eu fazia muxoxo, pedia para deixar ali dentro, e com as quatro mãos amarradas pelas vontades, não inteiramente desconhecidas, permanecíamos rígidas até não agüentar mais. Histórias, em nossa língua, desenrolavam-se e dormíamos sem sonhos.

Isso foi a partida. Quando aportamos no destino, dormimos juntas, fundeávamos lençóis pelo dinheiro ralo e amizade. Poderíamos ter prosseguido no desengano, trabalhar de saia curta, oferecidas e baratas, embora fôssemos outras – empacotadoras, vendedoras, atendedoras & honestas. Borboleteávamos a brincadeira por todos os recantos, mesmo em ônibus lotados com seus homens transpirados em hormônios, inseminávamos a dúvida, a varinha cega do exército de faunos a chacoalharem rijos na condução, saliva que umedecia os lábios e lábios. Translúcidas, invisíveis em jardins de asfalto, o amor entre mulheres segue assim, a amizade ao oposto. Ali não havia

palavras suficientes.


Ao despertar de madrugada, meu corpo amanhecia cada vez outro, inchada, peituda, corcunda pela camiseta fina do uniforme, os bicos ascendiam em desejos e vergonhas – adolescência. Aos poucos, percebi que não cresceriam tanto, murcharam de medo os seios, frouxos, mas elegantes. Inventei histórias. Tantas naquela nova língua estrangeira!, embora estrangeira fôssemos nós, uma língua roliça de mentiras, cor-de-rosa e cheia de charmes e mistérios, aos poucos esquecia a língua de minha mãe, vergonha de parecer estrangeira, reinventei sons, misturei-me aos lanhos de vocábulos difíceis, milhões de percepções distintas rolavam na ponta dos dentes, amalgamei cidades, muros, empregos, enquanto minha irmã restava empurecida, infantil, algo havia se quebrado, minúsculo e intransponíveis são os abismos entre fêmeas (talvez uma namorada que tive, uma garota do administrativo) e entornei-me uma mulher e minhas histórias agora são narradas em palavras, em verdades.

A percussão ao fundo arranca-se como trama na qual o narrado subsiste e o derradeiro trago fez-se naquele cigarro mais curto. Novos modismos inúteis – nunca cessaria o cigarro. Valquíria raciocina que assumiria então um lado fumante convicta, com discursos flamejantes sobre a dignidade de enfrentar a escada de incêndio, mentira – as rugas, Clarissa, ficaria assim então meu rosto ante a morte? Entulhado, excessivo. Recordei a garota do administrativo, em verdade, assemelhava-se a tantas outras, com sua cara eqüina e mansa, uma língua ferina a ser explorada, destravada, esmiuçada para seus mais diversos fins. Expirou a fumaça. O firmamento denso de fumaça impedia que Valquíria avistasse as traves do teto, as luzes espraiam raios leitosos.


Valquíria cumprimentava parques conhecidos no

velório, a barriga reclama as fomes. A quem poderia interessar suas histórias? A língua coça. Ouviria a irmã?, mesmo entulhada e tranqüila? Provavelmente acusar-me-ia, “sua suja”, alcunha que soa a tabefe no rosto, mais prazer, venha, Clarissa, revide – a adolescência queimava minhas orelhas. A irmã de antebraços alvos, barriga láctea, pouca tolerância a homens rotuladores que responde em estocadas de andrajos fora de moda, romanesca em vícios, findara ali, laqueada com o pó que me presenteara, comprada na feirinha de antiguidades, bons fornecedores. Erraria em não cortar umbilicais relações de outros mundos, agora pouco importantes, sem utilidades que os definisse, insistia em negativas encadeadas. A minha língua estala aos batuques, é como se soubesse a letra, mas havia esquecido, sim, porque quero deslembrar, prefiro versões enevoadas, mero firmamento de nuvens, sem raízes sujas de terra fresca – queria ser limpa, asseada, asséptica, outra, de cidades novas em folha, intocadas pelas mãos sujas de barro, não quero mais ter irmã, Clarissa, como acabamos assim?

Não nos falamos durante anos e meus natais foram a televisão ligada ou horas extras batalhadas em algum supermercado, ganharia a ceia. Mas isso tudo foi. Agora o mundo era mudo de entulho, um pó fino, cinza-esbranquiçado, espargido pelo caixão, pelos meus cabelos, calçadas, minha língua com sentimentos de areia. No velório, Valquíria não conseguia chorar. O choro somente residia na língua de sua mãe. Mesmo agora no bar, diante de tantas faces cansadas e bêbadas, é difícil pronunciar “eu”: a palavra existe, no entanto não era eu, não era ela, não era o sangue, não era a terra coagulada, é terrível, oca, oca. A tristeza é a língua emprestada do cinema, com suas frases de plástico e abraços medidos, ela não iria chorar, tinha orgulho, orgulho; e a companhia não




retornava do banheiro, amassou com uma raiva cancerosa o cigarro curto no cinzeiro, aquele gasto inútil, batucava agora na mesa com ambas as mãos, o batuque comendo as paredes, a garrafa marrom, as paredes verdes, o vermelho, a terra, a terra. Oca.



ii. moçambique café

: LOLA

ESCANCARADO o riso franco, brincadeiras com a prima às gargalhadas: jogo da memória. Morena, a mais nova, carinhosa com grandes olhos atentos, pestaneja como colibris batem asas. O uniforme é o muito branco e o vermelho-tijolo da escola estadual e a camiseta veste um pouco justa, o modelo ainda era do ano passado, essas meninas comem fermento!, completa-se com uma saia florida, o cabelo duro trançado em contas coloridas pelas calosidades amorosas da avó. Moravam as três ali. Lola proibira a menina de assistir televisão, se deixasse, a garota ficaria vidrada na doutrina azulada de todas as noites; contudo agora aviva o olhar, volitavam as orelhas para todos os lados, Morena colhia do pó e das sobras o risco para novos brinquedos – não se dizia velha demais para brincadeiras e, sem nenhuma vergonha, dançava na frente de todos. A casa era simples e bem arrumada. Muito bem arrumada, por sinal: o tapetinho bordado convidativo às visitas (eram muitas), as flores escanifradas no vaso amarelo e a cortina de renda que apanha o sol em abraços. A superfície das paredes é errática, labirintos de irregularidades, brancaranas em demãos de cal que Lola cuidara durante um feriado com o auxílio inestimável do café forte, fofocas e braços dispostos das vizinhas da frente. Assim limpas, as paredes não pegavam bichos. O locador da casa é um, mas o do terreno é outro – nunca






há acordo sobre os verdadeiros proprietários, como, aliás, acontecia com todas as casas na redondeza – cobram-se impostos e o aluguel era pago em parcelas miúdas, veja, o valor é justo, nunca nos ameaçaram se houvesse algum atraso, e pagavam as pinguelas. Lola gosta demais dali, uma falta bem temperada de silêncio pelas histórias furadas dos desempregados, doloridas dos desenganados de amor sentados na calçada, música ritmada espreada nas noites, das paixões e arranca-rabos (Lola ouvia todas as brigas do casal ao lado), portas batendo às 4h30, hora de sair para trabalhar no centro e as crianças aos berreiros ardidos pelo lugar errado do mundo. Ali era casa.

Há, entretanto, nos últimos tempos, mesmo naquelas redondezas, nessa mescla de transpirações de felicidades cruas, algo quebrado. Algum plano econômico ou maré de azar, não se sabe bem. Ontem mesmo, uma mulher se jogou da janela do apartamento. Que louca. Drogada provavelmente, foi num bairro chique, abafariam. Nada disso era desculpa razoável – Lola gosta tanto da vida! Nunca se jogaria do parapeito, apenas se fosse para sentir o cheiro do vento e experimentar o gosto de voar um pouquinho. Morena ria-se, ria-se, ela era melhor no jogo, nunca se esquecia de nada, talvez fosse muito menina ainda. Histórias que a avó desfiava, canções que raiavam na madrugada, palavras que o casal vizinho transtornava aos berros, Morena guardava tudo. Lola afagou-lhe o queixo, um carinho para afastar as trancinhas da orelha da menina, e deu-lhe um beijo estalado.

– Você é linda.

Sem falsos recatos, a menina riu e desfilou com sua boca charmosa, dentes levemente tortos, pré-adolescentes selvagens naquele corpinho esguio. A luz inundava o cômodo que era sala, era copa e cozinha da casa. Lola raciocinou pela quinta vez, poderia morar sozinha mais



ao centro, quiçá num lugar decente e somente enviar dinheiro para as duas, uma vez ao mês bastava. Contudo, retrucava o aperto, preferia assim, persistir perto da velha, velar seus últimos anos, espiar a menina que crescia, tentar arranjar uma família para as três. Na realidade, devemos convir que Lola inventa um pouco quando afirma que mora por lá, ela permanecia dias na zona central da cidade, com freqüência descola onde dormir, alguns pequenos favores que qualquer mulher jovem e esperta conseguem pagar. Talvez a própria Lola gostasse da idéia de ter uma família, mesmo que meio emprestada de um sangue de segundo grau. A velha era sábia e não dava trabalho. Não era avô de sangue. Pronunciava ditos estranhos, muita besteira, agora que se alembra de dialeto antigo – língua que haviam soterrado completamente, houve época em que era proibido fazer magia negra. A velha fazia muita magia. Lola respeitava-a, assim como os vizinhos e a menina. Eles escutavam com os dois ouvidos espichados o que ela proferia. E a velha prestava atenção quando os mais novos falavam, com sua calma de charuto, daqueles de rachar o peito. Lola raramente encontrava-se com as duas, dedicava-se a visitá-las no máximo poucas horas por mês – não era maldade, trabalhava muito e havia dias que ali era longe demais para se retornar.

Pelos dedos que tateiam as paredes, afrescam-lhe ainda as memórias do avô ruço pelas divisórias de rugosidades caídas. Um velho escuro, alquebrado no passo e na bebida, um pouco cego pelo diabetes, de cheiro profundo nos mistérios e carinhos. Um dia, a partir de seus 80 anos, a vizinhança inteira inventou uma grande festa de aniversário, não se sabe motivo, talvez para desanuviar as tristezas com abespinhadas felicidades. Mesmo Lola, neta de sangue, não sabia ao certo os por quês de tanta festa, o velho alquebrava um pouco louco.




Pareciam que queriam obrigar, está tudo muito bom, Lola! – e se quisesse discordar, bem, cada um tinha direito a uma opinião, não tem? Velho ultrapassado é coisa de se jogar fora. Na grande festa, durante os festejos de rojões, somente Lola procurava as atenções do avô, suas expressões com os sobrolhos. Até hoje os vizinhos çaçoam de Lola, embora ela afirme convicta o fato: ouvi-lhe as últimas palavras. Quem irá acreditar? Todos dançaram, rodopiaram, beberam, uma baita festa aos beijos. No dia seguinte, com o fogaréu dos padeiros madrugadeiros, a notícia alastra-se: o avô sumiu. Mistérios rasos e divagações pelas calçadas. Alguns especulam: morreu e reencarnou em uma feiticeira na cidade vizinha. Outros segredam em voz esganiçada: virou mendigo. Lola acreditava nessa última. Adquiriu o hábito de fitar com perspicácia os mendigos do caminho, eram muitos, às vezes ignoravam-na. Moeda nunca, dinheiro pode ser coisa do diabo. E ao avistar um amontoado de andrajos de cores indefiníveis, rezava para dentro, que reconhecesse a voz amiga e que os seus dois olhos virassem quatro, iluminados pelo encontro, dois rostos, e então seria um dia de festa. E todas as histórias do avô voltariam a ressoar por seus cabelos e amanheceria novamente. Lola amuou-se do jogo, estava atrasada.

– Preciso ir ao Moçambique hoje – afagou novamente a orelha da menina.


Morena apenas retrucou com olhares, o que mais poderia acrescentar? Lola persiste:

– Tenho que comprar uma lembrança para a Valquíria, ela vai embora hoje à noite.

Ambas estarreciam-se perante as misteriosas pecinhas espalhadas pelo chão – o jogo era constituído por figuras pequenas e laqueadas, todas inicialmente viradas para baixo, exibindo a mesma face inversa uniforme do xadrez







cinza com lilás. A jogadora da vez viraria uma peça para cima. A figura exibe-se vistosa e sabemos que possui um par correspondente dentre alguma das outras. A graça reside assim na capacidade das jogadoras, por força da memória, adivinhar qual das outras figuras viradas para baixo completaria o par. Entretanto há algo que incomoda Morena: com o tempo estavam perdidas algumas e, mesmo com acordos prévios para que o jogo fizesse sentido momentaneamente, muitas das figuras restavam solitárias e confusas. A mais velha ainda enevoava-se em pensamentos difíceis sobre a mulher que se jogou da janela do apartamento – Lola não tinha tempo para isso, precisava ganhar a vida, ajudar aquela menina, varrer a sala. Acariciou a renda um tantinho puída na barra da saia florida da prima e estalou mais um beijo em sua orelha. Desistiram do jogo, estava atrasada.



Lembrou-se ainda de agarrar a bolsa de crochê, aquela predileta – fora uma velha manca das redondezas que bordara, uma lindeza, calçou sandálias vermelhas entre os dedos pintados do pé, dez joaninhas apressadas. Antes, borrifou água duas vezes no rosto para evitar que, com o calor, a testa brilhasse oleosa, passou batom vermelho-escuro que lhe ressaltava a cor da pele e colocou perfume nos lóbulos das orelhas. Morena pediu, “quero passar batom”, e Lola, “só um pouquinho”. A menina despontou rebolando pela sala de tão bonita que ficou e depois deu um abraço gostoso em Lola que já esta pronta para sair.




O ponto. Ônibus é que não chega nunca. Era seu dia de folga, o céu estava limpo, alto, ventava, as crianças chutavam bola aos gritos ali na frente. Outro poderia inquirir se não era um bom dia para descansar em casa. Mas as ações de Lola são certamente encadeadas – ela possuía tão pouco tempo!, – era preciso ir agora ao Moçambique e comprar alguma coisa para Valquíria. Um







carro enferrujado roubou dos berros das crianças o privilégio de espatifar o silêncio e ainda buzinou para Lola. Imbecil. O ônibus um dia aconchegou-se à calçada, pesado e repleto de gente arrumada, arreganhou a boca com batentes de borracha, Lola entrou e pagou a passagem. O cobrador era do tipo imperceptível – o homem comum – a cara macilenta devolveu o troco endereçado ao decote. Não havia lugares vagos e a nave chacoalhava com vigor. Na exata metade do veículo, três moleques estupravam o ouvido dos demais passageiros com música alta, não se tratava de falta de tecnologia em fones de ouvido, reside nesse ato um propósito bem definido: encher o saco daquela gente arrumada. Os demais logo se acostumam ao incômodo, emudecidos resignam-se fitando o chão no pouco espaço. Os garotos igualmente não se fazem de rogados e, após umas sacolejadas e faróis verdes, reforçam com a cantoria dos dizeres ritmados proferidos pelo inseto escuro do aparelho de som. Os desejos proferidos na canção são: estuprar, roubar, carro do cara, a mulher do cara, um resumo expiatório sobre tudo o que todos queriam, mesmo que seja por um relampejo no fim do dia. E reiteram o refrão: estuprar, roubar, o carro do cara, a mulher do cara. O chefe de Lola elogia seu traseiro na mesa de bar, e ela ainda, que dava duro que nem uma égua e saía calada, Morena queria cursar uma faculdade algum dia, tão novinha e já com essas preocupações, os passageiros procuravam arrumar-se, proteger-se da melhor forma possível, engomadinhos, e aqueles moleques enchiam o saco.

As têmporas e a testa latejavam. O veículo paquidérmico estacava no meio do trânsito, as luzinhas na avenida alistavam-se moles, escurecia na cidade. Talvez esse sufoco fosse o céu, ameaças de temporal. Um pouco de medo de retornar sozinha, desacompanhada. Mais um




farol e os prédios corriam apressados, já surgiam lanchonetes luminosas e bancas de jornal. Em breve estariam no centro. O sol calou-se entre nuvens escuras, um cinza forte que silencia qualquer azul que se manifeste. Prosseguia, os moleques eram bodes de chifrinho, cantorias e mau cheiro. Os ouvidos dos passageiros possuem paredes recém construídas pela força do habituar-se. Restringiam-se a fitar a rua com suas roupas envidraçadas bonitas. Subitamente brota, entre o espaço das sobranceiras espessas de Lola, o botão da dor. Que rápida percorre como trepadeira o couro cabeludo e arremata-a com a flor da náusea. A tempestade armada fazia noite no percurso do ônibus.



Entre Lola e os moleques há uma fileira de bancos e pessoas com fisionomias tão imperceptíveis como as do cobrador. Calculou por um instante. E foi. Num tranco, agarrou com a mão direita de unhas vermelhas a grande tecla, olho do inseto aparelho de som, cegou-o em cheio. No mesmo impulso, volveu a cabeça. Pressente olhos que transpassam suas espáduas e costelas. A cara macilenta do cobrador com seu mau hálito de dentes amarelos ilumina-a em cheio com a lanterna do desprezo. O ônibus prossegue em seu sacolejo e faces voltadas ao chão ou às janelas embaçadas. Aquela carantonha cobra mais uma passagem, vira a catraca. O silêncio são os escapamentos furados pelas avenidas.

Os moleques dão risadinhas, no início cheias de pregos, e, aos poucos, baliam desembaraçados, quase felizes. Lola importava-se e sabia que, às vezes, o carinho tem forma ardida, chineladas à borracha da mãe esquecida. Os garotos ressabiados, quase felizes.


Dá o sinal. Desce a 8 quadras do Café Moçambique. Estacou na calçada. Esfrega as mãos, palmas suadas, abraçou-se – alguém poderia horrorizar-se, meu deus, e



se aqueles meninos estivessem armados? Prosseguiu nos passos surdos, braços retensos – Lola não fazia o gênero de se amedrontar por meninos, recordou-se de Valquíria e do Moçambique, da Morena e da avó. Seria mais perigoso ficar ali paralisada, tratou de pisar séria com a bolsa segura entre o cotovelo e as costelas. Valquíria tem pele fina, não tão clara assim, marcada de sol ensardecida como se houvessem salpicado canela em pó por suas mãos de voz firme e grossa. O rosto um pouco quadrado, queixo pesado talvez masculino, uma mulher bonita. Desde quando se conhecem? Não faz muito, o tempo no globo possui uma rotação fugidia. Os acordos sobre entulho, a implosão da penitenciária, o chefe designou Lola para uma reunião e lá estava Valquíria com uma barra de saia florida. Empatia súbita que talvez rendesse favores administrativos para ambas, possibilidades de pequenos negócios, quem sabe? Lola poderia receber, quiçá, uns trocados por algumas informações. Contudo, o que mais chamuscava as orelhas da garota, como um brilho de pepita na lama do garimpo, era a idéia de relacionar-se com Valquíria, posar lado a lado com a executiva, independente. Não seriam tão diferentes assim, no fundo, consola-se. E por onde reorganizar as idéias? Provavelmente pelo fato de que Valquíria iria embora, acontecimento que esmaga quaisquer planos de castelos em nuvens.

– A validade.




: esse foi o esclarecimento que escutou dos lábios da outra – estavam à mesa, comida ordenada por telefone, entre embalagens de plástico e luzes brancas. Invariavelmente é tarde demais e Valquíria já se dizia com passagem comprada, malas arrumadas, contrato de aluguel quitado, burocracia que parte empacotada, embalada e selada. Lola ouviu igualmente a outra discorrer que




raramente morava na mesma cidade por mais de dois anos seguidos, sim, gosto de cidades novinhas em folha. E pronto. Havia a irmã, entretanto, e isso não é abordado por Valquíria, ela cala-se e escolhe mais um cigarro curto do maço. Entretanto, com aqueles minúsculos trejeitos que cortam o ar, Lola contamina-se e percebe o plano maior que as envolve, embora reste quieta – não seria seu papel evidenciar gestos ressentidos, a narrativa deve lá serpentear seus meandros, senão seria um artigo masculino. Valquíria irá partir. No trem que nunca pára, mas freia, escancara as portas, recolhe as portas e acelera, acelera. Provavelmente isso é o que chamam de liberdade.

O couro da sandália pede-lhe atenção até cortar a lateral do pé. Lola não quer que Valquíria vá embora. Tratou de parar de choramingar, os céus trovejavam. Apressou os passos das dez joaninhas, era possível avistar o luminoso “Café Moçambique”, um lugar de estirpe. Fulgores sedutores e muito barulho ecoam na cabeça de Lola. Adentra ao recinto envidraçado e percebe com certo pânico: estavam fechando. A vendedora não disse boa tarde nem boa noite, postava-se cansada e a fisionomia assinalava o horário em que não se ganha mais comissões baratas. Outra hipótese é que Lola talvez não tenha a aparência de cliente padrão da loja, com a testa brilhosa de suor, perfume contrabandeado. Mas sempre existe algo, a pedra da dúvida: Lola é uma mulher bonita e mulheres bonitas são boas clientes. Decidido isso, a vendedora murmurou um “boa noite” engolido de forma escura e apontou a placa de liquidação já apagada com algumas porcarias diversas. Eram vasos vistosos. Mas Valquíria ia viajar e não seria prático presenteá-la com um vaso.


Lola desconsola-se perante as miúdas placas indicativas dos preços. Acaso aquilo era considerado uma liquidação? Fitou ainda com gula os aparelhos de louça.



Nada versáteis. Percorreu a pequena loja, que a cada passo se preenchia de novos desejos e objetos: bonequinhos espirituosos imiscuídas a totens primitivos, vidros de tempero (pareciam pequenos pássaros!, jóias envidadraçadas), panelas brancas, facas de estripar porcos, caixinhas laqueadas. Lola acariciava as coisas com suas superfícies lisas. A loja era indefinível, caleidoscópica, era impossível a garota perceber tudo o que ali continha, embora após algum tempo de perambulação estreita pelos corredores apertados, a garota acabava por perceber que a falta de um estilo tônico entre as mercadorias era exatamente o que definia o próprio estilo da loja e conferia a tudo certo ar de indistinção entre pelúcias, cutelos e chaleiras.






A traquéia de Lola enroscou-se feito um anel de aço, ah, se sua avó enxergasse tudo aquilo!, ficaria tão feliz, contaria às vizinhas, que não acreditariam, – que besteira, quem precisava daquelas porcarias? E são caras, tremelicou. A vendedora agora certa, a garota não era uma cliente tão bonita assim e sentenciava:



– A loja fechou, moça.

Lola assusta-se e aproveita os derradeiros segundos para uma última espiadela com as mãos. Não fora capaz de escolher algo. Seria possível não existir escolhas? Uma música fanha ressoa tranqüilizadora, melodia sem vontade, um som de hotel, de elevador de hospital, de sala de reunião monótona. A vendedora era indiferente àquilo tudo, com seu rosto comum, imperceptível como o do cobrador no ônibus, o horário isso importava.

Cabisbaixa ante o mau hálito da vendedora, Lola reconheceu: não haveria mais pretextos para encontrar novamente Valquíria. De mãos vazias, sem nada que pudesse unir materialmente as duas, restaria sozinha. Abraçou-se com força, a bolsa bordada contra o peito,




abaniu os brincos e retirou-se da loja. Fora, na ausência do ar-condicionado onipresente, de repelão uma onda de calor deu-lhe um sopapo. Lola ouviu os batuques do boteco próximo e permaneceu estarelecida na calçada. A umidade daquele lugar embaciava seus ouvidos, umas lágrimas bobas queimar as bochechas, a sandália lascava lanhos na carne, a boca muito vermelha, cheia de dentes.

iii. matinal

: VALQUÍRIA




O DIA de Valquíria começa com alarmes. Inicialmente, o timer da cozinha. Longínquo, como um velho apito de fábrica, navio com voz estranhamente fina que se despede ao fundo. Após, pronuncia-se o rádio por meio de uma balada antiga realinhavada e cerzida, novidades da música eletrônica. Aproveitando-se do gancho laçado pelo singelo dueto, em um crescendo adentra-se com a melodia principal do despertador que, genioso, a cada dia elege sortidamente um sample para tocar. E ali, naquela harmonia de seu mundo, o sonho de Valquíria ressona denso e, mesmo que esfregue os olhos, não conseguiria acordar. A vingança da cama é isso: deixar-nos ali mais tempo que o necessário, como uns coelhinhos na panela com as patas de fora. A poeta já dizia, a cama é cozinheira, a cama nem tem o trabalho de mexer a panela. Valquíria sente-se cozida como couve-flor, deitou-se há duas horas, dado que a madrugada se esvaiu em cruzada correspondência eletrônica com o advogado. Fecharam todos os detalhes do acordo. Ela havia trabalhado até tarde no escritório, aguardando o e-mail do fornecedor de entulho. Quando finalmente a confirmação se fez, caminhou até sua casa e ligou novamente o computador para teclar com o advogado – precisamos fechar os detalhes!, esperanças reluziam e a noite transbordante de energias foi diluída no barulho confortável do teclado tec toc espaço ponto,





uma perfeita pianista refletida em composição a quatro mãos contra o oponente do outro lado da tela. Isso foi a madrugada. Agora os alarmes entoam, vamos, Valquíria, o tempo. O dia começa.

O tempo suprime-se no espaço entre paredes próximas – o apartamento que alugara pertencia à firma, um tipo pequeno e funcional. O pé-direito é alto, o que proporciona uma sensação de abertura, ah, a liberdade conjugada à grande janela espreguiçada. Da janela é possível avistar o firmamento formado pelas luzinhas do prédio da frente: os vizinhos já estão em pé. Contudo, o apartamento de Valquíria não passa de uma quitinete ampliada: inicia-se com a cozinha e área de serviço, esta minúscula e demarcada somente pela mudança de cor no piso azulejado, ambas muito arrumadas e assépticas, como se nenhum ser humano pisasse ali – com exceção da geladeira com prateleiras reticentes e do forinho para congelados; logo em seguida perfila-se o banheiro, arrumado diariamente pelo serviço de limpeza terceirizado, limpo e branco, com irresistíveis últimos lançamentos em cosmética. Ao final, bate continência apenas um cômodo maior com a versátil postura de servir como sala de jantar, sala de estar, escritório e dormitório. A decoração impõe-se em conformidade com a época: móveis com o predicativo interessantes, entremeados de miniaturas de estátuas clássicas e orientais, a empresa ainda mantivera dependurados pelas paredes quadros de artistas plásticos, cujo trabalho patrocinava. Valquíria gostaria de modificar a decoração, talvez grafitar as paredes (está em voga), o imóvel pertence à empresa e não seria conveniente tal atitude.


Enfim, ergue-se decidida, chega de camas cozinheiras!, em pé, iça a própria, encaixou-a debaixo do móvel, onde guardava as roupas, e assim o que até então era



um quarto de dormir despertava na aparência de sala de estar. Elegeu uma camiseta de flanela branca com um zíper na diagonal, uma saia florida e um chinelo. Lembrou-se: a mochila, e saiu. Porta. Elevador. Antes, deixou avisado que podiam sim limpar o quarto, por gentileza. Penetrou pelos corredores até estacar ante a lanchonete do condomínio, enjões terríveis, a falta de sono, por favor, um café apenas. O estômago reage em cabriolas. E um suco de frutas em lata para engolir os comprimidos. Com a cabeça livre de pensamentos a manhã parecia mais fresca, a luminosidade fazia sentido a sua pele clara e, aos poucos, a excitação pelo projeto de dia animava suas sobranceiras e então foi até o galpão onde fazia ginástica. Valquíria nunca possuía um automóvel, ela viajava demais. Precisava ser prática. Há algo de livre em usar os próprios pés.




O galpão abria-se em amplas vitrines pela frente – é possível avistar da rua as pessoas que pedalavam ou corriam na esteira logo cedo. Pessoas com ritmo. Disposição. Valquíria adentrou sorridente e cumprimentou a recepcionista, – havia muitos turnos, seria a mesma de anteontem? Valquíria sente-se à vontade suficientemente para cumprimentá-las todas com um beijo cordial. Mais um corredor e vestiário, vestiu o maiô. Como todos os dias, sentia-se branca, uma bexiga de boi à venda, – como seria bom tomar sol às vezes! O marulho de ondas e farfalho de areias balançaram seus cabelos – tudo tão súbito. Ferrões na friagem do piso agulharam sua pele, eriçou-se. A noite teclando fora dura, perigosa, enfagalhada de armadilhas, o advogado não titubeava, ao menos profissionalmente, certo com a faca entre os dentes. O assunto foi somente trabalho. Riscaram projeções, afiaram termos técnicos, decuparam porcentagens e alocaram pessoas. Frieza, um abraço é a assinatura. Logo com Valquíria, sempre tão informal com






sua equipe, e este, com quem trabalhou tanto tempo, agora era um profissional. Babaca. Dicionários acorrem-me aos borbotões – origem etimológica da palavra babaca, um machismo terrível, arrisco afirmar que se fosse atributo positivo estaria relacionado ao aparelho reprodutor masculino. Babacas. A bexiga do boi moveu-se e circundou com temor a balança que estava, estrategicamente, localizada diante da porta da piscina. Um abraço é a assinatura.

Inspirou o ar clorado e úmido, tentou desfazer o abraço solitário, um apertado nó de seus braços contra seu próprio tronco. Obedeceu aos estímulos de imitar os aquecimentos do professor, intenções moles espreguiçadas, ah. O professor é branco com pêlos ralos, voz engolida, ou seria o efeito das manhãs? Preferia o dos dias anteriores, esses rodízios entre professores raramente agradavam, a sorte é que estava de passagem por ali e não precisava fazer amigos naqueles lugares aquáticos. Valquíria experimenta-se enlarguecida, bate os pés para fazer espuma, que barulho, aquieta-se. Obedeceu às ordens lentas, a empresa custeava suas aulas de ginástica à vista e é recomendável aparentar saúde e vigor – acaso assim não fosse, a firma não adiantaria as parcelas de sua atividade física. A música pelas manhãs, o DJ residente escolhia clássicos de pistas de dança. E Valquíria logo era um imenso balão a flutuar nos azuis e lilásés do céu, o futuro, as horas, ora transmuda-se em baleia às profundezas, ora uma peixinha lépida, com memória de duração súbita de cinco minutos, e assim não havia noite insossa, não havia nada além dos pés a bater furiosos contra a dureza da superfície, o barulho que ouvia debaixo de centímetros n'água, ao longe. Ao tentar equilibrar-se em pé, percebia o vapor ralo de maria-fumaça cansada a desprender-se do azul, e olhou o corpo inteiro dentro




d'água, os pés tão próximos!, como se tivesse comido um bocado de cogumelos mágicos e o tronco tivesse encurtado, seus pés batiam contra o queixo. A sorte é que, com sua memória de peixe, esqueceria tudo aquilo numa piscada, mas peixes não têm pálpebras. Alegrou-se novamente e alertou-se, o professor já chamara sua atenção (como se fosse possível punir alguém por ali) – Valquíria acenava, obedecia, esforçava os tendões, eles rangiam, rangiam surdos dentro d'água.

Perdia-se na contida imensidão de água tépida. Contudo, avistou, na outra margem da piscina, o início da aula de natação para deficientes físicos. Dir-se-ia comovente, Valquíria tinha ciência sobre aqueles contratos: uma outra empresa havia estabelecido um convênio com o galpão de ginástica e agora financiava aulas para três deficientes em troca de benefícios tributários, uma forma solidária que o país adotara para melhorar a qualidade de vida daquelas pessoas. Apresentaram-na um projeto semelhante há algumas semanas, com fotos e depoimentos em vídeo – entretanto, agora ela compartilhava a piscina com eles, emocionou-se. Os dois primeiros chegaram ao recinto aos trancos em muletas, homens de peitoral amplo e definido, é impressionante o que fazem com as pessoas nos dias de hoje. O terceiro era uma mulher e veio deslizante na cadeira-de-rodas, soberana e tranqüila. Uma mulher bonita, o corpo bem servido de carnes dentro de maiô estampado com um logotipo que lhe acentuava os seios. Em seguida, a equipe de cinegrafistas carregava os equipamentos para registrar a cena. A memória de Valquíria avivou-se: então é verdade que produzem um filme sobre esse programa de incentivo! Que alegria, pensou em bater palmas, embora sentisse o frio arrepiado da paralisia irritada que necessitava de movimento para não se afundar. Fora d'água, a instrutora maternal envolveu

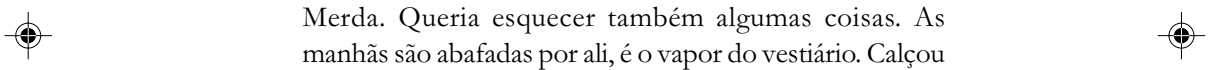


o maiô patrocinado com uma bóia inflável em um gesto materno. Sem se fazer de rogada, a outra mulher em resposta abraçou a primeira em torno do pescoço e lançaram-se ambas no azul. Contudo, a instrutora, na pressa heróica frente às câmeras, esquecera de tirar sua própria camiseta, fato que gerou risadas abafadas pela piscina. A camiseta submergia como uma grande água-viva à vista, caravela inflável. Um dos cinegrafistas não perdera a seqüência e agora fazia close no tecido inchado e flutuante. Mas a aluna, como uma pequenina sereia, não se abalou e tratou de exibir às câmeras o que sabia fazer dentro d'água. Em poucos segundos, o encanto esvaeceu e os professores gritam resolutos aos alunos na piscina, Valquíria afia-se em braçadas, a servente continua limpando o vestiário. Entretanto, o cinegrafista inebria-se pela pequena e focaliza somente as costas entre frestas de maiô da sereia, aquilo seria a matéria bruta do filme promocional – ele sentiu, é preciso explorar, escavar, subtrair esses pequenos fragmentos antes que se tornem espuma em vagas eletromagnéticas.

A aula era finda. Valquíria, ao palmilhar desequilibrada, elegeu a ducha. O estômago desconcertou-se como um violoncelo, sons escuros roncaram na barriga – mas que inferno, hoje o almoço seria salada e estava longe dali, a não ser que o negociador desse notícias. Um arrepio pelo frio? Talvez melancolia, parecia que ia chover a qualquer momento, recontou a dose recomendada de fluoxetina, dentro de uma hora faria seus efeitos junto com a natação. Hoje seria a reunião e veria o advogado, afastou, entre respingos do chuveiro, os pensamentos da cabeça, onde estaria agora sua memória de peixe, Valquíria? Enxuta e imersa na toalha felpuda que forneciam ali, dirigiu-se até o espelho assaz embaciado, não se importou, aquele vulto no espelho era um outro




eu que a queria ver pelas costas: passou muito pó pelo rosto, uma linha fina de batom demarcando os lábios duros, lápis preto aos olhos. Gel protetor, assim os cabelos avermelhados para não ressecariam com o ar-condicionado. Quase pronta e dentro do horário. Tocou no tecido: uma barra de saia florida, um abismo de renda barata. Apetrechou-se. Agora a sandália. Altíssima. Antes, redesenhou com as mãos lambuzadas de creme o calcanhar liso – com o tato avistou na curvatura da planta do pé uma silhueta de mulher, um instante desenhado apenas por uma perspectiva. Perderia a hora naquilo, conferiu os dedos descalços pintados de esmalte, pressionou toda a pele dos pés contra o chão, até sentir que quase não havia mais ar entre ambos. O retorno. Tão simples. Poderia ser assim. O calor, como a luz que brotara entre a sola dos pés e o chão, apalpou-a em cheio bem no meio das pernas. Merda. Queria esquecer também algumas coisas. As manhãs são abafadas por ali, é o vapor do vestiário. Calçou as sandálias de verão. Esboçou um sorriso como defesa.



: RONALD




ACORDOU mais cedo que de costume. No banheiro emoldurado por cerâmicas delicadas pintadas à mão, esvaziou a bexiga e o cutucão do fantasma acariciando a próstata fez cócegas na espinha. Com a prática da gilete diária, escanhou a face até o lustre e penteou os cabelos prateados – fios ressurgidos pelo milagre da química em comprimidos diários de hormônios; andava pela extensão do cômodo como um homem bonito. Na cozinha, fume-gante o café, deparou-se com Joana espremendo suco, a mesa posta com leite e pão perfumado. O rádio inaugurava as primeiras notícias. Beliscou um pãozinho e caminhou lentamente até a sala recém-invadida pela claridade solar. O jornal do dia cuidadosamente dobrado sobre a mesa de centro. De soslaio, certificou-se novamente sobre o horário no relógio da cozinha. Os filhos não moravam mais ali, a casa expandia-se continuamente, era suculenta a abundância da ausência. Mensalmente depositava sua dose de carinho nas devidas contas bancárias, assim permanecia convincente provendo conforto, segurança e independência aos filhos. A esposa não se encontrava mais àquela hora em casa, levanta-se cedinho, ainda no escuro, às voltas com um novo preparador físico, provavelmente as roupas seriam extravagantes demais, o excesso bem medido da moda publicada em revistas – Ronald julgava preferível manter-se distante de questões domésticas. O



fundamental era, sim, manter-se no horário. Desdobrou o primeiro caderno do jornal. O telefone toca. Nem estremeceu, Joana logo despachou o falante.

Dobrou novamente o jornal alinhando o vinco até sujar a polpa dos dedos de cinza. Retornou à mesa da cozinha. Retira uma fatia de pão do pacote plástico, ergue uma lâmina quase transparente de queijo com baixas calorias e encerra o pequeno sanduíche com esmero. O leite desnatado servido com bastante café. O rádio prossegue com suas notícias. Mastigou com calma ritmada, sentou-se ao computador, verificou as cotações, embora antes tenha lembrado de ordenar à Joana que embrulhasse um docinho à mendiga que dormia na frente do escritório. Apesar dos olhos claros, era envolta na massa puída de cobertores doados e fazia tanto frio à noite. Insistia pedindo doces, um docinho, por favor meu senhor. Ronald respeitava os desígnios de cada um, embora ficaria sinceramente satisfeito caso ela fedesse um pouco menos.




Enfim havia decidido a programação do dia, vestir-se sóbrio, um terno usado, embora clássico. Perfume amadeirado, toques de cedro constantes. Auscultou recados da secretária eletrônica, refez alguns telefonemas e largou sisuda a voz em mensagens gravadas. Finalmente, tudo arranjado. As instruções foram claras: deveria fazer papel de frouxo na reunião da tarde, ficariam fora do negócio. Sem problemas. Desligou. O colarinho cingia o pescoço com entusiasmo e o calor prenunciava gotas de suor nas têmporas. Seus passos ecoam amplos demais pela casa vazia. Há um incômodo constante naquela figuração – gostaria de morder, brigar, discutir, renegociar cálculos e propostas. A dor na bexiga cutucou a espinha. Lembrou-se dos remédios. A complexa rede de acordos em cascas de papelão. Odiava ceder, ainda assim, por telefone, largou uma gravação, com a voz empostada pela experiência,



para um intermediário que não se tinha o prazer de saber o primeiro nome. Sem problemas. Desligou. Deveria comunicar Alegria imediatamente, logo ela que preparara com tanto cuidado as transparências durante aquela semana. Gorda. Não sentia mais vontades, um dia perdido. Pestanejou, e se fosse à massagista?, assim pela manhã? Não, hoje não é terça-feira.



Cobrou respostas do relógio. O que faria então no início do dia? Não sentia sono, o café já ressuscitara as batidas de seu coração com força. Talvez pudesse caminhar ou correr um pouco. Contudo, o terno estava posto, provisionava certa confiança ao fato do dono permanecer arrumado durante a manhã. Cenas de guerra entremeadas a um anúncio de emagrecimento. Joana inquiriu com a cabeça espichada o que acontecia, na mudez adequada de quem conhece os hábitos dos patrões. Desligou.

Completava hoje três meses e seis dias. Pela milésima vez no dia, recordou-se do colega que sumira. Há exatos noventa e seis dias, o colega desligou o computador, ordenou as canetas sobre a mesa, ajeitou os papéis, despediu-se com um aceno breve dos colegas. Nunca existiu nada de extraordinário neste gestual. O hábito é a peça irritante do tabuleiro que não permite que se levante a cabeça da mesa e se olhe em torno. Ronald, assim como os outros, restou digitando concentrado, anotando ligações relevantes de final de tarde. Como todos os dias. O hábito faz com que percamos as sutilezas das narrativas. Despediu-se com um aceno dos colegas. Suicídio. Ronald tinha ciência exata do como. Sabia na língua o gosto dos calmantes. Comprimidos brancos encapsulados. A mãe do mesmo colega tinha aquela doença do esquecimento e, mesmo enferma e senil, sofria com a morte do filho sem se recordar que ele havia se matado, estranhas as



doenças de hoje. Ao fim de tudo, poucos colegas no trabalho souberam, tranquilos os comprimidos brancos – era um ato digno.


A partir dessa lição, Ronald decidiu. Contudo, só quando chegasse a hora, ele saberia quando, a cumplicidade do relógio ditaria quando. Mais uma vez, imaginou os filhos de conta bancária e a esposa de roupas de ginástica, eles mereceriam sobreviver a essa memória de pai e marido? Provavelmente assim enxergariam seu fracasso finalmente. Haveria compaixão? Uma das curiosidades que o impelia ao fato era deixar a resposta ecoar à posteridade. Entretanto, não hoje. Ainda teria a tarde inteira e o início da noite imerso em reuniões, compromissos previamente agendados. E haveria a tal festa à noite. Ocasão para gatos pardos. Hoje era dia de outros comprimidos: os azuis. Arrumaria uma mulher fácil, daquelas bonitonas, para demonstrar vitalidade aos outros homens que envelheciam. Sem problemas. O telefone estrilou novamente. Joana atendeu a ligação. Não era para ele mais uma vez. Ronald decidiu então chegar mais cedo ao escritório. Por lá sempre há o que fazer.



: ALEGRIA

O UNIVERSO pariu-se em uma explosão de frascos de perfume contra a parede do banheiro, 15 invólucros espatifados, cada qual contendo um ínfimo big bang. Entretanto, frascos de perfume não são tão frágeis quanto parecem: é necessário força, concentração e perseverança para quebrar um único contra a parede. Como a suicida que engoliu 500 comprimidos. Duração: 10 minutos. Engolidos um a um, tragados inexploravelmente na linha de montagem língua, glote, degluta. Caso a suicida suspendesse os movimentos mecânicos ininterruptos, acordaria provavelmente no hospital tetraplégica, com o fio de vida desfiando em depressão e o estômago revirado por lavagens estomacais. E ela queria paz. Dez minutos de concentração e perseverança contra a parede. Fibra. Como a suicida. O primeiro frasco foi lançado 3 vezes antes de findar em estilhaços. Os azulejos ficaram levemente lascados.

Com a suspensão das notas de cabeça no ar o frescor inicial da sinfonia de cacos espalhados acendeu, e lá se ia o segundo frasco após 4 arremessos contra a parede, cujas notas reluziam em bergamota, e lá se ia o terceiro em uma única vez certa e mastodonte e os vidros afiados já ressuscitavam acordes em jasmim e logo se escuta o cedro quente e pesado como um fagote, e lá se ia o quarto frasco contra a parede com a base de almíscar, sensual e



grave, tecendo uma sinfonia sem o ritmo pré-estabelecido duodecafônico de um improviso com as mesmas regras instáveis de uma fábrica roncando, ouviam-se então todas as lascas de vidro em um coral entremeado de notas fragmentadas, vivências ocas, gemidos de flores macezadas, eram necessários 500 mil quilos de rosa mosqueta para uma única gota de essência, um coro de baleias que cantavam seus assassinatos por conta de suas tripas cheirosas, o quinto frasco e suas cabeças ocas de perfume, eram preás gordas em gaiolas a guinchar por conta de experiências estranhas em seu pêlo, eram garotas de avental branco que trabalhavam, com concentração e perseverança, durante horas e dias em uma fórmula de rosa mosqueta, em uma fórmula de âmbar-gris de baleias, elas libertariam as baleias de caças assassinas, elas libertariam as preás gordas para serem devoradas por outros predadores, garotas no laboratório branco, asséptico, brancas como anjos elas libertariam os gatos selvagens de terem seus testículos arrancados como bolas cheirosas para pescoços muito brancos e finos de madames. O sexto frasco contra a parede: na primeira vez, cai no chão intacto, na segunda vez, na terceira vez, na quarta vez, na quinta vez e, então, na sexta vez, como se fosse um presságio demoníaco do número da besta, espatifa-se como um bólido, como um minúsculo universo que cria uma constelação de cacos e estrelas de vidro.


Como nas outras noites, a água colorida dos frascos recobre o piso do banheiro branco com pocinhas azuladas. Alegria reconhece os próprios dedos cheios de sangue, então ela aperta os cacos entre os dedos gordos e esmaltados em cerejas maduras, a dor merecida, pois dessa vez ela escolheu como queria sentir a dor: ouvindo a hecatombe de cheiros lancinantes pelos azulejos, os cortes, o sangue escorrendo pelas pernas, pelos dedos dos pés, as poças vermelhas.

Acorda sobressaltada do sonho.

Alegria procura a tomada do delicado abajur dourado ao lado de sua cama. Como nos outros dias, seus dedos esmaltados com cerejas continuavam intactos. Provou da própria pele com a ponta da língua. Um gosto salgado veio em resposta e logo o dedo cheirava a saliva, um odor de morte, de podridão de sua língua tão rosa e gulosa. O coração espremia-se contra a garganta. O relógio dedurava o sol já firme do lado de fora de suas cortinas de veludo pesado: 9:00. O alarme está programado. Em 10 minutos. Manhãs de alarme em 10 minutos eram a vida de Alegria.

Compôs os lençóis em um arranjo de dobras. Des-
trava o alarme. Decide levantar e passa as mãos gordinhas nos cabelos crespos. Espreguiça-se e lentamente procura um chinelo, outro chinelo. Com um pijama aflanelado dirige-se ao banheiro e repara que seus 15 frascos de perfumes desafiam-na intactos. “Toca” – respondem com sua superfície fria. Pequenas jóias, pássaros engaiolados e mudos, enfileirados com organização e método. Ajeita-se na privada e suas carnes ocupam todo o diâmetro do plástico branco. Alivia-se. Decide tomar o café-da-manhã na padaria. Adora as tortas de morango dali, o gosto vermelho azedinho levaria os pesadelos embora. Ela merecia um docinho depois de uma noite daquelas, um docinho.

Vieram à tona especulações sobre a agenda do dia, desejos pelo cheiro de café, ida ao escritório e logo a enfasiada reunião à tarde. Anotou mentalmente, telefonar para o Ronald. Estava tudo acordado, ela sabia, embora não soltasse nenhum pio, silêncio de concentração e perseverança. Alegria pressentia que Ronald ainda não fora avisado sobre o arranjo – ele estava tão empolgado com aquele negócio! Alegria sabia, entretanto, que não seria papel dela pronunciar nada de inteligente em sua quina na mesa de reunião, ficaria anotando com sua caneta






florida suas impressões perfumadas e mórbidas. Nada mais. Adorava manter-se ausente de fortes emoções e experiências, isso a transformava em uma sonâmbula e permitia-lhe ser gorda sem sofrer violências dos homens e das mulheres. Um dom raro o da escolha. E passou as mãos pelos seus pássaros de vidro, cada um com uma fragrância, um segredo, um som a ser aspergido em sua pele branca e suave.



Abriu o registro e deixou a banheira ser completada de água quente.

A reunião seria à tarde e pela manhã não fazia sentido ir ao escritório. Suas ausências no período matutino enchiam seu cargo de importância e respeito perante os colegas. Sua passividade era entendida como estabilidade e competência, uma obediência calma aos desígnios mais estranhos dos negócios. Financiara o apartamento, seus perfumes, suas unhas esmaltadas e isso a fazia plena, envolta em sonhos tranqüilos. A banheira enchia-se de água borbulhante e cristalina. Despiu-se do pijama aflanelado lilás que deslizou lépido como se fosse um arrepio por sua cútis delicada até desaguar em seus pés. Descalçou com frieza os chinelos macios cor-de-rosa e com um pé esmaltado em cereja, depois o outro, adentrou nas águas matinais, um peixe de oceano domesticado. Submergiu por inteiro no vapor. O alarme tocou por 3 segundos, não foi bem-sucedida em desarmá-lo. Logo músicas de outrora invadiram o banheiro branco e o locutor, com voz suave como o pijama lilás, anunciou um restaurante. Alegria suspirou.

Comichões. Entre as pernas que seus dedos de cereja logo trataram de apaziguar, entretanto, eram dedos tão delicados que provocaram o efeito inverso, o incêndio – de início, como pios de pássaros engaiolados nos frascos de perfume, logo em seguida, no roçar mais forte e






constante, como a mastigação de uma torta de maçã, mais rápidos. Suas manhãs eram de suaves lilases e chinelos cor-de-rosa. Deu um pequeno grito de bebê e sua fronte apontou minúsculas gotas de cristal em forma de suor. Relaxou e então se tornou uma rã pimenta em um brejo tropical, cujas águas turvavam lamacentas, escuras. O rádio com suas músicas de baile afogaram-na em alguma lembrança desagradável soterrada pelos anos. Ergueu o corpanzil da água e alcançou a toalha felpuda com ratinhos bordados. Passou os camundongos levemente por entre as pernas para que suas caudas provocassem cócegas. Úmida e branca procurou o talco perfumado e sentia-se agora como uma donzela mui nobre, com suas aias a prepararem a toalete. Escolheu um de seus pássaros de vidro tão preciosos e borrifou a quantidade exata nos pulsos e depois dividiu o aroma entre as dobras do pescoço e as dobrinhas atrás dos joelhos.





Nomeou-se por uma roupa sóbria, apanhou os óculos e ajeitou o cabelo bem cortado em um cabeleireiro da moda. Apesar do peso e da idade, era uma mulher digna. Agora o espelho apenas passava informações sobre a cor da roupa – observações críticas eram oblíquas. Escolheu a bolsa adequada para combinar e lançou os badulaques dentro: carteira, batom, escova de cabelo, guarda-chuva, chaves. Estava pronta.

Dirigiu-se até a padaria na esquina. Um lugar bem movimentado, mesmo àquela hora que era propícia para quem acordava mais tarde. Alegria tornava-se apreensiva ao andar pela rua. Apenas até a padaria. Utilizava sua sandália bordada. No mais, adotava o automóvel – e o subsequente estacionamento. Mesmo na hora do almoço, preferia ir dirigindo até o restaurante onde o manobrista acolhia aquele pequeno inseto metálico negro e o estacionava. Retornava à empresa deixava o carro no



estacionamento do edifício, 2º SS. O médico recomendava: faça caminhadas, Alegria. Ela comprara uma esteira. Mesmo que fosse interessante andar a pé pelas calçadas – e ela adorava exibir seus pés bem feitos – porém, era questão de segurança. Andar, somente de carro. O ar-condicionado também era uma questão de segurança – os vidros devem permanecer fechados. Na rua há assaltos e caminhar ali não era recomendável. Entrou no quarteirão da padaria, o dia quente rebrilhou no asfalto, pequenas estrelas de mica reluziam, formando o firmamento em seu chão de estrelas diurno. Alegria tinha medo e não reparava que pisava nos astros distraída.



Na padaria, sua mesa de sempre estava vaga. Um pequeno trono a ser ocupado. A mocinha que anota os pedidos estendeu imediatamente o cardápio. Antes, porém, Alegria já sabia o que queria. Uma ousadia em plena manhã. Estremeceu. Depois de pesadelos, era preciso. Joana, uma fatia de bolo trufado, por favor. E um cafezinho. A garota franzina rabiscou um papelzinho.

Em 10 minutos, a fatia de bolo foi servida. Imponente e dura, um triângulo de desejos que o garfo excitado logo desbasta, apalpa sorrateiro a maciez adorável daquelas camadas tão delicadas e libertinas, lábios de vícios fundidos em chocolate. Com concentração e perseverança, Alegria introduz um bocado generoso à boca pintada. A língua logo se amplia, único órgão em seu corpo. Sinistra e arrebatada, ela devora os outros bocados. Discretamente, olha ao redor. Será que alguém havia presenciado seu apetite? Havia apenas uma mocinha escura sentada, olhando a aula de dança na galeria ao lado, mas aquilo para Alegria não era ninguém, tinha-se claro.

As manhãs de Alegria eram lilases.

iv. aprestos

: LOLA e VALQUÍRIA

MUITA sorte, teria tempo de tomar café. Portava-se com gosto estranho na boca, como se tivesse comido ovos crus, carregava uma pequena sacola nas mãos, que continha a roupa da festa da noite anterior, sapatilha roxa estragada nas pontas sujas. Na cintura, mantivera a faixa lilás. Esmagada pelo peso, pelos dois homens e dois hotéis decadentes. A cabeça latejava um pouco, turvava-se a visão, mas tudo daria certo com um café e um pão na chapa. A aspirina tinha engolido a seco. Teria que redigir a merda do relatório ainda pela manhã.

Entrou na padaria lotada. Entre as cabeças sem palavras pelo horário, avistou a mulher. Lola fascinada. O que Valquíria faria ali? Não estava ela de partida para o exterior? Os pêlos dos braços arrepiaram-se, queria ir dizer oi, cumprimentar, contudo, o quê – seriam amigas? A dor de cabeça começava a descartar recordações da noite, um pouco de vergonha com o carmim das faces. Não havia se passado nada. Seria isso a vergonha? Lola, maquinalmente, retira a comanda, resgata a bolsa de crochê do balcão de sorvetes, permanece em movimentação constante. Não houve outro jeito, mal levantou a cabeça e cruzaram os olhares. Talvez a ruiva acenasse, não se sabe ao certo: não fora um movimento expansivo, quase um tamborilar numa parede invisível com os dedos inquietos, embora pudesse ser considerado indiscutivelmente um

aceno. Lola correu aos dedos lépida, o coração explodia pelas orelhas.

– Bom dia, querida, sente-se. – Valquíria apontou com o queixo duro a cadeira. Lola descabia-se naquelas cadeiras, com toda sua inquietação nos quadris. Beijaram-se nas faces. O perfume recendia a manhã, laranjas e limões que se desenrolavam pelos ares após notas florais, quiçá alguma rosa selvagem que se imiscuía na fumaça dançarina. O decote recortado escondia pequenos seios, a pele do rosto muito maquiada, uma grossa camada de base acetinada, lábios pintados de vermelho forte e óculos escuros. Indefectível. As mãos brancas com pinguinhos de canela polvilhada.

– Você está com uma cara de cansada.

Ante a observação, Valquíria expeliu um riso opaco e moveu os óculos, fio de guilhotina escura que se eleva, descortinando seus olhos em tons ora negros, ora esverdeados.

– Obrigada, são raros, os comentários sinceros são raros. – Tragou o cigarro. Estranhamente ambas despejaram na seqüência frases engatilhadas. E logo desataram a falar. Lola ainda tentava desculpar-se pelo comentário infeliz, mas sua observação idiota divertira a companheira. Matraquearam até Lola filar um cigarro de Valquíria, era um desses mais curtos, modismos para parar de fumar. Uma sorte fumarem juntas, evitavam assuntos ruins. O moço da lanchonete acenou para Lola com olho meio guloso, anotou os pedidos: um café com espuminha de leite, não, dois, pão com manteiga. Isso encerrava aparentemente o tópico sobre a cara de cansaço.

Quando o ritmo da conversação caía, fitavam o cinzeiro com os bastões brancos marcados de batom, dispostos como um pequeno relógio de cinzas.

– Ontem a música estava boa – Valquíria concordou vagamente com a cabeça.

A chegada da bandeja muito cheirosa encerrou a conversa por completo. Lola normalmente comia no balcão, não que cobrassem mais caro para sentar em mesas, mas não se sentia bem quando a serviam e sempre estava tão atrasada! Essa familiaridade com o balcão é que permitia que o rapazinho roçasse os cabelos de Lola com a largueza de um dos braços. Embora possa ser mera imaginação o sentido lascivo desse gesto. As xícaras foram distribuídas. E um pedaço de torta de maçã. Valquíria deu uma piscadela. Sim, dividiriam a torta!, um pequeno pecado – antes de começar o dia, doces são mais caros que de costume.

A padaria atingira seu ponto máximo de lotação pela manhã. Ao fundo, falatório dos chapeiros e garçons, barulho de louças e o ar abafado já impregnado de tabaco. Uma gente bem vestida e cheirosa, com que dinheiro se colocavam assim, com aquele porte todo não era para se adivinhar. A grande maioria pedia um café, pago à vista – o hábito inverso das tais suaves prestações, com as quais se pagavam as roupas, os perfumes e a maquiagem daquela escravidão branda de acordar cedo, vestir as meias, lambuzar cabelos e logo estarem nas ruas, prontos e com sono, mas tão arrumados. Tão arrumadinhos e pedindo cafés no balcão da padaria. Valquíria segredou entre um gole:

– Eu não devia ter pedido a torta.

– Por quê?

– Regime, não sei, é muito cedo para tantas calorias. Sei lá, quando pedi estava meio triste, sabe, desiludida. Agora já foi.

Lola comentou (agora acertadamente delicada) que toda mulher hoje em dia queria ter 3 quilos a menos. E ainda que Valquíria estava ótima. As palavras soaram um pouco como folhas ilustradas, porém, o efeito foi positivo numa grande garfada repleta de chantili.



Calaram-se, o que não significava estar entre silêncios, eram pratos que se chocavam, copos e talheres que rangiam, barulhos animados que disfarçavam qualquer falta de vozes ou risadas. Naquela hora da manhã, era engolir o café, dar uma passada de olhos no jornal estendido no balcão e apressar o trote ao trabalho. Contudo, tocavam-se todos pelo barulho.

Subitamente, Lola imaginou que Valquíria pudesse gostar de sua pequena descoberta

: ali, ao lado, através da parede de vidro, havia uma aula de dança de salão. E todos os dias, no mesmo horário, era possível assisti-la sem ouvir a música. Lola disparou a contar com detalhes que era engraçado observar as pessoas dançando e não ouvir a melodia. Valquíria fez alguma careta que significaria desprezo, não era dada a imaginações. E, no momento, o salão estava escuro ainda e fazia lembrar um aquário onde os peixes dormiam profundos. Lola tremelicou.




– Quer ir na minha casa hoje, no final da tarde?

Ante o disparo de Valquíria, Lola queimou a língua com o café, não conseguiu responder à interlocutora.

– Sim, você não quer ir lá em casa? Amanhã vou partir cedo, aqui não tenho muitos amigos, queria me despedir de alguém, estou meio triste. – Lola assentiu imediatamente de forma efusiva – “claro, claro” – mas sua cabeça rodava, ah, esse café fraco que não ajuda a gente a colocar as idéias no lugar. – Então, eu podia fazer um jantazinho, ouvimos uma música, conversamos, vamos, o que acha?

A dor da língua queimada descera para garganta amarrada, Lola sentiu-se triste também. Sim, respondeu que contribuiria com algum ingrediente ou que levaria alguma música nova para ouvirem juntas – calculou o mês enforcado. No fundo, tinha certeza, era um convite





para um encontro. Entretanto, não se incomodava com isso, aliás, a proposta crescia pelo seu inverso, ampliava-se nas possibilidades, curiosidades. A queimadura na língua anestesiara o paladar e logo pressentia que o aperto na garganta fechava-se em seu coração, Lola murchou por dentro, nem sabia porquê, não sabia se era a partida ou se era ela mesma. O aquário escuro e sem vida era uma retina de advogado ali ao fundo, o garçom agora a ignorava, os pratos batendo boca substituíam qualquer tentativa de conversa.

Valquíria trouxe o resto de branco que havia no cigarro, tornou-se minuscilamente incandescente e após, cinza. Estava cansada realmente – e o que fora aquilo de convidar a garota do administrativo da firma para um jantar em casa?, não houve tempo para se deprimir ou titubear, a menina aceitara o convite e isso bastava – fazia tempo que não recebia de alguém uma resposta de verdade, uma felicidade sincera de dividir um começo de noite. Valquíria sabia que não eram assim tão diferentes, embora não conseguisse explicar à Lola como aquilo se dava.

– Você está triste por alguma coisa?

– Não, Lola, acho que não é tristeza, não. Sei lá, sinto que estou estragada, um pouco adoentada. Algo que me toma quando decido partir, mudar de país. Essa burocracia toda, tudo administradinho. Minha irmã falava várias coisas, sabe?

Lola assentiu com os olhos sem ter muita idéia sobre aquilo, porém existem horas em que só é possível dizer “sim” a uma mulher.

– Sabia que eu era muito feliz quando pequena?, Eu era muito pobre também. Sei o que é morar longe e não ter dinheiro para pagar um apartamento aqui perto – Valquíria tinha os olhos longe como uma atriz de novela, mas, mesmo assim, Lola sentiu as faces corarem, baixou






os olhos, falaria dela?, Valquíria prossegue sem reparar se a outra respondia:

– Aí migrei com minha irmã e vim vivendo até chegarmos onde estou. Até sinto vontade de voltar para minha terra – Valquíria fitava o cigarro morto no cinzeiro e na areia, o barro que clapeclape, a poça d'água que rebrilha, com a língua segura o gesto de pronunciar palavras no outro idioma, sente a música muda, porém é muito longe, é muito longe – Você acredita, Lola, pensei uma hora em ser parteira de minha cidade? Você não acha interessante a profissão de uma parteira? – Lola era uma boa ouvinte, concordava com segurança e sorria nas horas apropriadas, porém, o relógio começava a queimar em seu pulso. Há quanto tempo estariam ali? Era preciso ir embora, tinha que fazer o relatório sobre a reunião, ir trabalhar. Descontariam na folha! No entanto ficava, ficava miudinha.

Valquíria, sem tomar conhecimento das aflições da ouvinte, desfiou a história de sempre, um tanto cabeluda sobre sua irmã e outras meninas – contudo, nessa hora, Lola só vigiava o relógio com o canto dos olhos e sacudia angustiada o quadril que não cabia na cadeira. Valquíria então gostava de mulheres? E ela, Lola? Do que gostava? Prosseguia com pensamentinhos curtos, em soquinhos, com muito medo do chefe e do relatório. Por que Valquíria contava tudo para ela? Lola estendia uma cara mansa, olhos meigos e espantados, ouvinte atenta. Aceitava aos poucos. Aceitou que era tarde, aceitou que seria descontada, aceitou que Valquíria misteriosamente a escolhera para falar sem parar. Ficou calma e quieta.



Sem pressa, Valquíria fungou ao final de seu intenso relato. Seriam lágrimas ali? Os óculos escuros gilhotinaram qualquer pensamento e cobriram os olhos. Levantaram-se, Valquíria fez questão de estender uma grande nota e Lola





não recusou. A ruiva resumiu em três frases onde morava – mulheres também conseguem falar por poucas palavras, porém não é o gênero que preferem, ainda mais quando despejam seus dramas. Lola, completamente atordoada, concordou pela enésima vez, depois raciocinaria melhor sobre tudo aquilo, queria o avô. Deu uma última olhada no aquário escuro, sem vida, talvez um dia ainda fizesse aula de dança, viraria bailarina, mudaria de vida, talvez.




Até mais tarde então.





: VALQUÍRIA

A MEIA-CALÇA desfiou bem acima do joelho. Cada mulher possui certo ponto nevrálgico onde as meias-calças desfiam. O de Valquíria era ali, rente a uma cicatriz, o que a rasgara um dia permanece incrustado até agora, a machucar e gangrenar memórias. Com os nós dos dedos brancos, crava as unhas na coxa, esmalte rosa-choque com nome de flor. Puxa. Arranha. O nylon faz-se um céu escuro, desfeito em tiras lanhadas, a carne listrando-se por baixo, sulcos brancos pelas pernas, o fio sintético cedendo tal qual terra fresca serviu ao arado, outra vez com as duas garras de esmalte lascado. Deu ombros, friccionando a pele até aflorarem pontinhos com sangue, até cair na gargalhada. A barriga endurece e os olhos encharcam-se. É ridículo permanecer sozinha no escritório até tarde esperando um e-mail cretino. E descompondo-se de maneira tão violenta. Isso sim era “rasgar a meia-calça”, risos.

Espiou o conteúdo da gaveta: outra porção de nylon intacto e devidamente condicionado dentro da embalagem. A mulher de calcinha no pacote sorri silenciosa para Valquíria. Sempre há outra na reserva. Contemplou as coxas esculpidas. Odeio gastar dinheiro com meia-calça. Tarde assim, a sala ampla, que diurna encerra 30 funcionários, transforma-se em passarela e Valquíria desfila, salto após salto, rebola sem recatos. Um dia ainda combinaria com as colegas de organizarem um verdadeiro




desfile naquelas madrugadas – poderia ser sua despedida! Sempre sobriaria trabalho para esse tempo tão curto. A desforra por julgarem-na solteirona, a que mora sozinha, a que não possui outras ocupações senão a firma, a que está em forma e sabe dos lançamentos, a que nunca acorda sem maquiagem. Sim, a maquiagem é uma grande dádiva das mulheres. As revistas. O ar-condicionado congela seus batimentos, não desligavam nunca.



No banheiro, descobre a testa sempre oleosa e os bicos dos seios insistem em despontar, trespassam acesos duas camadas de tecidos sintéticos, o sutiã e a blusa. Inferno. Que desejo todo era aquele? Que nem sei de onde? Gargalha novamente, eco branco pelos azulejos. O ar-condicionado. Talvez. A metrópole espriava-se pelo precipício da janela do banheiro. As luzes todas. Em outros edifícios comerciais ainda restavam andares inteiros acesos. Horas extras. Um arrepio percorre a espinha – tanto frio nesse mundo. Preciso tirar férias. Amanhã haveria aquela reunião. Será que desisto de esperar o e-mail do fornecedor de entulho? Rebolando, retorna à mesa. O e-mail chegou. Em um segundo, repassa ao chefe. Negociação acabada. Desliga o computador. Quase pressionou o botão novamente, relampejou – e se conversasse com o advogado? Seria assim tão tarde? Podia convidá-lo para jantar amanhã. Ele restava on line ainda. O espelho negro da tela refletia uma face quadrada.




Valquíria expulsou os prognósticos ruins. Desde pequena fora instruída aos otimismo, ao pensamento positivo, felicidade. Claro que vai dar certo. Entretanto, um pequeno travo segurava a língua e apertava o início da garganta, um vislumbre de palavras ocas, a traquéia entupida de isopor, os dentes da morte com a boca cheia de formigas. Folhas de cipreste ao vento. Num repente, firmou-se no otimismo novamente e continuou o trabalho.



Desligou o monitor, recolheu as canetas. Pensamentos em socos desvairados – o grande pêndulo que desistiu de ir e voltar e agora rodopiava em círculos desiguais, idéias vêm, idéias vão, jorra do grande buraco branco um inconsciente chato, cansaço, tanto cansaço. Passos e passos no elevador, corredores e calçadas, o cimento vazio. Era tão tarde, que horas seriam? Duas? Três? Não, talvez muito mais cedo. Tempo estranho aquele. Não conseguia chegar em casa porque não há exatamente uma, queria uma aventura incomparável, uma grande festa para lavar os ossos e esfregar os nervos excitados em algum corpo esquálido e soltar pelos poros a infecção generalizada de sua cabeça.

O céu aberto entre os prédios sufoca. Ao menos ali não havia ar-condicionado. Adentrou em uma praça, praça de curva aberta, feita por algum arquiteto vagabundo com preguiça nos traços e pornografias na cabeça, que desaguava num calçamento branco de luar em formas femininas, ovaladas, tão maldosas, luminescentes encardidas de luar. Continuou caminhando, seria um atalho, mas parecia que a praça se espremia sobrevivente entre os prédios.

Ao centro, na brancura daquela madrugada, sentava-se um homem ou seria uma mendiga?, tão recurvado, tão bonitinho. Aproximou-se, o salto alto negro faiscava com o esforço, estacou a uma segura distância do bolo de farrapos, respiração como de um mastim. Não teve medo, pois estava ancorando no porto dos que largaram os sentidos em praias do longe. O silêncio abocanhou o branco e o negro. Por algum instante refletiu que podia ser o avô de alguém ou a mendiga que pedia doces na entrada do prédio, as vestes negras a eclipsar todo o calçamento da praça em união com o asfalto, como se uma melodia soasse ao fundo e os fios compridos de



horizonte enegreceram o mundo. Uma freada de carro. Cuspiu, xingou um nome feio e pisou em cima com a ponta do salto riscando uma estrela cadente de cuspe no calçamento cinza-claro. Retomou a marcha. Imune às dúvidas, singrava calçadas com seu rumo transatlântico, tão paralisada e frenética, amarrada a um mastro de navio em curso, enebriada pelos cantares de sereias emergidas do entulho que negociou o dia inteiro, sem poder se mover, embora o barco mantivesse seu rumo inabalável, todos remavam, o ritmo. Contudo, nesse andar não conseguia deslindar as gárgulas invisíveis empoleiradas nos cimos dos prédios.

Precisava rascunhar a estratégia da reunião de amanhã.





Parte 2

REUNIÃO








i. mescalina

: TODOS

CONTINUA o andar deslizante pelo longo corredor. Há um cheiro agradável de lavanda no ar, são esses novos sprays para ambientes, as luzes acendem-se uma a uma com os passos abafados pelo tapete fofo. O andar de reunião do prédio é o mais bonito de uma beleza dura, calma, com vasos impessoais, carpetes neutros e ao fundo o zumbido do ar-condicionado, embora poucos o escutem. Lola sabe disso porque é da casa.




A sala estava cheia e o café servido. Cumprimenta os demais e encolhe-se da melhor maneira possível em uma cadeira, já que seus quadris não são muito fáceis de controlar. Encurralada ali, permite-se fitar os outros companheiros de mesa. Pelo que vê, já haviam trocado cartões, um alívio, pois Lola não possui nenhum cartão para distribuir, nunca recebeu cartões da empresa em seu nome. Sossega. Aceita uma xícara de café e um bolinho (horrível o bolinho, ela conhecia). Agradece a copeira pelo nome: obrigada, Joana. A contragosto, rebola o maxilar com o bolinho na boca. A massa entala-se grudenta, bem, não iria conseguir dizer nada de inteligente mesmo. Engole.

O recinto é amplo, apresenta-se com um sofá lilás confortável em uma bela esquina emoldurada em cinzas prateados. Estende-se uma cerâmica com uma planta tropical, cujo gigantismo foi domado dentro de um vaso




estreito. O resto é vidro e cidade. Um cortante precipício para grandes vôos ou quedas, ambos de qualquer forma preservados pelas camadas de vidro duplo anti-ruídos. O sol faz reluzir no asfalto pequenas estrelas. Lola ressentida, não possui janelas em sua sala, ou melhor, nem possuía exatamente uma sala, tratava-se apenas de um cômodo espaçoso dividido com outras colegas, de acordo com a última reorganização agora eram em oito. Lá embaixo, nas calçadas, Lola distingue os ambulantes, a mendiga que virou um pontinho encardido, os homens de terno, contudo desiste, chama a própria atenção e comporta-se séria. Os ossos começam a entrelar, o maldito ar-condicionado. No centro da sala há uma grande mesa oval com tampo de vidro, Lola larga com risinhos, uma a uma, suas digitais na superfície, dedos engordurados do bolinho. E, por mais que fosse da casa, não conseguia reunir as imagens da sala em um conjunto único, os móveis esparavam-se sem uma coerência que não fosse o mero bom gosto empresarial, os fragmentos chegavam à Lola como um jogo e forçavam a memória.


Ralha consigo mesma e finalmente encara com a coragem de olhos baixos os companheiros de reunião: de um lado, posta-se uma gorda com olheiras fundas, o corpanzil envolvido em roupas caras e vaporosas, nos dedos carrega anéis grandes e um colar no pescoço com três dobras, o perfume é bem doce. Lola inveja por um pequeno instante a cor do esmalte, tenho que lembrar de perguntar o nome e a marca. Ao lado dela, como se fizesse dupla com a gorda, sentava-se o velho. Na realidade, provavelmente o termo certo não seja velho, entretanto, apresentava a maior idade dentre os presentes, o Sr. Ronald. Robusto como carvalho, sóbrio, perfume contido em cedros, o terno pertence a uma boa marca, o corpo ainda muito inteiro e queimado de sol, provavelmente




por conta de atividades esportivas, dentes brancos e bem conservados, seria implante? – o sujeito parece que não deve fumar também – barba escanoada milimetricamente como um militar. O terceiro integrante, que aparentemente joga sozinho, é o jovem advogado. Pupilas brilhantes, cabelos cacheados absolutamente imóveis enlameados de gel, olhos injetados e trajado de forma impecável. Esconde algum tique nervoso nas mãos. Um cachorrinho bravo, Lola teve um pouco de receio daquilo, morderia todos os outros na mesa, embora não seja nem capaz de esconder o próprio cansaço.



E aqui, novamente, embalamos nossa narrativa. Por uma barra de saia florida. Um tornozelo delicado, uma sandália de verão, flores, uma camisa sóbria, cabelos tingidos num tom vermelho-escuro – uma liberdade louca naqueles fios acobreados – e um par de óculos de aro preto. A linha da boca espremida em um batom afirmado no delineador, a pele empoeirada em reflexos dourados amenizavam as sardas, e o efeito era como se um anjinho travesso tivesse salpicado canela em sua cútis. Uma mulher grandalhona. Contudo, os seios achatados e os ombros atentos, remodelavam qualquer gesto que pudesse soar desajeitado – perdigueira velha prestes a macerar um preá gordo. Lola, estarecida, ficou olhando para a mulher durante uns 3 minutos inteiros, boca semi-aberta. A conversa fluía, na realidade, não pararam de rascunhar papéis e trocar documentos, mesmo com a entrada de Lola – o que ela julgava sinceramente ótimo, apenas precisava redigir o relatório depois, bastava escrever algumas boas linhas espaçadas e juntar os documentos largados ao final da reunião. Ela poderia então aproveitar calmamente dezenas de xícaras de café e comer bolinhos grudentos, basta intrigar-se como quem anota coisas importantes ou desimportantes. No momento, estacou encantada pela mulher.









Provavelmente, nada mais importante se passou na reunião. A tarde era escura e difícil. Preocupações inimagináveis subiam à tona e discutiam, rabiscavam. Remoíam. Lola apreciou muito a parte em que o velho se levantou e iniciou uma longa explicação – lembrou um pouco seu avô, antes de ficar desempregado e desaparecer. O velho fazia pausa nas respirações e ninguém o cortava, controlava a situação. O advogado novo perceptivelmente entediava-se com o discurso e mastigava impropérios no chiclete. A gorda anotou tudo com um lápis pequeno e florido, uso que fazia sua mão enfeitada parecer ainda maior, os anéis como flores de um buquê. A mulher de cabelos vermelhos é a platéia da reunião. Em seu entorno fios de assuntos são direcionados, como um novelo imantado, argumentos amarram-se ao seu redor, ela ficaria presa, retida talvez – Lola tremelicava de frio. Os trajés informais de verão da empresária é que conferiam a tudo maior crueldade, pois a aparência enganosa de um passeio no campo travestia-se de um pulso firme com números. Nota-se uma agitação muito grande ali dentro, vagas remexidas, contudo as matadoras são, invariavelmente, precisas e calmas. Foi apresentada como Valquíria.

O tempo, Lola não conseguiria calcular quanto. Um tédio branco, traçou anotações sem rumo no papel, tão alvo que cansava a vista, essa cegueira da dificuldade de extrair rotas garranchadas no terreno onde não nasce nada. O problema todo, pelo que entendi, é quem vai ficar com o entulho. Lola tenta resumir o que ocorre e as palavras fogem-lhe esmacidas


:há uma construção de grande porte que será demolida, antes abrigara uma antiga cadeia pública. Se não me engano, o velho, Sr. Ronald, representa os donos do terreno, ou seria do governo? Hum, o empresário parece ter encontrado uma maneira de utilizar a área para



erguer um outro prédio, um shopping, não tenho certeza – ali havia qualquer complicação que Lola não conseguiria esmiuçar exatamente, anotou números de projetos de leis. Enfim, o que importa talvez é que estavam discutindo quem iria ficar com todo aquele entulho. A discussão prosseguia sisuda com comentários sardônicos do advogado, o entulho parecia valiosíssimo. Permaneceram trancados umas seis horas seguidas. O céu deitou lascas compridas azuladas, arroxeadas como os sofás, altas e esguias, e, em seguida, um negro intenso apoderou-se das tintas e as cores foram guardadas por uma criança crescida atrás dos prédios. Helicópteros, como pequenos besouros inchados, riscam com seu peso os ares. Fez-se noite e as luzinhas permaneciam acesas nos outros prédios comerciais.



Lola pressentiu um formigamento nas pernas, provavelmente o ruído agradável dos elevadores chegando deslanchava no ar, para alguns o dia findara. As paredes da sala iniciaram uma bela cantiga de marujos, ritmada com palavras e risadas de piratas assemelhados aos garotos que fritavam carne na padaria, com aquelas toucas estranhas, e que sacaram espadas e cortaram a cabeça do mais velho. A mulher ruiva é amarrada como oferenda no tombadilho. Os outros diminuíram, bonequinhos de cera com olhos grandes sem nada, uma gordinha e um magrinho, mudos com bocas minúsculas, paletós negros com o tecido escorrendo pelos corpos, tão longe, tão longe, e os marujos tiraram Lola para dançar e riam tanto, eram tão lindos, com bocas tão carnudas, com ombros tão decididos, a sala suave. Seus cabelos cresceram, negros, resplandecentes, borbulhavam em cascata pelo tombadilho, sereia com seios nus e dentes sorridentes. Num espasmo, vomitou. Em cima da pasta e dos papéis azedos. A conversa escafedeu-se. Olhos. O ruído do ar-condi-



cionado é o próprio ambiente, Me desculpem. Tranca-se no banheiro. Desata a chorar convulsivamente.

Lola pisca e acorda das alucinações. Pisca, pisca. O ar-condicionado acaricia seus cabelos compreensivo e cochicha numa língua que apenas Lola pode entender. Os demais continuam apontando demonstrativos e números. Ao final, ela recolheria as cópias indesejadas para o chefe, escreveria com certo temor o relatório – não entendera muito bem o que se passava no projeto, embora houvesse dados suficientes e laudas caudalosas para deixar a pasta gorda. Isso era bom. Animou-se. Num determinado instante, os homens começaram a despejar palavrões, indicaria esse comportamento os finalmentes da reunião? – sorríamos mais amistosos, mais jovens e confiantes. Valquíria prosseguia anotando e retomava alguns pontos. Quando Lola já temia mais uma hora naquilo, os outros decidiram parar. Na realidade, Lola estava um pouco distraída quando o velho arrasta a cadeira para longe da mesa e declara que iria embora. Os outros assentem (a garota reflete que talvez ele quisesse com isso certa compaixão, certa compreensão dos demais – atos inúteis). Arremataram o assunto organizando papéis dentro das pastas. Lola recolhe os seus em uma boa ordem, organiza um montinho e faz sinal à copeira que aguardava na sala ao lado para limpar tudo.

Todos deram as mãos.




ii. caleidoscópio

: ALEGRIA

DUAS horas. Duas horas eram suficientes. Hora do almoço. Passaria no apartamento, o carro, sairia. Antes, porém, comeu um sanduíche. Roda sete quarteirões, estaciona.

Alegria possui disponível uma hora e trinta e seis minutos para o jogo. Os manobristas conhecem-na e já estacionaram seu automóvel, inseto delicado e negro. Entra ligeira através do pórtico dourado, tapetes vermelhos e uma fonte a marulhar cascalhos entre canos de automóveis. Alegria permanece alguns instantes no escuro. Pouco a pouco os seus olhos, estuprados pela luz diurna, apercebem-se dos contornos e os borrões pálidos tornam-se mesas, cadeiras, um pequeno palco. Há outras pessoas ali. Uma meia-idade frouxa com seus rompantes. Alegria acha disparatada essa caracterização como “vício”, não era uma escolha pessoal estarem jogando e ainda aproveitando dessa maneira a hora do almoço? Muito melhor que comerem no restaurantezinho de todos os dias, acompanhados por colegas e por comentários ditados pelo jornalismo do dia anterior.

A mocinha logo lhe apresenta a cartela. Alegria vislumbrou com olhos buliçosos as escolhas e possibilidades que escorreram por seu corpo em calafrios. Em poucos minutos a cantadora daria os resultados. Ali era jogo rápido. Alegria concentra-se nos números, murmura



palavras e pequenas rezas ou cálculos, não há muita diferença, olha tudo em borrões, a tontura aprazível, o jogo apodera-se de suas carnes, o coração descompassa.

O canto.

Os números perfilam-se, suspensos. Bingo na mesa ao lado. Por pouco. Alegria esboça tentativa de relaxar, embora uma pontinha de depressão lhe estrangule a garganta. Nova cartela. Seria aquela. O papel espesso nas mãos com cheiro forte de gráfica, os números conversam, bailam, rodam. Servem um café e um biscoitinho. Alegria deglute o café. O biscoito desce com a aspereza de 10 comprimidos engolidos a seco. Alegria concentra-se. Haveria um pequeno intervalo. Imagina ganhar novamente. Tinha vontade de tirar a roupa a cada número acertado, primeiro a blusa ampla, de tão bom gosto, depois a calça rebolada e ficaria ali, em pé, sobre a mesa, tombadilho, expondo a lingerie sofisticada e sua pele – que alva, Alegria, que alva! – uns velhos desiludidos, isso era o que eram. E Alegria incendiá-los-ia com uma vida injetada, contaminando as cartelas que sugam, que sugam, aquele cheiro forte de gráfica. E lamperia com gosto seus dedos pintados, cerejas maduras, e dançaria ao som das músicas passadistas do salão.

O canto.

Ninguém comemora. Alegria sente-se um pouco adoentada. Hoje não estava boa. Provavelmente a expectativa da reunião durante a tarde toda é que a desanimara. Seu tempo se esgotara, nenhum número podia resgatá-la dos pensamentos relampejados sobre engolir seguidamente os 500 comprimidos que mantinha em segredo no armário do banheiro, para um dia, quem sabe? Mas agora tinha que estar em reunião dentro de trinta e seis minutos. Alegria despede-se pela porta da frente.


iii. festa

: TODOS

ALI.

O mundo revira-se freqüentemente rápido em demasia, de forma a esconder absolutamente entre os dedos finos de mágico e cartola passagens inteiras e detalhes esclarecedores que, se dermos sorte, serão descartados um dia. Lola não se versava ao certo sobre os fatos que haviam sucedido, embora estivesse ali. Estivera em reunião, um pouco atarantada, é verdade – subitamente todos decidiram se entreter. Algo de obrigatório, concluiu. O advogado jovem e a executiva acompanhar-se-iam mutuamente, de largada Lola nem desconfiara da proximidade entre ambos, deve ser difícil equilibrar os negócios e afetividades. Estremeceu, essa gente teria amigos? A gorda e o empresário também iriam, ela deveria assentir, claro, até mais tarde, e sorriu, até mais tarde.

Nunca poderia calcular que mais tarde seria esse tanto e que haveria convites, carros e um lugar. Recebeu suas fichas, instruções e nomes na lista por meio de uma secretária, era incrível a organização, como se gerenciassem a festa por dentro da firma o tempo todo – isso sim que era viver. Para sentir-se apresentável, Lola encaminhou-se a um entreposto comercial lotado, com mulheres magricelas inclinando-se ao chão por sacolas plásticas e homens tendendo à obesidade com braços e bigodes cerrados. Permaneceriam abertos até tão tarde? Logo se deparou




com a afirmação: naquela época do ano revendem tudo para os preparativos dos meses de festas. Com olhos predadores, em vinte minutos, elegeu o que necessitava: uma calça preta, faíscas no tecido plástico, sabia a cetim, desmontaria em poucas lavagens, não importa, o preço estava de acordo. A blusa manteve a que vestia, como tantas outras cinza-escuras, esta com pequenos pontos brilhantes como resíduo de mica nos pavimentos – Lola ainda consumiu-se entre dúvidas, mas decidiu pela linda faixa lilás, serviria como cinto e, nos pés, não pôde resistir, parcelou uma sapatilha bordada de roxo.

No banheiro coletivo e apertado do entreposto lotado, fez a troca de roupas e a do trabalho sufocou em uma sacolinha que, resumidamente, constituía em saia e sapatos incrivelmente enlameados, ainda da ausência de calçamento que pudesse aparar seus passos pela manhã. A meia-calça desfiada foi-se. Espertamente visitou ainda a miúda loja de cosméticos, uma boa vendedora interpretou sua vontade com carinho: não gostaria de experimentar alguma coisa? Lola retirou-se do cubículo praticamente maquiada para a festa.

Algumas passadas vigorosas depois, a sapatilha estremecia com suas faíscas no concreto e com as informações do vendedor de jornais. Avistou a entrada. Apertou a bolsa de crochê contra o peito.




Ali.

Os manobristas logo notaram sua presença e indicaram com cortesia demasiada a recepcionista de nariz comprido. A fachada ascendia-se em holofotes que se movimentavam em círculos como os carros que deixavam os convidados. Tremelicou. Deveria ter ido dormir em casa, embora todo seu trajeto percorrido até aquela porta fosse muito mais breve. Inspirou fundo, pelo músculo do diafragma, e assim cessava por uns instantes de tremer. A




noite despontava cálida, a atmosfera poluída pintava os olhos de vermelho, uma idiota na porta. E graças aos deuses de seu avô, Valquíria! Sim, era possível avistar a mulher alta entre outros pedestres que se cumprimentavam aos beijos lépidos. Lola correu e estacou, deveria ter modos, deveria ter modos, a executiva trajava branco e a magreza imiscuída com falta de exercícios físicos e de seios ressaltava o modelito. Um olhar perverso. A cor brancarana apontava para uma feiúra asséptica, desbotada, leite desnatado, uma baleia a revidar, as noivas invertidas fantasmagóricas à luz negra. Certo receio da figura, o que não seria uma executiva?, prova com os dedos o tecido pelas coxas acetinadas em negro de Lola. Era novo? Valquíria explodia os ares em notas de baunilha, ou fragrância mais sinuosamente doce, bétula talvez, como poderia confundir tanto? Contudo, o comportamento muito civilizado da outra tranqüilizou Lola por alguns instantes, quem sabe esse branco todo estivesse na moda. Personalidade.

Encaminharam-se à fila já formada ante a recepcionista de nariz afilado. Ambas de braços dados, intimidade, invariavelmente, é notícia estranha. Valquíria arrematou, entraremos. O lugar, a princípio, parece desfilar imensas novidades, entretanto, com um mínimo de observação é apreendido em um único plano: um dia arrogou-se hotel de luxo e a falência com o neto do dono condenou-o a reabri-lo, anos mais tarde, como uma dançeteria, cuja decadência ressentida autorizava comportamentos desafiadores, que, contudo, soariam insignificantes, quiçá engraçadinhos. O conceito de decadência naquelas paragens permanece de senso inusitado: nunca houve realmente passado de glórias para agora amargar essa derrocada passionalmente. Um casarão falastrão. A entrada situava-se no topo, uma colina no terreno, se a







colina não fosse maquiada por prédios e avenidas, depois prosseguia rumo ao vale por escadas e mais degraus, desfilaro em terríveis corrimãos dourados, o bar às vezes de vestibulo estreito e uma meia pista. Aprofundava-se em outros lances de escadas, a pista, agora maior, com saídas laterais a banheiros de louça, matizes arcaicos e frestas perigosas aos passantes – e o que mais se inventasse: do céu, através da terra, até os infernos. Mesmo antes de submergir, Lola prosseguia atordoada, um medo chato de passar, olhos pasmados. Antes de chegar, pensou que talvez pudesse visitar um conhecido e fumar qualquer coisa. Não houvera tempo e disfarçava em temor de frio a intemperança de sensações. Valquíria contraiu as sobrancelhas, irritada:



– Querida, estou entrando. Marquei com os meninos lá dentro e não quero me atrasar. – Lola assentiu com a cabeça. Aguardaria mais alguns instantes, seria aquilo elegante?, os manobristas circulavam os carros na calçada. Recordou-se daquela felicidade prometida no entretenimento dos cartões de plástico. A sapatilha lilás ecoa deslocada. Nunca encontraria um conhecido ali e, aparentemente, a idéia de conhecer pessoas ali significaria atrair conversações dispensáveis. Os carros marcham lentos, como em um carrossel: um pára, desce o passageiro, andam todos, o outro pára, desce um casal, andam todos, o outro pára, descem dois garotos, andam todos, um pára, desce um passageiro, andam todos. E nesse ritmo cadenciado, arquetetado e pré-concebido é que se constrói a felicidade dos que aproveitam a noite – surpresas medidas.




Desistiu. Iria entrar e onde está Valquíria?, ela havia tinha sumido. Lola alistou-se à porta. Carimbaram sua mão com uma tinta invisível (mais tarde descobriu ser fosforescente, incrível) e deslinda-se grande queda: de






início, rápida, e aos poucos, mais lentamente. Lola enxergava os lances de escadas passarem. No bar, feito de vestíbulo, estenderam-lhe algo. Gargalhou, não se assemelhava a nada que fosse perigoso e aceitou. Exatamente. Perquiriu o copo estreitado em suas mãos novamente. Não havia nenhum símbolo que o pudesse identificar como veneno. Tornou de uma só vez. Tonturas. E tudo fundia-se em leve flutuar de batidas ritmadas, um rosto perfumado beijou-a nas faces. Restou um tempo por ali. Seria um homem? Precisa encontrar a Valquíria. Precisa encontrar os colegas de trabalho. Dentro de seu desespero reinicia um choramingo, os parques interessados em conversação vieram acudir, mas logo não conseguiam nada com a garota e desistiam. Continuou vagando. Avista ao longe o cabelo de Valquíria tremulando. Saiu em disparada. A outra envergou-se por uma abertura lateral na pista e sumiu novamente. Lola jamais conseguira correr assim!, havia tantas pessoas e perfumes que desistira. Estacou desanimada e observou um homem muito gordo, com sua obesidade lenta, fumando o que se assemelhava a abajur às avessas: a base bojuda e transparente onde era possível notar que algo borbulhava lá dentro, era perceptível que algo borbulhava dentro, conectadas as mangueiras como cobras no couro cabeludo de medusa. O homem muito gordo chupa a fumaça por meio de uma das mangueiras, agora sim as borbulhas fremem como loucas dentro do envidraçado.

Temporariamente esquecida das ocupações imediatas, Lola não conseguia articular pedidos claros, seria possível o senhor me conceder uma bolinha?, não, muito confusa, ele prosseguia obeso e fumante. Nem sequer sentia a proximidade da garota. Por fim, como por piedade, estendeu a mão muito branca e gorda, na palma uma surpresa. Lola surrupiou rasteira os dois comprimidos –



um docinho no bolso da calça e o outro guardou sob a língua. Quero completa. Explosões em microfones, a Pink Queen, a Pink Queen, bateu palmas, a drag das mais famosas! Era a hora, como conseguiria cruzar a portinhola da pista?, desesperou-se, o coração disparava taquicárdico apenas pelas ameaças do que viria até o final da noite, as orelhas da Valquíria, onde estariam? Não se sabe ao certo se por ameaça imaginativa ou por efeitos reais, o fato é que as luzes coloridas bipartiam-se, multiplicavam-se, a única dimensão projetava-se em outras. Subitamente viu um moço bonito que sorria e sorria, pensou Lola, deveria ser homossexual para sorrir daquele jeito, ou muito rico (ou mais: muito bobo). Ela investigou, como poderia chegar até a pista? Aquele peitoral perfeito ressurgia pelas malhas brancas do tecido e continuava mostrando uma grande fileira de dentes bonitos. Tão simples, porque me pergunta, sim, também estarei presente ao grande show da Pink Queen. Contudo, Lola escutou alarmada uma discussão mais à frente, o que era?, o bobo ou rico desapareceu sorrindo; a garota solicitou: gostaria que não desaparecesse assim tão rápido, beliscou o bíceps do sujeito, ele consentiu e restou sorrindo calmamente até que Lola tomasse seu caminho.

Deparou-se com a nova situação brusca, estava em uma espécie de praça com mesinhas. Cansada, procurou lugar para acomodar as carnes confusas. Elegeu uma mesa comprida, onde acontecia uma discussão acirrada na ponta contrária de seu banco – dois homens com ares possessos e um terceiro desacordado. Não pareceu estranho que ela tomasse lugar à mesa junto a eles. Bebiam qualquer coisa e estenderam papelotes arrumadinhos, quer comprar algum?, ela balançou a cabeça, já estava doida demais. Sua recusa foi mal interpretada, eles filosofavam sobre o tempo e qualquer tentativa de intromissão da parte de



Lola era logo rispidamente cortada com gargalhadas e comentários bizarros. Ficariam roucos com aquela gritaria. Ora, isso era muito para qualquer criatura, Lola levantou-se indignada. Os outros dois nem perceberam e divertiam-se espezinhando o pobre coitado que roncava sobre o tampo molhado da mesa. Lola prosseguiu cambaleando agora nitidamente. Onde está Valquíria? Em um instante, viu-se diante da portinhola por meio da qual se adentrava à pista. Um vasto terreno de corpos que se debatiam, o ritmo, o ritmo, alegremente pegou o docinho do bolso da calça e, língua, palato duro, palato mole, engoliu o comprimido com luzes brancas. Arrepiou-se. Agora sim tinha a estatura capaz de se aventurar na pista e encontrar Valquíria.

O show da drag logo começaria. Todos a postos, bastava somente um sinal e o exército treinado de todas as tribos obedeceria. Fremiam. Em milésimos, raia no céu sem lua a supernova estrela e desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos corações, a deusa da balada e o ídolo da massa de corpos em disponibilidade. Ordenava, espumava e executava performances doentias – adoentada em um fingimento de parecer rica, adiamantada com vidros falsos, mas tão brilhantes, quem não se recorda da rainha, como a categoria andrógina ao inverso, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira seu fulgor? Lola pressentiu Valquíria por ali, avistou-a: apoiada em uma coluna. Já iria lá. As dimensões debatiam-se, as bocas pronunciavam julgados, eram tantas, a respiração vacilava, era um mero jogo, eles eram peças, pecinhas e ela conseguia lançar as peças com seu xadrez lilás no verso aos ares, o toldo falso, a lua farsa do globo de luz, Lola contorcia-se sem mover um músculo. No momento exato em que parecia acordar daquele sonho bêbado, a música


então bombou com estrondo, não conseguiria resistir às vagas daquela dimensão. Que se danassem todos.

Aos poucos, voltou a sentir os pés, remanesciam desmaiados e ao apoiar-se em um ombro passante, foi beijada com boca mole. Porcarias fluíam suavemente por sua corrente sangüínea, detritos e filetes de poluição na margem das artérias, o coração disparado, remoía-se desbotada. A boca perseguia a jugular às dentadas. Virou-se e distingui Valquíria em branco – ela monstruosamente brilhosa com a luz negra, tão longe, velas que se infunavam na tempestade de raios sincopados dentro do recinto, a baleia branca que se aprofunda nas águas escuras e nunca se revela por inteiro, submergia-se na magreza das noivas amaldiçoadas. E, com a cabeça do advogado entre as mãos, ela dança.

O negrume

: deparou-se depois revirada em um sofá de vinil roxo-claro, a epiderme fria do polímero cheirava como as pastas plásticas de arquivar documentos, – como viera parar ali, esparramada em um dos cantos da pista, não era uma pergunta passível de formulação. Na distância de dez passos, avistou o advogado sentado ao bar, um meio-sorriso de troça nos lábios a escarnecer de Valquíria. Fumavam. Compenetravam-se em reparar algo que se passava na pista e gargalhavam secos. Contidos. Lola destrambelhou-se ao chão, queda mínima, apoiou-se na superfície escorregadia do sofá e ergueu-se da melhor forma possível. Ronald entra em cena e dá tapinhas nas costas do advogado, apertam as mãos fortes. Valquíria acena para Lola.

Após alguns passos hesitantes, subitamente o velho no bar era o único conhecido que restara. Lola aproximou-se como uma égua de olhos meigos, mendigos por torrões de açúcar acompanhados pelo focinho buliçoso, um



docinho. Logo foi recebida com um abraço caloroso e apresentada ao companheiro de copo, outro velho. A atmosfera recendia a músicas requentadas, sucessos vencidos que acalentavam os corações, reminiscências de épocas melhores. Lola sentia-se quente e acolhida, estacou ouvinte como uma criança pequena, todos ali figuravam muito bem vestidos. Teve vergonha.

O ambiente fluuava mais calmo, porém, sua cabeça insistia em rodar e os pensamentos continuavam acelerados, embora ninguém ali reparasse. Os velhos, que agora eram três, desfiavam charutos, carros e negócios. Lola permanecia emudecida. Piscava muito. Após alguns segundos, quantos seriam?, deu-se conta de que, ou por causa da roupa ou da maquiagem, o velho não tinha nenhuma pista de quem ela era! Sim, ele provavelmente imaginava que Lola era uma mera garota na festa. Encantada com a descoberta, Lola sentiu-se plenamente à vontade com a situação e começou a partilhar opiniões sobre assuntos variados e absolutamente importantes e desimportantes. Aos poucos, essa estratégia de entretenimento apresentou-se com prazo de validade curto e os minutos ruíam desperdiçados com aqueles velhotes. Contudo, a sinuca armara-se em um enlace, sua cintura e o braço de Ronald, agora ela não podia simplesmente sair dali ou era o que Lola imaginava tão cheia de medos – resumiu-se chapada e triste. Nessa situação, encostou a cabeça no ombro do coroa. Os outros dois já tinham se despedido. Ronald pergunta para onde ela iria.

– Por aí.

Respostas cretinas para perguntas idiotas, não era assim?, Lola, no fundo, rangia por sua própria estupidez, as pernas sem muita firmeza e os braços quedavam leves. Ela já havia se drogado com doses maiores – alucinações eram bem-vindas para se fingir alguma outra coisa

naqueles dias sufocados – mas dessa vez fora uma completa idiota. O velho logo canta, apertando sua cintura e umedecendo os lóbulos dela: tenho reserva de um quarto no próprio hotel. Você não quer vir? E Lola, acreditando que caminha por uma rua de mão única, não consegue imaginar outro destino possível senão aquele reto em direção à boca que a traga e a abate, e concorda, sim, sim. Afinal é uma excelente idéia desfrutar das benesses da vida.

Ali.

Quarto grande, uma cama espaçosa, ar-condicionado para refrescar pensamentos quentes, um espelho na lateral (Lola descobre-se com a maquiagem borrada, embora a faixa lilás assente-lhe incrivelmente na cintura), carpete macio, televisão ligada onde desfilavam mulheres de biquíni, frigobar e uma janela aberta. Ainda era noite. Ronald finalmente sai do banheiro. Toma um comprimido e um copo d'água. Subitamente, como uma profissional, a garota liga o som, sobe na cama e rebola. O início do pequeno show é aplaudido às gargalhadas de ambos e, tal qual um turista estrangeiro em férias, o coroa desajeita a faixa lilás da cintura da menina, ela esquiva-se como uma gata de cauda longa e principia a tirar a calça em uma evolução constante em compasso acertado com a música. Atrapalha-se com os pés, embora isso se diagnostique como charme. Ao se descobrir somente de calcinha e sutiã – meu Deus, as peças não combinam! Com raiva, arranca o sutiã e arremete-se à cama fisgando o velho com as duas pernas como uma grande lacraia. Ronald não se faz de rogado, estaca, coloca o preservativo e fode direto e fundo até machucar como resposta à virilidade, com seu tórax de pêlos brancos a fazerem cosquinha, e trespassa todas as carnes para marcar, lanhar, não titubeia, não espera nem um segundo, com a exatidão e ritmos marcados pela persistente firmeza azulada de máquina química.

Fumaram um cigarro.

Depois de um tempo, um ventinho maroto lambe as pernas de Lola – a garota arrepia-se com o desejo burilado e não satisfeito. Em breve seria manhã e teria que enfrentar o chefe com o relatório sobre a reunião. Recolhe os cacos das roupas, fecha o zíper da calça, ajeita a blusa e a faixa. Luta alguns minutos até localizar as sapatilhas bordadas. O corpo amanhecia ressecado. Tranca-se entre os ladrilhos do banheiro para arrumar os cabelos. Náuseas comiam os pés. Teve um relampejo de idéia reconfortante, tomar banho, porém não queria abusar daquela hospitalidade, fez xixi acuada. Quando Lola abre a porta, o coroa está em pé, ainda ereto, os braços abertos e... duas notas altas de dinheiro na mão. Lola ficou rija. Imobilizaram-se frente a frente como peças de um jogo mudo. O que dizer? Que Lola não era uma puta? Ou que era somente uma putinha?

O ruído da estática da televisão desfocada. Ronald então compreendeu rápido. Inquiriu ríspido pela falta de jeito, de onde se conheciam. Lola respondeu. Ele soltou um palavrão. Não chegou a pedir desculpas. Retrucou, após outro palavrão, por que Lola fazia aquilo. Ela deu de ombros com um cansaço amargurado, pensou no relatório do dia seguinte, em como faria para chegar em casa. Respondeu que gostava de viver bem às vezes, era interessante beber coisas boas, usar roupas bonitas, conversar com pessoas cheirosas. Lola desembestou a falar descontroladamente e, depois, fez silêncio. Ronald fitava o chão, sentou-se na cama, coçou-se sem modos. Esses pequenos gestos prenunciavam sua fala – então admitiu tudo: contou que estava falido, quebrado, que na negociação agora à tarde ele era um mero fantoche, já que tudo estava arranjado, que recebera ordens, que ele era um trouxa, um frouxo, e ficava atuando com ares de grandeza em reunião para guardar ainda o pouco de



orgulho que lhe restava. Lola teve nojo da história e cuspiu no carpete aos pés do fracassado. Babaca.

Ronald, tocado por sua própria franqueza, convidou-a, durma aqui até amanhã, um sorriso sem prática aflora aos lábios. Lola recusa com firmeza. Não queria saber daquilo. O velho estende-lhe algum dinheiro, menos da metade que o oferecido inicialmente. Lola agarra as notas sem reclamar. Um filho-da-puta daqueles merece – ele deveria ter ao menos mantido as aparências.

Lola sai rebolando do quarto, assobiando uma dessas musiquinhas. Ronald arremete-se à cama com seu membro ainda ereto, intocado pelo diálogo, preservado pela invencibilidade da química. A próstata reclamaria tributos. O dia começava a ser rascunhado e a garota, já na calçada, decide que dormiria suas derradeiras horas naquele hoteleco de tantas vezes. Balança a sacolinha com roupas de trabalho e faz um gesto apertado com a bolsa de crochê contra o peito. Caminha na rua, mais uma vez reflete: quanto ganharia se fosse uma profissional.



: ALEGRIA

RESSENTIA-SE com a demora, o marasmo da espera pelo manobrista, devidamente encapsulada em seu minúsculo inseto negro. 36 minutos até que algum deles conseguisse apanhar seu veículo. O noticiário despeja em ondas uma pane elétrica e assaltos violentos, ambos reabsorvidos pela maciez dos bancos acolchoados. Vidros fechados. Abana-se, que calor, diamantes de suor postam-se como gargantilha no pescoço. O manobrista finalmente. Posta-se com a porta aberta. O noticiário despeja em ondas uma pane elétrica e assaltos violentos, ambos reabsorvidos pela maciez dos bancos acolchoados. Vidros fechados. Abana-se por conta do calor, diamantes de suor repousam como gargantilha no pescoço. Com um movimento brusco, retira o carname afundado no estofado, ajeita as alças do conjunto creme novo e caça a pequena bolsa bordada de crochê entre o câmbio e os pedais.

A bolsa de Alegria é uma encomendada pronta de magazine de renome: bastou eleger o número e em menos de 72 horas cruzou na forma do pacote o escritório, depositada derradeiramente em sua mesa. Alegria entendia de moda: jamais escolhia bolsas por seu formato ou aparência – a tática correta era entender exatamente quais eram as personalidades que a promoviam. Por exemplo, o modelo em questão foi lançado por uma atriz clássica há quinze dias – Alegria aprovou o conceito, nem precisou



ver a foto da bolsa, bastou passar os olhos pela menção da diva e a encomenda estava feita com um clique. Quando o volumoso pacote foi entregue por um moleque no escritório, Alegria abriu a caixa e logo reconheceu o estilo inconfundível da atriz. Muito de bom gosto. O bordado tinha ritmo todo regular, miçangas e pequenas contas de ouro deslindavam um objeto bem feito, como se nenhuma mão humana tivesse jamais tocado naquela pequena jóia. Perfeita. Alegria sentia-se melhor ao empunhar a pequena bolsinha de crochê.

Entrou com uma imponência fingida, estava calor ali, que horror. Ainda inventam aquelas tintas para carimbar a mão, uma forma grosseira de controle de entrada numa festa! Ao passar o pórtico, respirou. Havia ali embaixo um salão de jogos. Alívio. Não precisaria encontrar o Ronald ou a Valquíria. Como seu nome consta na entrada da porta, isso basta para que a empresa comprove sua presença. Alegria encarava essas festas como obrigação, afinal, negócios eram discutidos ali, decisões eram tomadas e não estar presente e discutindo significaria não levar a sério sua profissão. Entretanto, Alegria não conseguia desempenhar seriamente esses papéis, apenas aparecia bem vestida, escolhia uma batida doce e cara com qualquer fruta exótica pendurada no copo e circulava, circulava. Cumprimentava pessoas, ia ao banheiro várias vezes para arrumar algum fio rebelde no penteado, retocava o batom e o perfume, sentava-se, escolhia algum canapé e se houvesse comida, jantaria.

Alegria estava com sorte. Ali havia um salão de jogos. Não haveria constrangimentos ou conversas impertinentes. Não haveria tempo para banheiro e fios de cabelo rebeldes. Ação, os barulhos eletrônicos, o farfalhar das cartas a serem distribuídas pelo feltro verde da mesa, as fichas vermelhas e negras, meninas uniformizadas. Alegria ouvia






o cantar das máquinas e das luzes. Alegria sobe, sobe,
palavras não eram mais precisas.



iv. dolores

: LOLA

O LETREIRO pisca “Heller Hotel”. O “er” pisca mais fraco, o que causa um certo desconforto aos fregueses, os quais, obviamente, não poderiam se queixar de serem enganados, a decadência era anunciada desde a sarjeta com cascas de laranja. Um dos meninos que morava por ali gostava muito de laranjas e, para não ser molestado pelos feirantes que montavam a feira de madrugada na rua de trás, levava para lá o saco que roubara com os colegas e todos chuparam laranjas até os cabelos ficarem lambuzados. Uma sorte, não é todo dia que as coisas acabavam bem. Lola pisou nas cascas e avançou. Onde estaria seu amigo agora? O céu já avistava lascas de laranja como se participasse nas traquinagens dos meninos feirantes pela madrugada. Uma magricela macilenta a cumprimentou ainda com o “boa noite”. Lola apresentava-se borrada e com a sacolinha de roupas na mão, uma figura miúda. Perguntou pelo amigo. A recepcionista fez uma cara de enjoada como se estivesse diante de uma puta e chamou o tal pelo interfone usando uma voz de cantora de bingo. Entredentes, Lola mandou a recepcionista se foder e olhou o solado das sapatilhas bordadas com suco de laranja – algumas pedrinhas haviam se soltado com tanta agitação e pisões em seus pezinhos. Era justo que desse tudo certo no finalzinho da noite, senão teria que esperar, em alguma lanchonete 24 horas, o dia amanhecer






para ir trabalhar. Não faltavam muitas horas e tinha prática nisso, embora não fosse a melhor alternativa. Chutou uma casca de laranja invisível ali na frente.

O amigo apresentou-se. Era franzino e com o peito de pombo, uma figura maternal, se não fosse pelo bigode terrível que fazia questão de manter por conta do apelido. E também pela banca, pois ali nunca se sabia quem mandava. Veio pisando no carpete vermelho de outrora, muito sério. Lola raciocinou que o hotel da festa não deveria ter sido muito distante daquele, a diferença era o que vendiam em cada um – a decadência pode ter seu charme e seu valor por se manter decadente. E um preço. Chegou perto como se a farejasse pelo bigode. Beijaram-se nas faces. Lola não precisou dizer muito, bastava fazer sua cara miúda, um bico misturado a um sorriso, uma alma de vira-lata que cultivava sabedora de sua utilidade. Ele fez um sinal para que a seguisse. Ao dobrarem a primeira esquina no carpete vermelho, prensou-a na parede com seu bigode e dentes ameaçadores na nuca. A recepcionista podia tranqüilamente observar os dois de seu posto de observação. Ele resfolegou no cangote até sentir os cheiros de noite insone em Lola. Esta, delicadamente, colocou a mão no peito de seu amigo. Como se pedisse desculpas por estar cansada, evitou tocar nos cabelos dele e pousou a mão em seu ombro. Ele se retraiu e olhou para a recepcionista que intrepidamente não desviou o olhar.

– Por aqui.

O amigo apontou uma porta lateral. Desceram escadas. Logo adiante, mais uma porta como se fosse uma escotilha. Não era um quarto de hóspede. Torceu a maçaneta. No primeiro plano, a televisão portátil sintonizada em um canal que fazia a cobertura de festas noturnas e a cama de exército, que dava sinais de estar montada ali há tempos, semi-encoberta por uma colcha






puída sem vestígios de travesseiro. No segundo plano, bem no meio do quarto, uma mulher pelada reinava promocionalmente em tamanho natural: um display de papelão roubado de alguma banca de jornal. Ao fundo, no cabide discreto, estendia-se uma toalha com a gostosona do ano retrasado.



O amigo fez um gesto, seria ali. Lola nunca dormira em um quarto que não fora de hóspedes antes. O que acontecia? A porta cerrou-se firme. Após proferir um repelão na bunda, o punho que antes girara convidativo a maçaneta do quarto, agora se escarnecia de Lola, aberto às apalpadas decididas nas coxas da garota. Ela estacou parada. Os dedos viris arrombavam camadas de tecido em busca da fenda e, com ímpeto, achincalhavam logo a caça e violentavam o elástico da cintura. Ante a bestialidade protocolar, Lola, de calça arriada, calcinha exposta, indagava o futuro da noite. O velho da festa já tinha sido um pouco extraordinário. Agora esse. Bem, provavelmente iriam atribuir-lhe a culpa inteiramente, pois ela largava as coisas fora de controle. Mas haveria um dia que não estivesse na rua de mão única? Mulherzinha ordinária. Sentia agora o amigo lambendo sua nuca e beijando seu pescoço como um animal marinho e com o resto do corpo colado ao seu, reteso e estranho. Talvez ele achasse a postura excitante e contorcia-se torto.

Muros cerravam-se definitivos, alinhados, estábulos & abatedouros ante Lola, que corria com os pensamentos, corria até encasular-se mentalmente em um lugar onde o amigo com sua língua máscula jamais pudesse a alcançar.

E num repente de alegria, lembrou-se de Valquíria!, avistou em sonhos a barra de saia e do sol atrás dos prédios, a suavidade de sua fragrância. E concentrou-se naquela mulher, em como seria com Valquíria, e Lola desabrochava em outras dimensões, longe daquele quarto






de hotel, em firmamentos de delicadezas, em mares distantes e ensolarados. Súbito, uma mordida dolorida ressoou na virilha, ferrão de dimensão plana que Lola pôde distinguir na comichão que se seguiu ao amigo com seu bigode. Feriu-se. Com esforço, Lola lutava consigo, insistia em abrir outras dimensões e expulsava aquela visão do brutal, e com o esforço seu corpo novamente pairava sem âncoras, como o futuro cor de nácar com a Vênus a estender-lhe um paraíso de delícias femininas e, então, o que Valquíria então não faria com os dedos entre seus joelhos?, tiraria a água que escorria entre suas coxas, cheiraria, provaria o mel e espalharia pelos peitos duros de Lola, os mamilos inchados de vontade de fazer um filho com outra mulher. E, com os dedos em remos, Valquíria singraria rios na canoa desenhada no entrecoxas de Lola e navegariam até não se agüentarem mais. Lola desejou morrer nas mãos de uma mulher.



Outra ferroada do bigode magoou-a, uma emergência fazia-se presente, a foda sem camisinha, não, Lola sacudia os braços, desvencilhava-se por alguns instantes, remexeu o interior da pequena bolsa, a saliva do cara recende mau cheiro como toda saliva, decomposição, os corpos enunciam sua morte nos mínimos detalhes. Lola finalmente encontrou um envelope, era o último, precisava comprar outros. Passou ao amigo que num tranco rasga o envelope

lopinho prateado e desenrolou a borracha. Portou-se como se fosse gesto ultrajante. Lola alisou com a mão o pau para conferir se estava tudo bem colocado e a superfície plastificada tranqüilizou-a – gesto que o companheiro interpretou como um carinho e se animou a sorrir com dentes malformados. Lola não agüentou muito e se virou: que viesse por trás e logo. Deu alguns gritinhos para que aquilo tudo acelerasse, torcia para acabar, torcia, mas o cara fazia questão de segurar, de se






mostrar firme, de se exibir ereto. Lola assim se viu obrigada a fazer o que qualquer mulher casada faria muito melhor – com gritos abafados em uma freqüência habilmente descrita em revistas, fingiu a satisfação, como uma cadelinha com dores, rebolando, uma coelha com medo, égua encurralada. Seu amigo, que não era também nenhum fenômeno, logo não se agüentou e aquilo acabou burocrático, protocolado em duas vias.

Deitaram-se na cama. Lola abraçou-o, sentia-se sozinha. Ele estava orgulhoso e fazia carinho em seus cabelos, ficaram prostrados ali uns minutos. Finalmente ela perguntou se havia um lugar onde pudesse tomar banho. Ele apontou para uma fresta entre a toalha com a mulher nua e a televisão. Lola levantou-se, estava quase sem roupa, catou seus caquinhos pelo quarto e os levou. Não podia esquecer a sacolinha com seus trajes para trabalhar. O banheiro era pequeno, com azulejos brancos. Sentiu areia nos pés. Percebeu que o chuveiro elétrico podia dar choques e abriu a torneira com a toalha da mulher pelada. O box era de plástico e acumulava sujeira, a pia indicava que aquilo tinha sido uma cozinha algum dia, o quarto provavelmente uma dispensa. Hoje em dia, as coisas vão se ajeitando. A água quente leva longe as coisas grudadas de quem quer que fosse, esfregou muito as pernas e as panturrilhas doloridas. Ficou ali um tempo até seu amigo vir conferir se estava tudo bem.

– Sim, está tudo bem.

Secou-se com a toalha. Estava limpa, ao menos ali era um hotel com serviço de lavanderia. Sentia-se melhor talvez. Vestiu-se. Perguntou as horas. Tinha uma hora e meia para dormir e cair fora, não podia chegar tarde novamente no trabalho, iriam descontar o atraso em seu salário. Refletiu: não compensava dormir ali. Mas seu amigo voltou a trabalhar, ela ficou sozinha com a cama



do exército e com a modelo nua de papelão que sorria cega para o público que quisesse. Lola então despencou em um sono duro. Acordou com o alarme. O amigo fora gentil em programar para às 7:00.





0

PROLEGÔMENOS





i. uma mulher no outdoor

: CLARISSA e VALQUÍRIA

Ela defenderia-se, percebo como firma as mãos sobre as coxas – era o que o poema chamaria de *chiaroscuro* (um abajur de lingerie, talvez mais sóbria, de algodão?, não, muito casual), sinto seu brilho longe, onde o sol não bate, onde também estou – na penumbra, a observar a garota de saia a descer escadas. Reservas?, não, obrigada. Contudo, o lampejo de lucidez, meu deus!, estão em meu nome, sim, dois lugares.


– Por favor.

O maitre olhos de coruja encara-me: nome, por gentileza. É nítido que me julga, contudo você viu a garota de saia ou é velho demais para isso? Estão em meu nome, sobrenome Walsh, agradeço – a voz ressoa morta, mastigo as últimas sílabas em secura. Sim, é Clarissa, obrigada – o maitre rabisca um papel. Ao entorno, todos os clientes flutuam em órbitas elegantes ante a invisibilidade do maitre, este chega ao mundo somente para lhes desejar boa tarde, sintam-se à vontade & sorri. Desaparece momentaneamente aos fregueses, reaparece apenas em uma mão invisível para afastar a cadeira (a senhorita senta-se), e ressurge súbito, instantes depois, com seu sorriso, a carta de vinhos. Comovo-me, é óbvio que para mim o maitre não some – ele continua a trabalhar, entretanto, poucos anotam isso, seria indelicado. Pigarreio, o céu parece tão azul entre aquelas duas traves, embaçam-me os instantes,

eram outros os céus e talvez fossem mais diáfanos, paio, sobrevôo até o heliporto na tampa do arranha-céu vizinho, as ruas tão direitas, apinhadas, o asfalto quente, poderia dormir como um gato ao sol. O maitre cordial retoma seu inquérito

: Clarissa com dois esses. Soletro pelas letras rabos de gatos curvos, macios revirados, um esse, meu amigo maitre, outro esse, as sílabas possuem tempos variáveis, veja, quando Valquíria pronuncia, está a um tempo, quando sou eu, outro, qual seria o seu tempo? A barriga ronca, instintos coroem o que era dentro, um som grave, escutaria o maitre minha barriga? Arranjos de violoncelo arranhados por gatos. Recordo-me que um dos sons que mais me apetece é o de uma orquestra afinando-se, os acordes roucos e desconexos, a beleza bruta na crueza do desarranjo, em que os ouvidos educados em vão procuram harmonias e tessituras leves – é inútil, os sons fogem uns aos outros e chegam entrequebrados, cifrados, cada músico ao seu ritmo, a seu timbre e voz. Entretanto, aquele ouvinte entediado na primeira fileira do teatro, ao qual aquilo tudo não passa de ensaio confuso, erra e perde o primordial: são nesses preciosos instantes que a audição se enrrobixa e se foca no outro para se erguer e um galo precisará sempre de outros galos – de um que lance o timbre ao outro, que responde cruzado com um dedilhado, e apanhe o fio de nota a outro, teia tênue que se eleva por possibilidades. E do que era antes um novelo confundido de tessituras & fragmentários trechos, flutua como balão, um toldo de um tecido tão aéreo. Assim, caro leitor, é possível ler em voz alta a palavra concerto.

Novamente o aperto – o nome, Clarissa, o nome de alvuras e iluminações, que horas seriam? O céu entre as traves ameaça diminuir, uma nuvem apenas e o coração já dispara. Os clientes rodopiam e a seus lugares!, entre






batalhas minúsculas empunhadas a garfo e faca, chegam-me seus assuntos moribundos sobre o jornal de ontem. A hora pressentida esmigalha-se em pó no chão laqueado. Os homens pedem carne – onde ela estaria? O chamado não se faz de rogado ao ser pronunciado pela terceira vez e escuto ao longe o tropel do salto, lépido e medido. Não movo a cabeça e sei, pelo desenrolar de flores no ar, que ela estava ali.

– Oi, querida!

A mão esmaltada toca meu ombro, virou-me e encarei a face. Permaneço no recuo, imobilizada a reparar no conjunto, sapatos bicudos com estampa florida a combinar com as hastes dos óculos e provavelmente o cinto. Minha cabeça doía, seria o perfume? As flores recém colhidas no campo estremeciam, maceradas e envidraçadas em um frasco translúcido, flores contidas em uma pequena jóia, quase um pássaro de vidro, anunciadas por uma frase afirmativa – as afirmações nunca atingiram um ponto tão nobre quanto nas tarefas gramáticas de publicidade. Antevejo a bolsa pequena espremida entre as velhas mãos sardentas, ornadas por um grande anel verde, pedra de plástico transparente, sim, o colar acompanhava o detalhe, por ali nada era gratuito.


Beijaram-se nas faces.

O relampejo e hesito, o que-bom-que-veio entala na faringe. Espirro, olhos marejados de súbito. Sim, Valquíria, continuo um pouco alérgica a perfumes. Confrontamo-nos, você irá me levar consigo? Estarreço mais morta que os demais, os que se alimentam, insistem em cortar as carnes com ênfase, seriam as facas sem corte ou as ganas em dilacerar? Não éramos queridas, muito menos irmãs – não tínhamos certeza do pai e a mãe fora um sonho longínquo enevoirado. Éramos um pouco meio-irmãs. Contudo, a terra morna, pisando a areia que canta, o barro




que clapeclape, a poça d'água que rebrilha, as malas empacotadas juntas, o sol esturricado, isso repartíamos por dentro e em alguma parte do corpo nos corroía, ou corroeu, já não sinto ao certo, e preciso sentir, necessito tanto, e fito os céus escuros por entre as traves envidraçadas do teto, podia abrir os braços em preces, mas me contive ante Valquíria. Nosso lugar foi, distante e plano, sem perspectivas. Como aqui, se isso fosse um lugar. Entretanto, há o sonho que nos fixa & afixa nos devidos lugares: a cada esquina aqui e acolá vendem-se sonhos, basta enfiar a moeda e valendo! Minha irmã goza aos sonhos e às prestações suaves, aos meses e ao então do futuro.




Tarde demais para se aprumar



: toda amassada postava-me diante daquela mulher. No início desejei, irei mal vestida. A caminho do restaurante, entretanto, meus passos foram calçando dúvidas – seria uma convicção ou mera indisposição?, dicionários grasnam. As revistas nas bancas de jornal preferem o veredicto acusatório: mal vestida. E ainda fora de forma. As unhas um tanto curtas e comidas nas pontinhas. Minha cabeleira sangra a dois dedos das raízes de prata, como uma flor marinha, sargaço morto, avermelhado, onde afloram coisas esquecidas e largadas à praia dos homens. Tornei-me professora. Poderia precisar: lésbica, embora seja tão frágil quanto aquelas pessoas a cortar carne, cortar carne, gostaria que reparassem: estou aqui. E eles viriam às facas, às garfadas, às abocanhadas. Mas reconheço a invisibilidade mal vestida e um cheiro de maresia pelo parco orgulho de trajar o fora de moda, minhas mãos, pela manhã, têm o tônus muscular tão flácido. Qual foi o sonho que não me venderam?




Solteironas. Emudeço, pois todas as palavras se



calaram. Não exatamente por qualquer beleza do momento, mas porque seriam imperceptíveis, miúdas e logo se transmutariam em conversinhas sobre o jornal de ontem. Solteironas, não me fite assim, Valquíria, reconheça-se. Contudo o espelho é embaciado pelas rugas que o tempo repõe em lugar do amor. Escolhi uma solidão reticente nos últimos tempos, minha última namorada ocupava mais horas que o próprio trabalho, que a correção de prova, que as reuniões de planejamento, que o café na porta da copa durante o recreio. Joana sempre arranjava um jeito de se colocar no papel principal exatamente quando os acontecimentos iluminavam uma ou outra figura e em Clarissa permanecia às sombras, a existência a depender de outras luzes, o amor sufocantemente oculto dos ocupados. Joana trabalhava séria, calada. Antes eu havia imaginado: não sobreviveria à dor da separação de Joana, queria dizer que a dor começaria a entupir o esôfago e se espalharia gordurosa pelas vias públicas e, por fim, faria com que escrevesse letras de músicas antigas, atravessasse ruas às cegas e tropeçasse no vazio diante de si mesmo, um eu que giraria em falso sobre o eixo de coisa nenhuma e desfazimentos generalizados.

Não aconteceu nada disso. Bati no bolso para sentir as formas retangulares do maço e afastar o gosto ruim. Era findo, embora não levantasse peias de liberdade, sequer alívio. Não percebo ausências, talvez a momentânea dos gatos de Joana, eram tão elegantes ao desfilerem no peitoral da varanda, na realidade, não sinto nada. E isso era um sintoma. Será isso? Não consigo nomear o que seja, contudo é um filete d'água que aflora, um frio infinito que me inunda as pernas, riachos com detritos nas margens, o que resta, o que se consegue arrastar, minha irmã.

Não, foi ela que me convidou dessa vez. O cigarro, acendo. Entabulamos uma conversação lépida e medida,



quicá animada, enquanto as águas subterrâneas cortam porradas no meu estômago – as malas, o quanto não eram pesadas, olor do papel do ticket do trem e sua textura grossa, senti com a ponta da língua, a imigração. Os estudos, não podia deixar Valquíria ser qualquer uma, ela era minha irmã, não podia, eu era professora. Esqueci as palavras, esquecemos juntas, era vergonha roçar a língua de minha mãe e dominávamos matracas a língua daqueles que prostituíram minha mãe. Estrangeiras. E de tão acelerado, parou. Tudo congelado, um branco profundo, como se girássemos todas as cores em um círculo muito rápido até ver o branco da imobilidade. Acumulei gordura & cargos na escola. Valquíria conquistara aos saltos seus desejos bem delineados – livre, independente, palavras prostituídas voltam-se contra mim. Eu, professorinha entulhada nas oitavas séries, temia a tortura, o porão imundo & másculo, o cassetete do cabo a penetrar-me no rabo, às entranhas. Aos poucos, percebi a imobilidade no que era acelerado, a rua larga e sem barreiras de mão única. Não seria torturada: hoje nada mais é tão inócuo quanto a palavra. As paredes não têm ouvidos, são os ouvidos que as contêm. A censura é fora de moda, paquí-dérmica, mofada e improvável na medida em que a música é tão alta que não é possível escutar mais nenhum pensamento com nitidez. Veja, minha irmãzinha não é capaz de desvendar frases dúbias – há pensamentos diretos mais a mão, prontos, o sorriso irresistível da mulher mais bonita do mundo a anunciar perfumes. Embora Valquíria queira ser inteligente como uma predadora, a dimensão é única e plana, não há criatividade que solucionem isso.

Amar? O terreno é movediço, arenoso com passos esforçados, uma praia inatingível além dos limites de um dever de família, um dever de sangue, um meio-sangue diluído em mestiçagens. Somos próximas, talvez seja isso.

Estou sentimental, desculpa. Valquíria almeja novas fronteiras, um faro aquático, como um tubarão a sentir uma única gota de esperma no oceano. E adentra cheirosa, anel de pedra de plástico e colar do mais novo látex multicolor. Bela mulher talvez.

– Demorei muito ou você que chegou mais cedo?

– Está bonita.

Era óbvia a falta de proximidade, pois assim escolhemos cadeiras, mesa e um cardápio comprido de trincheira temporária. Era um restaurante da moda, entremeado a um minúsculo jardim com plantas calculadas. A porta de entrada é impávida como uma bandeira, apologias a mitologias de colossos, a sensualidade da madeira ereta, escura e densa, o telhado muito alto e sem forro, é possível avistar as telhas, estremeci – não podia ficar contando as telhas ali, Clarissa! O restaurante desenrola-se como a cidade, um labirinto de paredes, cada qual a refugiar um nicho diferente, com decorações e ornamentos distintos dentro do mesmo telhado aparente. Escolhemos ficar um pouco fora, ao ar livre. O paisagista bricolava estilos: ora um jardim oriental onde avistávamos pedras recônditas e grama bem aparada com um pequeno lago de carpas, os peixes nadavam em círculos rasos; ora referências ao clima frio, com pinheiros uniformes enfileirados em colunas militares e, logo perto, espécimes tropicais, com suas folhas grandes e amplas, tão escuras!, e flores por demais vistosas, o excesso abundante do mau gosto dos trópicos – a ausência de estilos predominantes amarrava o estilo do que estava em festejada moda, com mesas para nos sentarmos e acomodadas estávamos.

Era rápido o serviço. Riscamos os desejos como meninas a estrelas cadentes: pedimos um prato para cada uma, apenas eram servidos pratos individuais, como, aliás,

ocorre em toda parte. Para beber, desfilavam nomes de sucos inimagináveis, ingredientes de todos os lugares, indaguei como forneceriam os temperos e frutas, minha irmã logo tratou de esmiuçar uma cadeia logística tecnicamente factível a esse respeito. Senti na língua a vontade de comer algo a base de leite-de-coco, “não servimos”, guilhotinou o garçom prático, essas pequenas coisas não se vendiam por ali. Enfim, ambos os pratos escolhemos sem carne – Valquíria achava insuportável que matassem os animaizinhos para virarem comida. Pontadas no estômago, um cheiro de esterco turvou minha visão, as galinhas, as galinhas e sua quírrera miúda, pedaços de sol empacotados em plástico, as galinhas traficadas em jaulas metálicas, dias e meses a receber quírrera medida, luzes acesas, ah, sempre luzes acesas – as tontas logo julgavam que era dia, era sempre dia para as galinhas, e eram dispostas, botavam mais ovos, mais ovos, eu havia visto! Inquiri a minha irmã se ela comia massas à base de ovos.

– Acho que sim, por quê?

– Nada, estava pensando.

– Pensando o quê?, devia parar com essa mania – gargalhamos juntas. Às vezes era doce ter família e rebocar aos cutucões os recalques até a florarem vermes pelas narinas. Sinto-a próxima, a polpa de meus dedos poderia descrever os fios de cabelo de minha irmã, tanto carinho. Eu a adorava. No entanto, distância é o que consta entre duas cadeiras e uma mesa. Mal tivemos um instantinho para tocar os sucos coloridos e eis os pratos servidos. Em um instante anterior, porém, ao tomar o primeiro gole alcoólico de meu copo, quase toquei na mão de minha irmã, mas recuei antes mesmo de desenhar o gesto, o anel era assustadoramente falso.

– E me diga uma coisa, queria comprar pó.

Fingi não entender a pergunta. Valquíria não se faz de rogada ante a procura de uma informação: acusou-me, sua suja – ressoa a acusação por latidos de cães farejadores ao meu encaço. Fora um erro!, fora um erro enviar aquela caixinha para minha irmã, ela não compreende nada, não é mesmo, Clarissa? A caixinha comprei em uma feira de antiguidades, um domingo de sol, um passeio. Havia estrangeiros ali, turistas. E o tradutor, que acompanhava o turista por uns trocados, reclama para o bibelô: ele tem melhor disso no país dele. O vendedor é esmagado, enquanto eu, passante, alinho a velhice dos objetos à venda entre a fundação desta cidade e a idade de minha bisavó – minha bisavó assemelha-se a uma moça fresca, a driblar amores prometidos entre estrangeiros e imigrantes que lhe faziam a corte com o conhecido funesto final: “tenho melhor disso em casa”. Pago ao vendedor em duas notas a caixinha da idade da bisavó. Que era tão jovem quanto a cidade e que nascera muito longe dali, um maço de rabanetes à venda na feira, com a terra ainda a enfumaçar suas protuberâncias desenraizadas, a terra que tem os cantares da areia, do barro que clapeclape, a poça d’água que rebrilha. Valquíria não entenderia nada desse sentimentalismo. Um erro! O pó? Não era alucinógeno. Era uma caixinha linda, laqueada, da idade de nossas bisavós e das cidades. Confio no fornecedor, o melhor para minha irmã e ela precisava acordar. Aquilo era estimulante. Puro. Não alucinógeno. Valquíria prescinde de alucinações – isso ela tinha aos montes. Ah, irmãzinha, saia disso, & restava inerte no sonho que a velava em dias e mais dias e noites sonâmbulas. Minha querida. Se você acordar, promete que iremos conversar? E seríamos irmãs então! Embora não acredite que viverei para confirmar. O princípio de incêndio alegra-me, fico numa agitação louca, talvez fosse o pó, brilho de mica nas calçadas, o

entulho que me soterra, que me transmuta em outras tantas, o vôo.

A culatra da tentativa, era como a palavra: quando recém-pronunciada já integra a lista do comprar e vender, rola num rio difícil e se transforma em desprezo. O pó manteve-se pó e Valquíria usara numa recepção em seu apartamento, – que festa!, aclamação entre os colegas, enlouquecidos, eufóricos, ela telefonara-me no dia seguinte. Imagino. Masturbados com o próprio sucesso. Ao telefone, falava muito rápido, nunca tinha visto aquilo. Mentira. Não éramos ingênuas, éramos solteironas. E ela narrava, descrevia devaneios que a consumiam viva.

– Sobremesa?

Ao menos nisso somos unânimes – são imprescindíveis doces naqueles dias. Chega-me à memória em vagalhões a fábula da mendiga que teve as duas pernas amputadas pelo diabetes e mesmo assim continuava pedindo esmolava, doces, um docinho, todos os dias, todos os dias, há uma estranha lógica na história. A sobremesa era apartada e cara, embora isso por ali não se discutisse. Escolhi o doce em forma de casinha com calda vermelha, escorria também calda amarela pelo telhado e o chão era cor de terra, um amadeirado forte, castanhas, um desenho de primeira série. Valquíria? Somente uma fruta, ah, sim, aceito calda, ante um olhar acusatório de minha parte, chafurdemos ambas as mãos em calorias, irmã. Em poucos minutos, no minúsculo tombadilho, bandeja do garçom, a casinha anuncia-se hasteada com um biscoito na chaminé, seria inverno?, com a calda prometida e sorvete, mais bonita que na foto por estar próxima à colher. Valquíria julga o contrário, prefere a da foto. Descobrimos depois, às garfadas, que a fruta era açucarada artificialmente, uma delícia. Qualquer medo estético esvai-se pela calda escorrenta até lambuzar minha mão, aquilo sim

era prazer – sinto todos os poros do corpo exalar cores, uma larga flor tropical, exuberante e excessiva. A casinha foi descrita no grau diminutivo.

– Café?

Aceito, estanca as idéias inoportunas da divisão eventual da terceira sobremesa, contravenção feminina permitida entre irmãs. A conversa fluía mansa, naus em calmarias em azul. Meus alunos, as aulas, a rotina sem Joana. Valquíria revelou, um de teus alunos trabalha comigo.

– Sêrio? Quem é?

– Não sei o nome, um moreninho. Disse que você incendieira a classe, mas sai logo correndo quando a aula acaba para não ter que contar como se muda o mundo.




Risadas ascendem aos ares, admiti a franqueza, alunos são criaturinhas engraçadas. Entretanto, algo aqui é constantemente quebradiço, Valquíria é demasiado fria, acode-me a imagem de uma senhora jovem cosendo o próprio vestido para uma festa à noite, frívola e muito ocupada entre linhas e agulhas. Escureci logo após. São os tempos ou é essa minha gripe que não tem cura. Penso que ainda pintarei as unhas de azul, assim poderia imaginar que sou aquela atriz, a atriz na praça, embora seja inútil acreditar que poderia narrar outros, o sentimento agreste dá o talhe – tento apenas equilibrar a tocha por momentos escuros, riscam clarões esparsos: não espere incêndios ou assombros, provavelmente é pelo que resta de amor que a história resiste.

ii. lições de agropecuária

: NEGOCIADOR e VALQUÍRIA

Os cabelos guardavam a indisciplina do garoto que não precisou estudar para a prova de ontem, nem para a de amanhã, não há provas para certos alunos – o pé de feijão já fora escalado até às nuvens e era do firmamento que espiavam o mundo e mexiam as pecinhas aqui embaixo. Como aplicar provas para alunos aos quais não se apresentavam degraus para galgar? O gigante residente no mundo das nuvens fora inventado apenas para meter medo nos que se aventurassem a escalar a leguminosa. Contudo, os pobres e audaciosos candidatos a João, estudavam duro para as provas, faziam mestrados e cursos técnicos, mas, ah! o gigante era um monstro mesmo terrível e punha todos os sonhos de nuvens para baixo, para baixo.




Nosso aluno residente em um dos castelos do império das nuvens então faltava às provas e mexia as pecinhas por aqui. Sentava-se agora indisciplinado no sofá, o tônus muscular de bronze relaxado e os cabelos ainda guardavam os ventos do helicóptero, libélula negra recém-pousada na lagoa de asfalto, no heliporto do arranha-céu. Espreguiça-se, o sofá da recepção provavelmente custara muito mais caro do que deveria, coisas ao gosto duvidoso do mundo empresarial. As vibrações, permanente agitação discreta no ar. Zumbidos. O prédio era amplo, envidraçado com seus insondáveis lagos de espelhos voltados à multidão pedestre ali embaixo. A sala estendia-se como



um grande tabuleiro de docinhos, cada qual cuidadosamente espaçado e um pouco escuros, não havia divisões aparentes entre os trabalhadores, os móveis podiam ser alocados conforme o planejamento bimestral, o gigante poderia engolir, de súbito, todos em uma bocadinha. O tamanho das mesas e a vestimenta indicavam a hierarquia e, ao contrário do que os aspirantes a João pudessem adivinhar, a resposta correta no gabarito é quanto mais informal, mais alto o degrau. Sem esse raciocínio não iriam nunca passar de ano! As recepcionistas eram uniformizadas.

Valquíria suspirou mais tranqüila, havia um agradável zumbido no ar, um cheiro limpo, carpetes asseados, agitação de colônia de bactérias, a se duplicar calculadas na placa de vidro. Seria a confirmação?, avistou o negociador com palpitações nos ouvidos – então graças, hoje fechariam finalmente a negociação. Os telefones pisca-piscavam ligações, a impressora baba em folhas, de início brancas, claríssimas, e depois folhas timbradas, contratos a serem assinados, um concerto sinfônico com síncopes devidamente previstas na cultura do improviso, uma amostra de usina de cana-de-açúcar, com suas fileiras de canudos verdes enfileirados, braços escuros cortam cortam ao sol que alimenta as mudas do precioso capim, o melão ainda escorre sangüíneo, o vinho resta na água dos mananciais, mas gera um combustível ecológico & limpo, asseado, envidraçado, timbrado e assinado. Valquíria sabia-se tranqüila, em um bom ritmo de trabalho, cabelos vermelhos secos da natação e conhecia um pouco de frio por conta de sua saia e sandália. As estagiárias olhavam-na com um receio bem fundado e estendiam-lhe folhas em branco.

A sete metros dos pés gelados de Valquíria, o negociador indisciplinado aguarda com a barba mal



escanoada em tédio. Sapatos confortáveis como de passeio e uma mochila de menino. A calça jeans, entretanto, salientava o instrumento de bom tamanho entre as pernas, o saco de herdeiros bem nascidos à espera da mulher escolhida, que desperdiçasse os dias entre a faca carniceira e o anti-rugas, as compras e as idas ao teatro de comédia. Ao fundo, ruge o desprezo da secretária velha na equipe. O negociador distinguia com facilidade aquele tipo de mulher madura – seriam todas despedidas, pouco colaborativas – murchas no entresseio, uns decotes úmidos, exagerados na púrpura fora de moda do batom e o recalque em brochinhas de tecidos lilases no 8 de março, não me mostre tuas rachaduras, mulher, não darei esmolas, te conheço bem, feminista, a secretária ergueu desdenhosa o gancho do telefone. Valquíria finalmente desvencilha-se dos afazeres e, apaziguadora, cala a secretária e sorri ao negociador:

– Vamos?

O gelo dos pés transmuta-se aos olhos, não havia nada que Valquíria pudesse fazer a esse respeito, ao menos cuidava da pele – ela não possuía tempo para compras ou ida às comédias, ao menos sorria abertamente ao negociador. Caminharam ao longo do corredor que transpirava assepsia e brancura, poderia compará-lo a um hospital em que não se recebem visitas, os pés de Valquíria, gélidos, entorpeciam-se contra as agulhadas do salto. Ao final, postava-se a cabine do elevador. Desceram até o subsolo – não há escolhas dentro de um elevador, ou vamos para cima ou para baixo. Segunda opção, não havia lugares nos helicópteros ou nuvens e o motorista da firma já aguardava na garagem. Sozinhos no cubículo espelhado.

Entregelada, Valquíria esboça tentativa de comentário agradável:

– Ainda bem que saímos. – balançou os cabelos

artificiais e dos fios pesados brotam pêndulos de relógios a marcarem as horas, almoço e após reunião, prossegue cúmplice – Odeio essa câmara nos filmando.

A gargalhada morre na superfície metálica em cinza. O negociador ajusta a mochila nos ombros e imagina que ela talvez fosse mesmo engraçada. Espreguiça-se no bronzeado dos braços e discorre sobre a falta de privacidade, com a habilidade dos que possuem tempo de sobra para esmerilhar assuntos do senso comum. Valquíria retruca rápida em uma risadinha abafada, ela não gostaria mais que ele fosse apanhá-la no escritório, tenho que te proibir. Ela conhece: as conversinhas agarravam-na pelos cabelos, era capaz de ouvi-las agora mesmo, meu Deus, como comentariam, avista-se um rubor em seu pescoço, orelhas e faces vermelhas – devem achar que o caso agora é sério! O negociador mirou-se novamente no espelho com fastio, quem sabe brotariam flores brancas na superfície do cristal. Valquíria murchou, os pêlos em seu braço eriçados pelo ar-condicionado onipresente, o frio escavara um fosso através do chão que descia, descia. Era aquilo mesmo. O caso não era sério e ela odiava isso. Sacou da bolsa os óculos escuros.

No subsolo, o motorista enfileirava-se matematicamente traçando a diagonal entre a lataria negra do carro e os passageiros, tão cortês, portas abertas. Valquíria consolou-se: não gostava de se retirar da firma pelo térreo, aquele calor sufocante do meio-dia nas calçadas e depois discernir a mendiga com as pernas amputadas, uma menor do que a outra, com olhos rotos e doces. As portas do automóvel fecharam-se em aromas de sofisticação e couro. Adentraram, enfim, o restaurante. Era um comercial, havia certa nobreza no prédio, a iluminação indireta, algumas esculturas de artistas conhecidos. A música variava entre um rock antigo e canções de glórias passadas. Valquíria

começara a se alegrar confortavelmente com a conta paga. No mais, era apenas um almoço. Cardápios estenderam-se obsequiosos. Valquíria pediu gentilmente licença, iria ao toalete.

Fechou-se na cabine, cubículo rosado, fez e deu descarga. Mirou-se no espelho, ajeitou a alça do sutiã por baixo da camisa um tanto desapontada, não estava nos seus melhores dias, será que haveria boas notícias?, prosseguiu até a mesa e senta-se novamente. Alevanta-se uma conversação interessante: como desenhistas, olhos concentrados em pontos de fuga da sala. O telefone de Valquíria. Era o estagiário, um rapaz com bons sorrisos e notas altas nos cursos técnicos. Sim, João, já estou almoçando, obrigada. Desligou. Seria um convite?, Valquíria sentiu o peito subir e descer, os rumores caminham, todos deviam estar sabendo que ela iria se mudar de país, poderia ser uma última cartada do menino para um pedido sobre indicações de promoção ou haveria algo a mais? Qualquer observador pouco inteligente pode discernir claríssimos os planos translúcidos de Valquíria, embora nem o negociador, nem seus colegas parecessem realmente interessados em desvendar tais planos. Inclusive, nem ao certo ela mesma parecia importar-se com seu diáfano comportamento – em lugar disso, preocupava-se em disfarçar sua curiosidade intolerável, a qual não permitia ignorar sequer um telefonema no meio do almoço. Sorri: desculpa.

– O patezinho! – comandou o negociador, emendando em pedidos exóticos recomendados. Ante as torradas e a rua de mão única da boa educação, Valquíria estendeu suas mãos acaneladas e com a faca sem corte alisou a massa rebocada ao pão, mordeu. O ganso, um cisne mais feio, canta suas últimas melodias, granadas em excesso, deglutidas em mais comida, caro ganso, mais

comida, abra o bico, amigo ganso, afogue-se o ganso em um cano de 25 cm até o estômago, que o órgão roxo escuro incha-se até 6 vezes, até 12 vezes, uma preciosidade. E os pratos são servidos, sim, Valquíria, hoje você pode, um copo apenas de champagne, quem irá reparar?

Não suportaria comer muito, Valquíria mantinha-se em estrita dieta e mesmo ali seu estômago detinha-se na cautela, ela não possuía créditos suficientes para a faca carnicreira, o quanto não daria pelo cutelo de um bom cirurgião plástico. Agia cuidadosa, às bocadelas. O negociador então perquiriu inteligente:

– Você sabe o que significa rufião?




Valquíria, boa ouvinte e bem humorada atendeu que não, contudo imaginou o rótulo estranho a vários de seus colegas. Assim o negociador passou a narrar com sabedoria veterinária de bom granjeiro

: trata-se de um cavalo pangaré que é colocado ante uma fêmea no cio. Não, na realidade não precisa ser necessariamente um pangaré ou um pônei, pode ser até um cavalo de estirpe, mas veja, Valquíria, é necessário que tenha libido, ganas, instinto de competição. Claro que Valquíria entendia e já se inclinava interessada pelo rufião. Então, a função do rufião é simplesmente detectar se a égua aceita a monta. Pois, entenda, Valquíria, não se pode apresentar assim de bandeja o garanhão, um cavalo premiado de real alta estirpe – imagine se recebe coices da égua mal resolvida? É evidente que há sinais científicos sobre o cio da égua, posso citar o corrimento vaginal cristalino, parece até clara de ovo. Só que o rufião nos poupa trabalho sobre o gênio das fêmeas e, quando a égua, muito faceira, esfrega-se interessada pela monta e o rufião se encarrapita sobre seu traseiro, é hora: retira-se o rufião completamente excitado do estábulo e larga-se o garanhão a seu genuíno trabalho. Pobre rufião? Não,

Valquíria, trato bem meus animais, quantos não se alistam para isso, eu mesmo já aliviei rufiões bem excitados, tem que bater com o braço inteiro, você tinha que ver, prosseguiram gargalhando.

O restaurante recendia a aromas marítimos e comidas apimentadas, Valquíria mal sente os pés, o tombadilho é inseguro. Pensa às piscadelas, aos soquinhos, não era especialista em assuntos de proprietários rurais. O negociador discorria com vigor sobre qualquer outra matéria granjeira fantasticamente desenvolto e apreciava o decote da ruiva, imaginando como seria pingar cera derretida de uma vela na depressão lisa logo abaixo do pescoço, mas deveria ser emoldurada por uma gargantilha elegante, mesmo que falsa. A excitação ativa como um gatilho seu bom instrumento entre as pernas e não pára de falar, aquilo era prazeroso, gesticula. Apreciou a mão branca e firme empunhando a faca, cortando o peixe, esfregando o patê às torradas. Morder aqueles dedos. E a nesga de ombro à mostra. O negociador estaca subitamente, escolhe um tom cortês e pergunta, se não quer me acompanhar até o banheiro. Mentira. A facilidade com que poderia raptar a ruiva o desaponta definitivamente. Falaram de negócios : deu as últimas instruções referentes à reunião para Valquíria.



Bingo! Então estava tudo combinado. A âncora. Valquíria não precisaria barganhar nada. Apenas fingir como se o fizesse. Então, eis um porto seguro!, é como se nunca houvessem navegado, permaneciam ali ancorados o tempo todo, apenas com a sensação de movimento. Valquíria somente precisaria confirmar o planejamento com o advogado, embora ele próprio já tenha contatado o negociador. Revisou a lista de tarefas mentalmente: cerca de seis telefonemas, anotar fluxogramas e pequenas alterações em dois relatórios. Duas horas concentradas



seriam suficientes. Após, entraria em reunião. Tudo certo. E permaneceriam reunidos até quando todos agüentassem. Duro, exaustivo, mas era necessário para tirarem boas notas e escalarem um degrau. Embora estivesse tudo fechado. Então, bastaria fingir que nada estava certo? Valquíria julgou adequado o plano, o advogado comemoraria. Eles dois comemorariam juntos? Distinguiu o desapontamento mordiscar os pés.

– Sim, está tudo de acordo.

Valquíria nem esboçou reação à conta, foi paga. Beijaram-se nas faces. O negociador bronzeado, que raramente estava por aquelas paragens mundanas, aproveitou o apetite que o pescoço da ruiva suscitara e tomou rumo à casa de uma dessas amigas. A vida é muito curta.






iii. monólogos

: ADVOGADO

SÃO comichões que percorrerem meus braços, alfineta-me a falta de cigarros, a vã tentativa de esconder as mãos. Reuniões assim não servem para muita coisa – e a princípio iríamos fundo nas horas. Recebi instruções para resolver tudo. Ou, ao menos, fazer com que pareça que não há nada resolvido e que efetivamente resolveremos tudo. As mãos cruzam-se mais uma vez. Descruzam. Tateio o tecido grosso do bolso do paletó, o maço restava comportado ali, retangular e seguro. Claro que tudo está resolvido.




Abono uma olhada de soslaio para a Val. Ela está tranqüila na mesa, roupa inapropriada: para variar. O pensamento enrola-se como gato preguiçoso – às vezes raciocino, será que se vestia de qualquer jeito para apontar seu desprezo por essa gente?, normalmente concluo, ela não teria esse brilho imaginativo todo, era apenas mau gosto. Valquíria assiste, sem mover as sobrancelhas, Ronald e seu espetáculo, ventríloquo na terceira idade sem um mágico para lhe ditar palavras, sim, é inútil fazer exercícios todos os dias e manter os dentes brancos bonitos e perfilados – ele é velho, é um velho. Filho-da-mãe. Dispara o falatório, mas não adianta nada. O negócio é meu. E a Valquíria é minha ou, ao menos, são as instruções que recebemos, ninguém pode se beneficiar de sua própria torpeza. E o filho-da-puta do outro negociador enviou a





assistente burrinha para a reunião. A menina despontava uma cara eqüina, com olhos grandes e passivos. O outro negociador já deveria saber, claro, estava tudo acordado. A garota provavelmente não compreende nenhuma palavra, não lembro de ter escutado seu nome, muito magra. Disperso na cara de água meus minutos, ela anotava aqui e ali qualquer coisa, olha para a janela, já escurece. O tédio é a maldição desses ofícios e a polidez, um impermeabilizante. Ainda reparo, a Valquíria bem que gostou da menina, adivinho isso de longe. Embora dissimule com seus olhos profundos que presta atenção no Ronald, velho filho-da-puta. A cadeira possui um abraço tenro demais, o pescoço contorcido na maciez perversa, agulha as costas. Com preguiça em prosseguir na discricção, arrumo o saco para o lado. A gorda nota. Que perceba, Alegria, imagino que há anos você não vê algo assim. Aliso o cabelo e mando: um sorriso para você. A gorda retorna o olhar com sono. Chata – o fogo deve esbrasear-se acorrentado aos abutres no estômago.




Da perspectiva configurada, perco outros focos para assentar esforços nas coxas da Valquíria – uma mulher afinal de pouco seio, cansados, nomeio suas coxas, provavelmente um tanto magras, mas bem compridas, talvez firmes, apertar, até dar uns tapas. E sabia seu sabor safado. O rosto adiantava isso. Será que a cara de égua do administrativo também é safada? Ou Valquíria seria cara de égua? A menina assemelha-se possuir um bom comportamento pasmo. A graça reside exatamente na candura estúpida dos grandes olhos eqüinos da menina, bem sei como ocorrerá: a Val não a deixaria passar incólume, depois da reunião todos nós falaremos “só um drink para descontrair”, contudo, neste instante, já será tarde demais. A mocinha deverá vir junto, é provável que tenha medo do chefe – essa gente tem medo de tudo.



Imagino a Valquíria enlaçá-la com suas conversinhas moles e pimba! arrasa & faz miséria com a garota. Bem sei que, na verdade, a ruiva prefere os homens, divertimento para contar aos colegas no bar, embora mesmo assim admiro esse poder estranho da mentira.

Entabula-se certo silêncio entre os cinco reunidos ao redor da mesa. Profiro comentário com certa inteligência, pigarreio e concludo reticente, o que mais caberia dizer? Como um galo riscando o terreiro, o bosta do Ronald saca materiais gráficos da pasta e a gorda auxilia com suas mãozinhas roliças a entregar as transparências. O que o velho ainda faria?, mijaria no pé da mesa para demarcar o carpete? Resumo minhas forças na extensão do braço para agarrar mais um bolinho. Ruim para cacete, a massa cola-se aos grudes no céu da boca, cocô de criança pequena numa travessa bonita. Gole de café doce demais. Insistem em projetar o vídeo. Afundo no abraço ortopédico da poltrona – agora estava autorizado a viajar durante meia hora que nada de relevante aconteceria. Resisto, o direito não socorre aqueles que dormem, tenho que me manter desperto, outro gole de café, o líquido desce um pouco frio. E o outro bom argumento para permanecer acordado, a fatura é calculada em horas – reuniões são horas faturadas. As luzes apagam-se macias e projetam-se planilhas inicialmente, não seriam os vídeos?

A sala de reunião tem o bom gosto das meninas que desfilam imperceptíveis nas lojas e se as notamos, é por um rastro insistente de perfume, um cômodo embalado quase inteiramente em vidro, um esquife, aos que ali estavam conferia uma sensação de poder. Imagino como deve ser bater uma aqui com o vidro aberto. Estou meio tarado. É possível que seja o efeito da proximidade de Valquíria, com suas conversas estranhas, com pernas compridas.. Ontem mesmo de madrugada evitei trocar



obsценidades por meio do teclado, “um abraço” de assinatura na correspondência e ela entenderia – minhas mensagens todas seriam encaminhadas ao negociador, perigoso escrever bobagens por extenso, sacanagem só ao pé do ouvido sem gravadores. Embora agora ela insistia, ignora-me. Observa as planilhas, quantas seriam? A estranha claridade dos cálculos projetados na sala escura eclipsa as luzes da cidade, o sol da tarde foi um sonho longe que não se aproveitou.

E tudo o que era soterrado aflora à tona, como uma flor vermelha e venenosa semeada pela enxurrada. Mesmo que o advogado se esforçasse para permanecer um peixe pequeno, com suas memórias instantâneas e frescas, há epigrafias, meandros e propósitos dentro do cano do revólver da melancolia e nos faz pensar sobre tudo o que na história poderia ter sido, como uma roupa virada ao avesso, sonho de um dia riscar a lataria do céu. É o resumo de uma noite perdida. Primeira e quase única, pois as noites nunca me vêm inteiriças. Inicia-se pelo trabalho, o que afinal não deveria ser um começo, entretanto, foi onde os riachos da narrativa confluíram em uma lagoa parada: Valquíria e eu havíamos trabalhado a semana inteira juntos, cada um por uma parte. Ela invariável, competente e fria. Eis que, ao me aproximar da mulher, julguei-a sensata e centrada, o que engatilha a coça de dobrá-la aos meus caprichos conquistadores de desígnios baratos. Por mil vezes desenhei posturas diferentes, seu rosto a descoberto, os cabelos desgrenhados, a executiva desfeita em uma foda mal paga. Não obstante, os dias extenuantes (e noites) a trabalhar no mesmo projeto juntos esfriaram qualquer desejo mais insistente. Ela era exigente e estava no comando, revisava tudo com faro de tubarão, revirava buracos de estratégia, muito monótona. Pois bem, no último dia de projeto, fiz um convite, ingressando como






em uma despedida: de súbito, lasquei se ela não queria encher a cara. Sim, grosseiro mesmo, queria chocar a cocota. Qual não foi minha surpresa quando, com uma risada aceitou imediatamente e ainda fez pouco sobre minha capacidade em agüentar bebidas fortes.

Após tantos anos, confesso que a mulher com o copo na mão causa estragos e permanece impávida como uma cavala. Naquele dia, fomos a um lugar que indiquei, havia música ao fundo, batuques, e da janela envidraçada do bar era possível avistar grande parte da cidade iluminada. Era rara a noite em que não convidava uma mulher àquele bar e não acabávamos na cama – as luzes da cidade me sorriam sorte. De fato, a tal executiva entornava boas doses sem abalos. O que não conto é que vomitei no banheiro, cheguei a fazer uns bochechos, cheirei um pouco, levanta o ânimo, e retornei à mesa. Ainda bebi um pouco mais, o que fez atenuar o gosto verde de bñlis. É certo que fiquei com uma aparência horrível, porque ela facilmente adivinhou o que acontecera. Enfim, depois de um tempo – quanto tempo ficamos ali?, melhorei bastante e pedimos uns crepes, tomei refrigerante.

O assunto sobre trabalho morreu. Não havia muito sobre o que conversar. Até hoje me pergunto como a espontaneidade traçou os ares na fumaça branca do cigarro, sentia-me lançado, como se um abismo pudesse roçar a ponta de minha língua e nos trancafiar sufocados por toda eternidade na imersão da vida administrada – sim, por um instante éramos apenas um homem e uma mulher bebendo e a guimba ainda resfolegava fumegante no cinzeiro, como entulho de prédios em demolição e imaginários vendidos sobre sucesso, a miopia da carreira encadeada a partir de um chão instável com sua mão invisível a puxar a linha, a puxar a linha. O silêncio foi posto à mesa.



Comecei com palavras. Em primeiro, engatei reticente, depois aos borbotões. Conte à Valquíria sobre minha estadia na casa de repouso durante uma de minhas licenças, eu chancelaria mais tarde, ‘férias’. Havia enlouquecido, surtado, não conseguia mais conciliar o sono, pensamentos não se aquietavam, ganas para produzir à noite, trabalhava & trabalhava, embora não rendesse nada, apenas papéis, gráficos, palavras desconexas do dicionário técnico. Perceberam. Telefonaram ao psiquiatra, meus colegas. Dissimulava bem, mas, veja, eu morava com minha mãe – se você quer surtar, faça-o fora de casa, mesmo que encontre a mãe a cada duas semanas. Claro que habitávamos a mesma casa, entretanto, nossos horários eram desencontrados. Agora a velha mora talvez com minha irmã, é melhor assim, não me sinto culpado. O psiquiatra de plantão receitou-me por escrito um “tempo”, e gargalhei: era exatamente o que me fugia! As gargalhadas fecharam-se na casa de repouso e fui disseminado maníacos, aos rapazinhos em que injetam relaxante muscular. Portas fortes e câmeras atentas. Valquíria era uma ouvinte atenta, assim fui corajoso e persisti honesto. Narrei detalhes, como a enfermeira com cara de ratazana e suas doses intravenosas, os colegas de quarto, ríamos por qualquer motivo, moles e relaxados. Alguns recebiam visitas. Insistíamos em vão tocar um instrumento, estavam ali como se justificassem o preço da internação: um violão, um tambor, uma flauta, mas isso era somente engraçado, nada mais. Minhas mãos pela manhã tinham o tônus muscular tão flácido, nada se retinha, espatifava-se. Ao todo foram dois meses – paguei um colega para que me tirasse dali, planos dentro de planos para conseguir sacar a grana, tudo isso. Resisti, era vergonhoso morar com minha irmã, nem a conheço ao certo, retornei a meu apartamento, repleto de contas a pagar, estas não se



esquecem de nós, embora vencidas. A demissão. Com o salário desemprego, plantei-me uns dois meses a verificar se as paredes cresciam, o que causou efeito rebote na barba. O alimento era um resumo de caixas de comida pronta e cigarros, o que arrombou o estômago, embora tenha realocado a cabeça. Estanquei com remédios, embotavam os sentidos e preferi ser um possesso a um completo apático – conquanto tenho poucas dúvidas sobre a semelhança.

Emprego novo com certa facilidade, um conhecido de meu pai com dedos compridos. Sem resquícios da estadia duvidosa. Visito o psiquiatra certamente, mas suspeito que só prescreva drogas e não curas – qual seria o sentido de me liberar? Por isso, cuspo tudo, escolho meus cardápios de psicotrópicos. Às vezes, perambulo deveras muito agitado, nessas épocas procuro fumar mais e correr um pouco na esteira. Melhora. Entretenho-me bastante, mulheres, isso melhora. Mas sei o gosto do trabalho, isso me acelera o tempo.




Estanquei a verdade de súbito, silêncio. Valquíria perquiria minha face com aparente normalidade. Ambos calados por uns minutos. Durante quanto tempo permaneci narrando? A raiva acendeu o lóbulo de minhas orelhas como lâmpadas bojudas, como poderia plantar-se calma a me olhar? Valquíria:

– Você já contou isso para alguém?

Refugo. O que ela queria entender com aquilo? Bem, quer dizer, não contei, essa história inteira, não. Movi a cabeça com toda a certeza:

– Acho que nunca tive coragem. Irão achar que sou louco.

Permaneceu silenciosa, enquanto em meu peito as vagas de arrependimento pela estupidez da franqueza chocavam-se contra as pedras da sensatez, como pude






contar, feito uma criança chorona, minha história mais íntima a uma estranha? Carência é uma merda. Como não se inventam palavras com facilidades, fumamos o silêncio durante mais um tempo. Relaxei, embora meu estômago repuxasse as marés de mágoas. Valquíria torna:

– Eu gosto de homem.

Insistimos na calada. Ela provavelmente por falar pouco. De minha parte, por não ter idéia alguma do que responder a esse comentário fora de hora e de contexto, as palavras são fugidias e percebo-me mortalmente cansado.



A consciência fixa-se novamente nas planilhas e gráficos projetados na parede branca, as luzes da cidade piscam através da vidraça, é possível que agora finalmente exibam os vídeos. Ajeitam-se os papéis e mais um gole de café – totalmente gelado. Ganas de cuspir e fugir da sala, impedido, tocariam sirenes acaso desistisse da reunião. Somente a silhueta de Valquíria ao fundo, imóvel, adivinho-lhe as mãos geladas.

Eu gosto de homem, retumbam as paredes dúbias. O que ela gostaria de declarar com essa frase curta? A sintaxe era clara, os termos na ordem direta da oração, sujeito não-elíptico. O advogado raciocina, havia muitas outras frases claras que não se juntavam igualmente em sentido, assemelhava-se à familiar letra da lei. A diferença é que Valquíria demandava um comentário e com desejada coerência. O trago no cigarro serviu de epígrafe, repousei no cinzeiro, a fumaça dançarina zombava de minha falta de jeito. O estômago revirou-se novamente, logo se acomodou sem mais rebeldias. Estendi o braço, a mão dela tremelicou ou seria a cidade inteira?, toquei no vermelho esmaltado das unhas, ainda não era carne e jazia gelado por conta do contato com os copos. Ergui a polpa dos dedos, não eram delicados, mas vieram dóceis. Dei um




beijo na ponta dos dedos. Formou-se um minúsculo abismo naquele tocar de lábios entre peles. As palavras são escorregadias e anfíbias, embora meus olhares não fossem baratos dessa vez (silêncios cortados), imagino que deveriam ser risíveis pela sinceridade mal acostumada, embora, aos poucos, os dois olhos tornaram-se quatro.

– Também irei te contar a minha história.



Valquíria aprumou-se na cadeira, o espaldar fincado na vertical como uma varinha que faz a muda verde crescer em planta, os dedos roçaram o cigarro, fumar era preciso, exatos graus matemáticos que formavam no cinzeiro as horas, que girariam cinza branca até entulhar o recipiente. Recordo-me parcamente do episódio, afinal a onisciência é um charme distribuído a poucos bons mentirosos e fui condicionado a recordar apenas o por último, esqueça as leis que saíram de vigor, antigos sistemas contributivos e previdenciários, lembre-se: normas de transição!, um peixe de aquário com um minuto de memória e códigos eletrônicos. Não obstante, ainda projeta-se nas paredes do fundo de meu crânio sua feição delicada, uma doçura desabrochada que alguém mais cruel poderia rotular de infantil, era como se retirasse do rosto uma máscara gorda e melada e, agora sem freios & peias, suas bochechas ruborizavam-se despidas do verniz da boa educação, a boca retorcia-se em uma maldade sem interesses e as mãos permaneciam com aquele cheiro doce, com se tivessem respingado canela na pele. Residia beleza naquela infelicidade crua.

O comentário inicial foi tecido a respeito da música ao fundo, que até então não havia sido notada propriamente, isso faz me lembrar de minha terra, sabia? a areia que canta, o barro que clapeclape, a poça d'água que rebrilha. Valquíria contou que era imigrante, assumiu suas mudanças súbitas de país, era importante: cidades



novinhas em folha!, a serem saboreadas com novas colegas, luzes, compras – os olhos faiscavam. Trabalhava sempre para o mesmo negociador, que a punha dentro de aeronaves e promessas, quem sabe?, enfim valia, adoro festas, conhecidos, recebo convites. Nunca havia se envolvido seriamente com alguém, afinal, o modo de vida dita as conveniências, Valquíria tinha uma pontinha de medo que lhe tirassem a liberdade. Domina vários idiomas, nem todos com a devida fluência, mas o suficiente para negociar, trabalhar e fazer investimentos. Condição: no máximo dois anos no mesmo lugar. E a cigana, despossuída de suas 78 cartas, lançou a ponta de seus rodeios. Procuo recordar em linha reta. As projeções de cálculos do Ronald raptam-me a concentração.

O estratagema sinistro dependia da liquidez com que as pessoas se cruzam, um evitar aprisionar-se, o vocábulo prisão gingava como chumbo de pescaria na língua, acompanhado da expectativa de anzol – uma boa mentira, Clarissa! Foi isso que Valquíria escolhera.

Nos entremeios de cidades, apercebeu-se que o lesbianismo era uma saída digna. Mal notavam, no máximo um certo charme, acusaria a irmã de molestá-la. Nem ao certo era uma irmã de sangue, veja, migraram juntas e são essas coisas a que se chama família. Contou que a irmã enfiava a mão por baixo da saia, inclusive quando estavam juntas dentro no ônibus. O advogado deu risadas, interessava-se pela história, sentia o sangue acudir os lugares devidos e o enjôo foi um mero sonho maldormido na noite passada. A mentira é boa. Traguei mais uma vez o cigarro, havia desejo ali posto à mesa. Não obstante, mulheres possuem o hábito incontornável de frustrarem veleidades imaginativas: Valquíria logo deslavrôu o resto da narrativa em tom confessional e fugia, fugia, de colo em colo de mulheres, provando batom alheio com a língua,

farejando às lambidelas o meio das pernas sem meias-calças, o que seria então verdadeiro? e o que mais gostava: meninas do trabalho. A posição de chefe embaraçava-as, tanto que não levantavam objeções, nem deduravam às colegas e como o amor entre mulheres é coisa pouco perceptível aos rinocerontes, a vida prosseguia.

– Então, eu gosto de homem.




Como as ondas mansas que chegam à areia espraída de som e sol, da mesma forma que o gato de Joana desbrochaovelos de lã pela tarde (comprados unicamente para esse fim, pequenos desperdícios de seu salário espremido aos bichanos), o advogado apreendia no fundo o que Valquíria intencionava dizer, como se o raciocínio torcido transbordasse pelos batuques do bar, rodopiasse nos quadris das velhas assanhadas, desenrolava-se. Ela gostava de homens. Havia certo mistério insondável na clareza daquele pensamento, o que fez o advogado ter o lampejo único que poderíamos esperar:

– Há quanto tempo você não sai com um?

– Onze anos.



O silêncio consumiu por completo o relógio improvisado no cinzeiro, agora cigarros destruídos em duas bitucas. O advogado logo se lembra com sobressalto – é fundamental mostrar-me viril nesse instante, ela estava no alcance de seus braços, deveria arrebatá-la aos beijos violentos e marcá-la de abraços a ferro quente, carimbos roxos e lilases na cútis pela manhã.

Ficamos quietos novamente. Me sentia um completo idiota. O script exigia que eu, muito macho, a agarrasse naquela hora e a beijasse mordendo tudo até sair sangue. Não consegui. Fiquei paralisado, como se a cidade me acuasse, como se a mesa fosse grande demais, como se aquele punhado de pó que cheirei deixasse meu sangue fino como o de uma barata, as verdades operavam em




mim um efeito reverso – não era bom, preferíamos a mentira, o tempo todo, mas ali só tínhamos a verdade, a verdade. Um saco. Ela também ficou quieta. Os batuques rolavam soltos no fundo. Ela pediu a conta. Com conversinhas fracas, fiz questão de pagar, claro que ela não aceitou e meu embaraço continuou. Merda. Ela ainda era chefe. Sempre pegava qualquer mulher na hora, o que acontecia ali?

Sáímos, eu estava de carro, ela pegaria um táxi. Provavelmente nunca mais nos veríamos. O que era uma mentira, claro, trabalhamos para a mesma firma. Isso sim me deu um vazio grande, senti que não era a gastrite que me comia o estômago e sim um grande monstro cor de asfalto, eu precisava dela, eu precisava dela e não deixei. Encurralado pelas minhas próprias entranhas, coloquei-a no carro e dei partida. Fomos para meu apartamento.



Ali naquele pequeno mar de caos que destruiu diariamente com móveis sem muito sentido, preparei gelo e álcool em copos ainda elegantes. Fumamos um pouco do que restava no fundo de uma de minhas gavetas – mal isso tinha para lhe oferecer – e reiterávamos a falta de sentido nos diálogos. O abismo ante a expectativa ao toque aumentava, como um mastim que fareja o rastro de temores de um menino que tem medo de cães – o dia iria clarear a qualquer momento e ela iria embora, largando às costas o estéril imprestável. Brocha, extenso demais para ser mera questão de imagem. Havia a certeza que não iríamos contar nada para ninguém sobre aquelas histórias, contudo havia qualquer coisa ainda mais grave, o medo de enlouquecer, o desespero da taquicardia, e se ela se fosse?, de nunca mais curar aquele vazio que me roía, que me roía.

Antes que fizesse qualquer idiotice, coloquei uma música. Melodia otimista demais – não tolero escutar essa



canção de novo sem ficar melancólico, até hoje sinto fraturas desse tempo. Essas músicas felizes e excitadas já encerram o depressivo do mundo, como travesseiros cor-de-rosa e lençóis lilases. Sem outra opção, sentei-me ao seu lado no sofá, tecendo comentários de bufão, sobre como meu apartamento era horrendo, a cortina caída, uns espelhos terríveis que fazia com que a sala parecesse um motel de mau gosto e abandonado, mas ela parecia não se importar com nada. Trancada em algum lugar impenetrável. Ao menos não recolocara a máscara de executiva. Valquíria. Tive medo de interromper aquilo. Indiferentes. Estatelados iguais trouxas no sofá, cada um com seu copo na mão. Caso olhássemos de longe, pareceríamos bem com a situação, as mãos é que restavam irrequietas – no caso, as minhas. Até que toquei com a ponta do indicador em seu rosto. Ela tremelicou, embora não movesse a cabeça. Continuei, suando frio e cansado, fazia carinho em uma área minúscula da bochecha. Achei que ela detestou aquilo, mas como não se mexeu, continuei – o que mais eu ia fazer, diabo? Passei o dedo delicadamente pela orelha, como se afastasse um fio de cabelo, desenhei ali na hora para me apoiar em algo. Parecia dar certo, pois meu corpo relaxou e deixei um beijo no traço entre os olhos e a orelha. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, ao lóbulo da orelha, aos fios de cabelos espalhados, eram um pouco duros, como se carregassem pedras, pó de entulho, madeiras velhas, sargaços, coisas esquecidas pelos homens.

– Você está bem?

Ela assentiu. Reconheci a umidade nos olhos. Finalmente virou-se e penetrou-me com as pupilas, um gesto rápido, esgarçado, então se concentrou em minhas mãos e as colocou entre as suas. Dei um beijo em seu nariz – coisa engraçada – aí tentei alcançar a boca muito




carnuda. O contato foi acolhido sem muitos movimentos, alguma coisa mecânica. Recuei. Que merda era aquilo? Indiscutivelmente, o único gesto espontâneo, o recuo, é que foi fundamental. As mulheres talvez prescindam do desprezo para viver, entretanto há um ir e vir rarefeito nisso – com o recuo, retomei meu melhor papel, cafajeste. Contudo, não durou um instante inteiro. Pois ela veio.

Ainda não decidi se como mulher ou como fera, a verdade é que quebramos um copo (o chão parecia tão macio) e nos desfizemos em mordidas. O corpo dela não era jovial quanto parecia vestido, tinha os seios um pouco murchos, porém a ferocidade compensava outros atributos. Fodemos duas vezes na sala e como cortei minha coxa nos cacos do copo, a terceira foi no meu quarto, onde manchei todo o lençol de sangue. Ela era uma daquelas mulheres que a vida fizera sacana: lambia nas horas certas, sabia quando tinha que parar, engraçado que fizesse tanto tempo que não saía com um homem. Aí cai como bomba a idéia que até hoje me povoa os miolos: será que era verdade essa história toda? Ou apenas uma dessas meninas que gostam de mentir para se fazer desejada? Todas as vezes que penso nisso, acendo um cigarro e, ao tragar, tenho certeza que não. Naquela noite fomos de verdade um para o outro, embora os dias prossigam escuros e difíceis.

Sobre o sangue, às vezes também remôo, se só foi o meu, a roupa de cama inteira tinta, o carpete, mas depois acho bobagem essa história de manchar lençol de sangue. Naquele momento, apenas dormimos entrelaçados sem pensar. O sábado acordou-nos sem perspectivas de trabalho. Havíamos entregado os relatórios finais e as conclusões, era um dia para se ficar em casa espreguiçando. Como nenhum dos dois possuía propriamente uma casa, fomos tomar café em uma padaria sem mais incidentes

relevante. Separamo-nos com beijos de café, de hortelã, embora sem trocarmos telefones, essas despedidas de recém-conhecidos – por conta da firma, tínhamos todos os dados de contato um do outro, caso precisássemos.

Hoje em dia, percebo que se passou algo importante que perdi. Não sei precisar quando. Aliás, sei, contudo tenho preguiça de cavoucar esses passados: saímos algumas vezes meio acompanhados, com colegas, essas coisas, mas nunca como casal, se é que me entende. Transformamo-nos em colegas próximos, pescávamos mulheres em conluio (ela nunca perdeu esse apetite), telefonávamos para dizer bom dia, bebíamos juntos, bens sacanas nas noites. Uma noite, encontrei-a no restaurante por coincidência, estava com meus colegas. Cumprimentei-a com um aperto de mão, estávamos ambos de terno. Talvez tenha sido isso, dar as mãos, assinar com meros abraços. Não sei, provavelmente antes, Valquíria mudou-se de país novamente, só que o projeto que começamos deu certo, uma merda, e nos mantivemos em relações estritamente profissionais. Ao menos ganhamos uma boa grana. Estragou-se o quê? Nunca vou saber até o fim, essas certezas, ela que nunca me procurou para conversarmos a fundo. Muitas vezes pego-me pensando, será que as ligações vazias de madrugada tenham sido dela? Percebo, ela me evita, ou provavelmente me odeie com um ódio cristalino por motivos impenetráveis. E a contingência, esse maldito acaso, apenas provoca a prosperidade nos negócios e lá estamos nós juntos em empreitadas. Como agora, nessa maldita reunião entediante. Como ontem de madrugada teclando a noite inteira. Tudo arranjado. Claro que está tudo resolvido. Ela ficaria com o entulho da prisão que seria demolida. Valquíria acena a Ronald, demonstrou interesse em assistir a implosão amanhã. Eu faria a venda, pegaria a porcentagem dos contratos. Comprariamos do






Ronald a um preço escroto que é o que aquele velho filho-da-mãe merece. A gorda também estava no esquema, apesar de fazer cara de sono. Quanto tempo faz que a Valquíria não sai com um homem? Ou era tudo mentira? Acenderam as luzes e tive que prestar atenção no filho-da-puta.

iv. içar-se



: CLARISSA

SEXTA é o mais cruel dos dias, deslindando o lilás de néons de convites para depois do trabalho, entremeio do asfalto escuro, unindo o que era antes memória em desejos, a raiz sem viço das tulipas de cerveja amarga, que nos nutre, a vida pouca em copos molhados. E tento, afasto as madeixas escuras caídas – elas escondem, roubam-me teus olhos escuros, não adianta, irmãzinha, teu cabelo era escorrido, agora não é mais, ficou crespo, bin gar keine Russin, stamm' aus Litauen, recite o verso, isso era, isso era, irmãzinha, agora a tática é terra arrasada, para que ninguém coma ou sobreviva fora de trincheiras, de lancheiras e horas do recreio, um sinal: em fila, isso foi, agora não é mais.

Cidade irreal, sob a névoa marrom, o sol poente é maior e nos clama, ao oeste, ao oeste!, e as brumas escuras da noite apertam-me a garganta, é final de semana – o que você vai fazer hoje, Clarissa? E o nome bate o sino da catedral, sete horas, é verão, a claridade da noite quente inunda-me por um momento, fugidio e difícil, Clarissa, Clarissa, multidões inundam a rua, o bar ali na esquina, consigo avistá-lo aqui de cima, tulipas embaciadas por histórias de mulheres fáceis, de traição súbita e espelhinho na bolsa, linda essa cor de esmalte! Não imaginava que a vida houvesse aniquilado tantas. Suspiro, o que irei fazer hoje? As luzinhas piscam-piscam e resistem, formam um




segundo firmamento ao mesmo nível de meus olhos à sacada solitária, já que levanto a fronte aos céus e são apenas escuros, o sol retirou-se. A lua cheia penetra entre frinças de névoa, entre as frestas de lâ espessa, tapeçaria ou era um reflexo na vidraça do prédio? O arroio de luzes escorre por entre minhas pernas trêmulas, eu sabia, eu sabia, Clarissa: cave as histórias, cavouque as trincheiras entre as pernas de tua irmãzinha, Clarissa, plante a trama em covas para que nasça morta, e você, leitor, que me ouve desta sacada, não se sinta mais vivo ou à vontade – farejo, como cartomante, que somos parecidos demais.






Afago o lilás das onze horas que plantei em vasos amarelos, as flores agora estavam escuras e contidas, cabisbaixas com sua seda por entre pétalas, tão finas, meu Deus, translúcidas quase, como o plástico delicado de outdoors, a garota de calcinha, imagino a cútis de polímeros infinitos como estrelas embaciadas pela poluição, um beijo – a claridade ofusca-me: a garota era um gigante, um gulliver a nos ensinar lições, preste atenção, irmãzinha, fique atenta. Minha irmã Valquíria certamente compra calcinhas daquela marca. Sinto a cerâmica entre os pés, gelada e crua, tão orgânica!, tão orgânica matéria quanto os polímeros, existiria a garota de calcinha? As luzes inundam e encharcam o meio das pernas, uma folha tropical túrgida aflora, a quentura do verão da pele da garota de calcinha esmaecida em aulas, reuniões com a coordenação, correções de prova – Valquíria, minha irmã, você passou o verão inteiro trabalhando?

O verão é perdido entre os descascados de reboque nas paredes do apartamento de tamanho insondável, com suas luzes desligadas e a geladeira a tremelicar. Saia dessa vida, Clarissa! Mais um carro freia lá fora e as motos zunem e bip-bip, os faróis piscam, mais um brinde, os homens desnudam coxas gordas, Clarissa sabe o gosto, e as tulipas





envidraçadas como tudo, os óculos embaciam – na caixa de correio não há cartas, são contas que se lembram de mim. Os cômodos possuem uma textura verde-clara, sardas de infiltrações, pontinhos pretos como se a água represada em meus olhos formasse um firmamento de estrelas negras no teto. Adoro morar aqui, o tato familiar, arrepio gelado ao toque, mãos pela parede do corredor, minhas paredes. Elegi cada uma das sílabas das paredes do corredor – os matizes claros, esverdeados, mastiguei as letras, ruminei trechos de versos, não haveria batida de relógio capaz de abalar aquelas minhas paredes. Mas, oh, já vejo o tempo a explodir a olhos vistos, como trepadeiras selvagens com suas flores de enigma, afloram ao meio-dia, à meia-noite, e o corredor é uma densa mata tropical com ruídos assustadores (ou seriam as freadas lá fora), e as trepadeiras chupam a umidade das paredes, dos canos enferrujados, não consigo as conter, são cobras rápidas, e num eis são uma plantação retilínea de eucaliptos, enfileirados, pálidos e uniformes, a embeber-se de todo lençol freático da região, desequilíbrio para transformar-se cortados em polpa úmida às papeleiras, gigantes de conglomerados, corporificam-se em papel seco, tramas finas, e clareiam, clareiam, para que fiquem brancas, alvas reluzentes, impressas e claríssimas, timbradas & numeradas em série – pronto, leitor, aqui está: meu tempo em suas mãos.

O banheiro é um porto. Abro o registro. A grande banheira ainda demorará para se instaurar como um mar de horizontes curtos, um lago longe das histórias da esquina e dos brindes e dos copos, experimento a temperatura com todo o corpo, sinto a paixão a comer minhas entranhas, acalme-se, Clarissa. Um peixinho dentro d'água, não – girina, anfíbia, isso mesmo, anfíbia entre a vida e o que há além! Música & perfumes, frascos de






plástico em espumas para banho e sou um feto calmo, coraçãozinho a bater, oh, mas eu me recordo, e as águas são revoltas, tempestivas, minha mãe fornicada, a terra de meretrizes, minha irmã que é minha terra nestas terras, Clarissa, qual é seu nome? E Valquíria seria Valquíria, seja o nome que adotasse agora, ah, minha irmã não me enganará. A mão chapinha na água quente, minha irmãzinha é rasa, rasiinha como essa banheira quase vazia. Escuteço como as flores de onze horas, a água esfriou, sairei daqui. Ergo-me como um gigante, a cabeça quase bate no lustre no teto, concentro-me, o tapetinho de borracha. Uma ducha fervente, o vapor assenhora-se do banheiro espaçoso. Ressoam beijos esquecidos de outros dias, abraços, mais um daqueles dulcíssimos. A pele assobia melodias, era como se saísse de uma casa de concertos e continuasse a cantarolar.

A pane.




Frio. Um chicote fustiga meu rosto, as costas e esgarço esboço de grito por meio do refugio da espinha, berro que se congela na garganta. Negrume. A música que iluminava o banho estanca súbita como o hímen interrompido de uma menina. Alevantam-se então acordes brutos, guinchos do fosso dos elevadores, cantam como gárgulas, grasnam como cisnes feios – o freio de emergência. Ainda ouço as freadas de automóveis que frincham como portas do tártaro. Os faróis antes intumescidos em rubro agora pendem escuros indistintos do restante da paisagem. O medo terrível da água fria. Fui capaz de gritar entredentes que rangem. Mas não há ninguém. Não alcanço o registro do chuveiro. Chove a cântaros no banheiro escurecido.

Do banheiro à larga varanda, piso entregelada nos azulejos antigos, largo rastro de água fria pelas plantas dos pés e pelos cabelos até cruzar a sala e escancarar as



portas, bocarras de vidro da varanda. Venta quente. Estaco plastificada como boneca inflável: talvez tenha sido contrária a esse movimento que tive a idéia. Ou um pouco depois, quando inteira molhada e nua me coloquei a perscrutar a cidade lá embaixo e adentro, adentro – indistinta entremeada de escuridão, mas minha língua a sabe caleidoscópica, esfinge de mil bocas, é simples decifrar-te, escarneço-a ante o céu claro com nuvens sem estrelas, a formar indefinidamente as mesmas figuras, enigmas apenas pela disposição das peças. Escuto os pequenos problemas de cada vizinho sem energia elétrica, o monótono desespero de bater um suco no liquidificador, a tentativa inútil de estudar para uma prova no dia seguinte, alguém ainda esmurra as paredes mudas do fosso do elevador sem resposta. Recordo-me sobre minhas coleções de horas por hoje, poucas de trabalho, embora o esgotamento corroa em rugas as quinas dos lábios e forme o bigode chinês da meia-idade. Sou professora. Os alunos me enfastiam, presentes por conta da lista de chamada obrigatória, atentos entre brumas de fones nos ouvidos em névoas de frequências longínquas, copiam da lousa e nas margens dos cadernos desfiam desenhos imaginários – era o que há de melhor ali, embora não integrem o conteúdo programático – os bilhetes proibi pelas piadas de imaginação opaca. Nenhum ato realmente desobediente. Talvez seja impressão minha. Às vezes são doces e enjoativos. Umas graças. Alegam meus dias, entretanto, não consigo mais dialogar com eles, estão em vários lugares ao mesmo tempo. Eu não estou. Há um alarme de incêndio a girar, girar e falam que chove tanto. Faz tempo que condenei meus incêndios ao subsolo, como titã subjugada ante os deuses da perfeição, um corpo em que as janelas mais altas da casa são as únicas a exalar o que se passa por dentro, os olhos, os olhos. Não apagarão.






E chega-me crua a imagem de minha irmã. Alta, magra e ossuda, mãos sardentas. Uma barra de saia florida. Embotou com o tempo ou embotamos. Difícil saber, se foi o trabalho, os homens, as noites, os dias, as cidades.

Estúpida, isso resume a situação: ela está em conformidade. Administrada. Acordada por meio dos pactos mais esdrúxulos – ainda crê que negocia. Mastiga tudo com a devida naturalidade comedida e displicência que a tornam elegante & adequada, a satisfeita que educadamente retoca a boca com o guardanapo, dobra-o de volta à mesa. Houve um momento em que fomos próximas, um campo com sol e flores, ou seria uma estação de trem na migração?, apanhamos as malas, não importa, havia o lilás do tecido feminista e risadas altas, agora lhe colocam à mesa roxo o fígado do ganso morto. Ela agradece e passa o patê nas torradas.

Como se declarar? As palavras fogem-me para um dicionário de termos técnicos e tenho tanto medo de seu sonambulismo, ah, Valquíria! Amo demais aquela menina para desperdiçá-la assim, deixá-la perambular de terno e trem por cidades, por lençóis escusos, por planos com invariavelmente o mesmo final. Queria que despertasse. Contudo sonâmbulos não se acordam, não se chacoalham. Somente podemos sussurrar, que seus ouvidos imaginem sonhos de superação daquele mundo onírico de plástico, oh, mas era tão agradável que restassem ali inertes, dorminhocos. Embora um sussurro pudesse ser forte o suficiente. Um sussurro em seus ouvidos surdos de sono. Um sussurro.

Uma fábula, sim, Clarissa, conte uma história! Observo minhas mãos cansadas, a barriga branca e clamo com vontade aos desorientados pela cidade escura – Kommt, ihr kleinen Krabben! Minha garganta improvisa a rouquidão necessária: era uma vez uma menina pobre que






não possuía um pai e a mãe sumiu pelas noites. Todos os seres do mundo eram mortos e não havia mais ninguém na face da Terra. Um planeta morto. E a menininha andou, perambulou, a procura por dias e dias. E como não encontrou nada mais no mundo, desejou ir ao céu – a Lua fitava-a com tanta afeição! Mas quando chegou próxima, notou que a Lua, na realidade, era um tronco de madeira apodrecida. E então a garotinha cobiçou: irei até o Sol. Quando ali estava, descobriu que o Sol era um girassol estiolado. E ao avistar as estrelas, desvendou uma a uma que eram borboletas noturnas, mariposas afiladas por um alfinete cravado na espinha, como fazem os antologistas com escritores, uma coleção envidraçada. E implorou: quero voltar para a Terra!, contudo, a Terra arrasada agora era um porto devastado. E a menina estava só. Então se sentou e amargou & viveu chorando até o sempre. Clarissa! O que é, Valquíria? Vamos indo, querida, já é hora. Para onde, Valquíria, para onde? E eu sei, irmãzinha, e eu sei? Apanhamos as malas, partíamos.

O vento modula-se em lâminas por fitas de cetim gelado, já fazia tanto tempo. Os outdoors calaram-se como gigantes de pedra. Observo minhas unhas azuis. Por um dia, tentei ser a atriz da praça com sua personagem de unhas azuis. Na farmácia, entre círculos multicoloridos e dúvidas, escolhi um azul mais claro – o da atriz era um anil potente e brilhoso, ofusca os corações expectadores. Entretanto, ao sair à rua de unhas feitas, um homem bêbado agarrou-me as mãos aos clamores: – Absoluta, volte a seu palco, vou lá todos os dias para te assistir. O bafo das profundezas ali ao meio-dia, hoje, uma sexta-feira ao meio-dia. E não é exatamente isso que você deseja, Clarissa, ser outras pessoas? Contorcer e narrar seus sentimentos mais íntimos? Mordo os dedos, há algo de demasiado claro e terrível nisso e cravo as unhas azuis


nas coxas, depois seguro firme ao leme das grades da varanda, minha varinha de cega, vertigens.

Como não se anuncia a morte? Evocam a assepsia, os corredores de hospitais com suas redomas como esquifes às cinderelas escafandristas, a eterna espera pelo príncipe médico em seu jaleco branco, um laudo exemplar, asséptico, preciso sobre as causas. A burocracia telefona, era urgente – o velório, o velório. Sem cisnes a cantar. Todos acorrem. Carimbos, pá, cobram-se taxas, pagam-se impostos. Partilham-se os bens. O namorado entristecido logo supera. A mãe padece prolongadamente, é preciso demonstrar o quanto. O chefe de família endurecido, resigna-se militante: a vida não é fácil. O colega redige correspondência em memória – propagam na internet. É morta & protocolada. Entretanto, posso escutar o sussurro. Um sussurro sobre a morte e a existência, à espreita, que nos obriga, liberte-se, Clarissa!, rompamos amarras, a fita de segurança que enforca, o cano de 25cm que nos entucha o fígado, larga-nos roxos e respirando pequenos, sufocados em soquinhos. Um sussurro em seus ouvidos surdos para acordarem! Assim, Clarissa, ao tentar se lembrar como é que se respirava durante aquela pane elétrica que atingiu 136 lares, teve a idéia.

O vento bolinava meus cabelos em seus movimentos escuros e meus pés já fecundavam uma pequena poça gelada no chão da varanda. Silencioso cubo de treva, somente a contemplação de um mundo enorme e parado. E não sabe se é noite, mar ou distância – o céu resta claro sem lua ou estrelas. A cidade chapada como tabuleiro sem perspectivas. E Clarissa: ousou sussurrar aos ouvidos de minha irmã. Ao seu sono sonâmbulo. Seria uma minúscula quebra, tudo parte & corre risco, coisas que se quebram & como, tão quebrados & partidos não contamos os resquícios, apagar-se a um todo, o viço de viver: um



sussurro como uma picada de inseto venenoso. Mas coça. Não há melhoras, incharia e o corpo absorveria o veneno que acorda. Mas coça. E é pela coceira de sussurros que abro os braços. Reparo que meus pêlos arrepiados são pontudos, em riste ao ato. Imagino o frio e a solidão em ser crucificada – eu não seria! Os pêlos de meus braços transmutam-se em pequenas plumas, que logo desabrocham em alvas penas, claríssimas, como a lua nascida por dentro. Afloram uma a uma enfileiradas plumas pela minha espinha, ladeando meus quadris. Já não há frio ante a cidade, adivinhei todas as suas chaves cifradas, daqui não há labirintos e comando suas luzinhas, que por hora silenciam respeito. Calam-se para que ressoem os planos noturnos, subterrâneos em contracorrentes, o incômodo aos sonhos de minha irmãzinha dormindo acordada.




Sou pássaro e noite. Um indelével manto maduro esvoaça ao redor de meus pés, onde antes brotavam poças frias. Não há mais vento que não esteja contido nas velas. Os cabelos agora são o mesmo véu arqueado em prata vingado das poças de água, véu que se iça em velas, os braços de asas abertos. A história açoita suas tempestades em meus cabelos. Sei como incomodar minha irmã. Sei que não será mais que a coça, será somente um sussurro. Mas em tempos de negrume é preciso içar a rede de sussurros bruxuleante e isso por hora basta. É ínfimo, contudo suficiente. É o que posso e nessa medida livre, tenho asas. Minha irmã.

Pulo.

O vento em meus cabelos novamente. É noite e não há luz. A cidade aprofunda-se em perspectivas. Amo minha irmã e escrevo a história. Apenas por um sussurro, transmuta-me em vôo, consigo respirar antes de apagar.

O tempo de hoje é rápido.





Parte 3

ESCOMBROS






i. contrapontístico

: LOLA

APESAR das ameaças de tempestade no céu, Lola tomou rumo ao banco. Em sua bolsa de crochê, avolumavam-se papéis coloridos, boletos e maços de notas fiscais da empresa. O ar úmido juntara os fios de cabelos em uma cabeleira opaca. Dentro do banco, o ar-condicionado era insuficiente, postou-se na grande fila que serpenteava pelo espaço do átrio e desembocava entre guichês com atendentes vestidos em cor alaranjada. Logo ouviu uma discussão e certos brados altos. Não conseguia avistar quem esbravejava e os outros colegas de fila também afilavam os pescoços e narizes para descobrirem.

Em um instante, os dois opositores perfilavam-se por detrás dos caixas automáticos. O motivo da discussão era aparentemente a falta de modos de um idoso em não respeitar a fila preferencial. Os demais enfileirados arregalavam os olhos, Lola espremeu as mãos. O mais jovem, que não devia ser assim ainda tão jovem, finalmente cumpre seus desígnios e dá um soco no velho. Atingido entre o estômago e as regiões baixas, o desobediente cai no chão e rola como uma criança. Do outro lado, o agressor não se faz de rogado e chuta, chuta. Os guardas imobilizam-se tensos e paralisados. Um dos expectadores ao lado de Lola ainda comenta, “velho não sente dor”, a mocinha do caixa tenta abafar a situação e chama: o próximo, por favor. A grande fila reage vagarosa, enquanto a



música ambiente tranqüiliza os demais. Como uma mola, a silhueta de Lola estala e com um impulso desenha o gesto de acudir o velho prostrado no piso duro de mármore. Inútil, os guardas agarraram firmemente seus braços e seu queixo, seu abdômen, seu quadril, era tarde, o velho levanta-se ao final, um filete de sangue corre pelos lábios ressequidos, enquanto Lola se debate entre os seguranças. Sem mais palavras ou ações, o idoso retira-se apoiando as mãos na coluna. Lola morde com força os dedos do guarda mais alto, uiva.

Com sobressalto, Lola acorda de seus sonhos acordados, o banco está tranqüilo, ela amassa as contas atrasadas entre suas mãos, chegou sua vez. Estende os papéis e o cartão de plástico, digita números com presteza e até sorri para a atendente. Seu coração comprime-se miúdo. Abre a porta do banco para ganhar a rua. Com alívio, livra-se da música ambiente e o baque ensurdecedor de ônibus, automóveis e helicópteros toma-lhe os ouvidos de assalto. Um balão de ar quente apodera-se de seus cabelos. O vento, como animal acuado pelo horizonte de prédios, circula entediado durante alguns instantes até decidir açoitá-la no rosto e desarrumar seus cabelos.

Com passadas lépidas, Lola dirige-se à padaria atrás da galeria. Consola-se, ao menos para aquilo tinha dinheiro, uma conta aberta que pagava a prazo. O prédio onde trabalha faz divisa com os fundos da galeria, no coração encanecido da cidade – os centros financeiros sempre escapolem traiçoeiros, a largar prédios que envelheciam pelo caminho. Embora por ali ainda brilhassem o sucesso, a carreira profissional e a cobiça de noites insones pelo faturamento. Lola posta-se com a cabeça erguida, rebola um instante e as portas de vidro detectam-na automaticamente e abrem-se. Ainda pensou em escolher os lugares perfilados em paralelo ao balcão, mas os garotos

da chapa andavam muito folgados e com piadinhas de demasiada familiaridade. Decide-se então pela mesa mais distante. O cardápio com letras apagadas, foram tantas as mãos apressadas ali servidas, foi-lhe estendido:

– Oi, Joana, obrigada.

– Oi, Dolores, por aqui hoje? Mas o dia está tão bonito.

– Você não queria me ver?

– Não queria é ver ninguém hoje, meu docinho. O café curto?

– Não, não, me dá um tempinho, hoje queria algo especial.

Joana emudece e troca automaticamente o cinzeiro da mesa ao lado, aquele lugar tornava-se, aos poucos, o refúgio dos fumantes encurralados pelas políticas de saúde pública da cidade. O ambiente era todo envidraçado. Os ruídos da avenida eram barrados pela grande porta de vidro, o barulho chega recortado, despedaçado. O vidro sobrepunha as imagens, ora Lola avista a fumaça do próprio cigarro, ora as vizinhas de mesa, ora os carros, ora as pessoas passando na calçada – caleidoscópio do acaso, como um jogo de memória para gente grande, em que os jogadores devessem refletir bastante antes de combinarem as peças com seus pares. Haveria peças sem pares? Lola sentia as agulhinhas do ar-condicionado picando os seus ombros, colocou a malha. A diferença era essa: o vento, mesmo inconveniente, fora de um prédio era fresco, vivo, fazia cócegas – o ar-condicionado era de um frio picante, pesado, meio morto e ali não deveriam limpar nunca o filtro, aquele cigarro todo.

Lola conseguia ouvir claramente o que diziam nas duas mesas ao lado e julgava aquilo uma delícia: tragar o cigarro, esquecer quem era e concentrar-se exclusivamente na conversa alheia. Dava também olhadelas na televisão






ligada, os canais alternavam-se, sortidos e ora deslindavam a novela da tarde, ora um filme com explosões, ora um programa de culinária que cortava carne em cubos, ora crianças chorando e soldados na guerra. Lola não se fixava naquilo. Em uma das mesas sentavam-se dois homens de terno, deviam discutir trabalho, provavelmente era a hora de folga, porém voltar para casa era um hábito difícil, então tomavam cerveja e fumavam. Em outra mesa, uma gorda mexia o líquido em sua xícara com grande pompa, tinha pedido o “chá da tarde”, mimos caros inúteis, como patezinho de azeitona e açúcar mascavo. Joana pousou uma fatia de “bolo trufado” na mesa da gorda. Lola sabia-lhe o sabor e a textura, noites de sexo com o melhor amante compactadas numa pequena lasca no garfo. Uma cobertura mole, sem ser viscosa, tinha a consistência ao ponto de bala ainda morna e se apresentava como um tapete marrom-escuro em cima do triângulo. A massa de chocolate era macia, na medida correta, com um recheio escuro e mais encorpado para não ser confundido com a cobertura. A gorda piscou de volta com suas mãos esmaltadas em cereja:



– É tão lindo que chega a ser sexy, não acha?

– Ah, sim – pensou com uma risada amarela por ter sido surpreendida espiando – ele é lindo, às vezes peço um desses.

Contudo, a mulher não dirigiu palavra à Lola, a gorda remoia palavras consigo. Um cabelo bem cortado, as unhas recobriam-se com um esmalte lindo. Lola refletiu que poderia ir até lá e perguntar qual a marca, embora nunca o faria, Lola sabia – essas mulheres, arrastadas pelo leito de rio dos anos, sargaços na praia dos homens, tragavam-se, esgarçavam-se, esvaeciam-se em sonhos vencidos de única dimensão. Lola então fremiu de raiva, daquelas mulheres ressentidas e seus chocolates. Joana chacoalhou-a:






- 
- 
- 
- Decidiu, um curto como todos os dias?
– Não, hoje quero também uma torta salgada para acompanhar, pode ser?
– Pode sim, Dolores. O que é que não pode com você? Ponho na conta.





Joana assobiou resmungos baixinhos pelo salão, cantarolando, impossível decifrar se entediada, irritada ou indiferente. Acostumada talvez. Lola murcha os ombros, poderia ter desejado algo fora dos padrões, imaginado algo inusitado, embora não houvesse ali muitas escolhas. O cardápio era sucinto e sem direito a divagações. Consolou-se na observação da mesa dos homens. Eram dois, casacos bonitos, cabelos penteados lustrosamente, daqueles que decidiram que apenas trajando um bom terno é que se chegava a algum lugar na vida. Conspiravam sobre negócios imaginários, grandes sacadas, cenas dignas de um seriado de TV. Utilizavam um léxico de difícil compreensão para Lola, termos financeiros conhecidos do jornalismo de bolsa de valores. Não se fitavam nos olhos e elegiam o soslaio como forma de demonstrar inteligência. Era melhor mesmo que ficassem em outra mesa, pois Lola conhecia bem esses tipos, uns pregadores de índices e milagres, insistem em converter o próximo a aplicar seu parco dinheirinho no dízimo de operações multiplicadoras. Que ficassem tranqüilos em seu canto – Lola preferia até que falassem de mulher, seriam igualmente previsíveis, embora ao menos haveria algum senso de humor. Refletiu um momento, não, decidiu que não há grandes diferenças entre as conversinhas sobre aplicações e mulheres. Verificou que estava de mau humor, seriam os dias de regras. Joana aportou uma xícara cheirosa e um pedaço generoso de torta. Um sorriso posto à mesa.


E subitamente iniciou-se o que Lola esperava, a aula de dança!



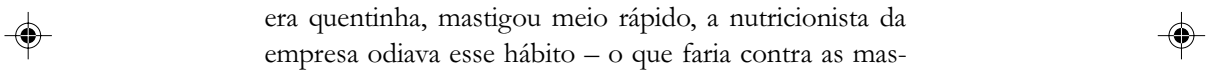
Nesse ponto, são necessárias explicações sobre a arquitetura da padaria onde Lola se situava: sendo as paredes constituídas quase unicamente de vidro, o cômodo adjacente, uma escola de dança, era inteiramente transparente àqueles que na padaria comiam – escolhido o lanche e ordenado o café, bastava virar a cadeira para a sala de dança que, imediatamente, se tornaria um espectador da aula. Por conta desse pequeno segredo, Lola possuía uma conta aberta naquela padaria. Inicialmente, a sala contígua jazia apagada e escura, e aos poucos acendiam as luzinhas, a professora escolhia distraidamente a trilha sonora e os alunos entravam resabiados, piscavam em olhadelas aos que estavam tomando café. Lola tentou disfarçar seu constrangimento de espectadora ávida – virou a cabeça à luz azul televisiva, assistiu algumas notícias sobre assaltos entremeadas por desenhos animados.




Assim que a professora proferiu algumas explicações, Lola já se encontrava absorta nos movimentos dos alunos que se espalharam gentilmente pela sala. Espreguiçaram-se. E começou o que era tão engraçado: a formação das duplas. Era visível que a professora escolhera a música e as notas ressoavam como fumaça nos ares, lá não se jaz apertado – os alunos em pares riscavam o chão livremente. Entretanto, a música só dizia respeito aos dançarinos: quem restou no café apenas ouvia as manchetes da televisão acesa, xícaras cantando e conversas abafadas pelos pedidos de sempre. Os dançarinos faziam movimentos austeros, rascunhavam o espaço em uma dança imaginária, uma colméia de autistas. E exatamente a incapacidade dos dançarinos em não perceberem que sua platéia era surda é o que encanta Lola, como podiam, como podiam!, e estavam tão absortos em seus movimentos, que jamais se dariam conta que era impossível escutar as melodias que riscavam com seus sapatos pretos no chão. A garota achava graça.



Contudo, Lola sabia: o que se passava ali receberia o nome de beleza. O casal predileto de Lola era um par de velhos. Ele lembrava seu avô e ela ainda era uma mulher faceira, cheia de requebros e sorrisos doces. Dançavam, rodopiavam, lentos, porém constantes, embalados, o ritmo era o ritmo de seus dias, de todas as criaturas – aos poucos, reproduziam, passo a passo, os passos de Lola. O coração da garota batia naquele pulsar do mundo mudo. Ela então aspirava o cheiro de café amargo, imaginava os grandes mamíferos, as baleias que bailavam nos oceanos, e Lola deprimia-se, pois as baleias eram gigantes taciturnas que ultimamente se suicidavam contra a areia, sem suportar o mar quente. A luz azul da televisão alterna a greve nas montadoras aos beijos de um casal traiçoeiro. Lola garfou um pedaço de torta.



O amargor do café segurava na boca, porém, a torta era quentinha, mastigou meio rápido, a nutricionista da empresa odiava esse hábito – o que faria contra as mastigadas? descontaria do salário da menina? Lola ainda despendeu algum dinheiro com refrigerante, nada de “bolos trufados” por hoje. Os velhos eram tão bonitos, luminosos, aéreos. A atendente da escola de dança havia indagado, algum tempo atrás, por que não faz aulas também? Lola respondeu que já sabia dançar, coisas do sangue, e o preço era muito. Hoje, a aula era para idosos. As velhas postavam-se no desajeito do que era arrumado em demasia, seja lá de onde viessem, as mulheres deslindavam unhas feitas, cutículas empurradinhas e esmaltes discretos, cabelos em bolos, a cor entre a indecisão de branco ou loiro, tão parecidas. Os cavalheiros esforçavam-se no riso cansado e ombros curvados – postura que durava apenas alguns segundos – ao comando do casal mais jovem de professores, com ternos vencidos e estreitos, os velhinhos firmavam-se nas mãos miúdas de suas damas,



que desencarquilhavam as faces em sorrisos e desbastavam rugas. E nitidamente a música desfiava em fios de acordes e luz. Todos rabiscavam, uníssonos, o mesmo compasso, embora em direções opostas. Cardumes de dois peixes, um grande aquário com sua sinfonia misteriosa da inaudição e eram sereias que não se podiam vislumbrar os cantos e eram algas que balançavam em ternos velhos, sargaços de amores esquecidos, trazidos e levados embora com as ondas daquelas canções de outros tempos.

Havia muita música ali, mas Lola já não conseguia ouvir.

: LOLA e VALQUÍRIA

O PLANO de vôo foi simples – sem atalhos ou problemas, Lola conseguiu aportar após rápida caminhada de meia hora, afinal, Valquíria havia desenhado tudo em palavras miúdas ali na padaria. Interfona, apartamento 36. Sou eu, Dolores. O portão, como se adivinhasse, subitamente profere um clic e abre-se automaticamente. O porteiro não interfere no procedimento, embora dê uma boa olhada na garota. O elevador de muitas faces espelhadas repara milimetricamente na vestimenta de Lola e condena os trajés, tão comuns, a menina murcha um pouquinho. Retoca o nó da faixa lilás na cintura como consolo. Enfim.

3º andar, luzes acendem-se automáticas, alguns passos em círculos e elipses até o 36, a muda e nova porta. Lola hesita diante da madeira, um nó de prontidão nas mãos e na garganta. Contudo, com um olhar mais atento, a porta revela-se entreaberta. A menina encosta-se à superfície que logo cede convidativa e apresenta o primeiro cômodo, a sala. Estreita, com luminárias que agarravam as paredes caiadas com sua luz difusa, altos-relevos em argamassa, alguma nova tendência. Os longos dedos escuros projetados pelas luminárias sugeriam um aperto de mãos singular entre as sombras e as paredes próximas. Miniaturas de estátuas antigas, quadros e a escultura de um deus oriental que mesclava membros animais com um

tronco humano gordo. Poucos móveis, depois Valquíria explicou que eram todos alugados da empresa. O sofá cinzento, branco-sujo, ocupava o centro da sala, acompanhado pela mesinha de centro mínima, onde algumas folhas de jornal se encontravam espalhadas e abertas ao acaso, como as pernas da proprietária, que mal levantou os olhos de sua leitura informativa para cumprimentar Lola.

– Olá.

O mau jeito ressoou entre as paredes estreitas que acusaram ser a frase tão estúpida quanto o convite que a antecedeu. Que diabos aquela garota com cara de égua fazia ali? Muda, mãos pequenas unidas e olhos grandes, um pouco corada na sua morenice e estática como meninas de colégio diante de um garoto sujo de lama. Valquíria procura um cigarro, uma saída, perceptivelmente irritada consigo mesma e com quem mais tivesse ao seu redor. Que idéia idiota essa de convidar a funcionária do administrativo, no entanto, sabia, foram cinco as vezes que se perguntara por que a menina demorava tanto.

– Oi, Lola – apumou a postura e largou as pernas ainda relaxadas sobre o chão – puxa, achei que você não viria, esses convites assim rápidos, sabe?

– Ah, oi, Valquíria. Bem, posso ficar um pouquinho e ir, sem problemas – tremia perceptivelmente – não quero te atrapalhar.

– Não, não foi isso que quis dizer, queria me desculpar, não preparei nada.

– Mas a porta estava aberta, aí achei que podia entrar...
– reflete um minuto e complementa – e interfonei antes de subir, o porteiro falou que estava tudo bem, quer dizer...
– vacila no tombadilho inseguro daquela nave.

Valquíria logo percebe que aquela sua rudeza não levaria a nada. Muito difícil ser honesta naqueles dias. Os

móveis alugados estalam no ressentimento silencioso. Ambas hesitavam, fugidias, gestos avulsos, como se o cigarro se transformando no cinza fosse seu derradeiro interesse, uma única saída para evitarem – os olhos que eram dois, logo ameaçavam se tornarem quatro – e elas não agüentariam a profundidade, naufragariam.

Lola tenta o sorriso pequeno. É suficiente. Valquíria levanta-se do sofá, beija-a na bochecha e fala com voz divertida, podemos pedir comida, você quer?, Lola concorda com tudo. Fizeram os telefonemas e os pedidos. A seguir, uma minúscula mesa com dobradiças é desprendida da parede irregular. Pratos e guardanapos perfilam-se e poel, a garrafa, que já estava na metade, é aberta para ser sorvida até o final. A conversa gira, gira, pequenas observações sobre comida pronta, sobre filmes, musicais, e assim preenchiam, de início por um filete e, após, aos borbotões, as paredes estreitas da sala com assuntos dos mais variados. Descobrem-se fanáticas por uma novela televisiva e comentam com entusiasmo os atributos dos atores, das roupas belíssimas e nomeiam uma a uma as personagens com observações sobre suas aparências.

– É, mas acho que não irei assistir até o final.

– Como assim, Val? – a abreviação do prenome parecia adjacente após os primeiros goles alcoólicos, os ombros descontraíam-se – a novela está o máximo, você tem que ver até o final.

– Estou indo embora.

– É verdade, você me contou – Lola imagina que seria interessante incutir algum tom lamentoso, embora sua curiosidade seja mais imediata – E por quê?

– A validade.

Com essa sintaxe e uma certa tragédia na voz, Valquíria aconchega-se à colega, afasta uma mecha do cabelo preto de seus olhos. A mecha torna a despencar,

era inútil domar aquele cabelo escorrido. Naquele momento, a música ao fundo preenche as ausências, como antes fazia o assunto de novela entre mulheres.

– Nunca fico muito tempo no mesmo lugar. Não faz o meu estilo.

Como embargadas pela emoção, sobressaltam-se ao toque do interfone. Pode subir. A campainha e o entregador estende os pacotes com um olhar esquisito, como se pressagiasse algo definitivo. Valquíria remunerou o entregador por suas atividades e novamente sozinhas, olharam-se com detalhes. Lola até havia feito menção em contribuir para a compra, embora tenha decidido aceitar a recusa da outra – é um convite, não é?, Valquíria distribui a comida com certa desenvoltura entre os pratos, o cheiro estalava ótimo e a fumaça embaciava as colheres.

– Mas, como assim você vai embora?

– Vou o quanto antes, comprei passagem e assim que me liberarem aqui, embarco. Dei um jeito na papelada do apartamento, nos móveis, está tudo certo, tem só alguns detalhes bobos e pronto, vou.

– E para onde você vai?

– Recebi uma proposta para trabalhar em outro país, o salário é legal, quase o mesmo daqui, mas o custo de vida é um pouco mais baixo, compensa. – pausa para um gole – Desde que cheguei, vi que não iria conseguir ficar muito tempo aqui, sabe? Tenho muita história por aqui e isso cansa, quero sumir um pouco, entende?

Lola fez que sim. Impraticável adivinhar se realmente consentia. Valquíria então desfiou uma história longa, embora circular e falha, contou que mudava de tempos em tempos de cidade para cidade, procurando novos amigos, novos contatos, novas oportunidades. Cidades novinhas em folha. Um hábito de anos e sentia-se ótima assim. Tinha vindo para a negociação do entulho da penitenciária

e mais outros cinco projetos – agora que estavam encaminhados, ela poderia voltar a viajar e mudar de ambiente. Prossigui contando que estava tudo arranjado desde o começo sobre o entulho da penitenciária, o advogado achava que ela o favorecia, mas era mentira, já tinha recebido ordens antes para fazer daquela maneira – Valquíria não sabia exatamente qual era o esquema inteiro, mas ninguém nunca sabe exatamente como essas coisas funcionam, basta saber o que tinha que fazer e pronto, sem reflexões ou crises, o globo tinha que continuar a girar. E parecia que tudo estava bem certo. Enquanto falava, não respirava e mastigava ao mesmo tempo, Lola prestou muita atenção e sentia-se capaz de entender melhor algumas coisas.

– E você conhecia o advogado antes?

Valquíria olha um pouco espantada para a companheira.

– Por que está me perguntando isso?

– Não sei, vocês pareciam se dar bem. E naquela balada depois da reunião... – Lola sentiu que ultrapassava a linha do bom senso ao comentar – fiquei com a sensação de que vocês se davam bem.

O teto principiou a despencar, primeiro em flocos de argamassa, depois em um granizo grosso, uma tempestade, o chão tombou ao lado. Valquíria respirou fundo – era chegado o momento. Foi exatamente para responder àquele pequeno comentário indiscreto de Lola que havia feito o convite. O drama: era preciso ter alguém para ouvir.

O resumo do diálogo é que as suspeitas de Lola eram verídicas e realmente Valquíria havia beijado o advogado na tal festa. Contudo, este acabara a noite com uma outra mulher, uma colega, fato que Valquíria soubera por também ser conhecida da outra. Estranhamente, a conclusão a que Lola e Valquíria chegaram após inúmeros debates calorosos é que Valquíria deveria telefonar imediatamente



para o advogado e marcar um encontro, afinal, ela iria embora do país e era justo que se despedissem como civilizados. Que se explicasse! Ao final da garrafa, Valquíria prometeu, com ares de velha conhecida, contar à Lola em detalhes o que ocorreria entre ela e o advogado. Recolheram os pratos e parecia muito tarde para continuarem juntas. Assim, despediram-se com beijos e Lola planeja ir para casa.

Nunca chegaram a trocar telefones.






ii. sobre frestas e trincheiras

: VALQUÍRIA

A EXPECTATIVA corroeu suas unhas por vários dias até aquele instante. Contudo, agora que estava perante a antiga penitenciária da cidade, perdia-se diminuída. Toda excitação da boa negociação, as jogadas sortudas, a promoção e a mudança para outro país já faturadas, depositadas e empenhadas, espremiavam-se debaixo de um capacete amarelo de segurança. Obrigaram-na a usar botas de proteção, mas isso era ultrajante, ela ignorou a ordem do chefe do canteiro e permaneceria de salto. E de salto alto estava, com pedrinhas a incomodar seus dedos e a poeira rodopiando como fadas pelos pés seminus.



Os jornalistas apinhavam-se atrás da fita delimitadora, a qual dividia suas liberdades de imprensa e o risco dos trabalhadores da implosão. Em alguns segundos começaria. A maior implosão de uma edificação no país – transmitida ao vivo – uma aclamação. A imensa cadeia seria exterminada e substituída por edificações jovens. E suas funções burocráticas seriam transferidas para o interior do país. Alguns articulistas alertavam, as novas penitenciárias não conseguiriam conter todos os encarcerados e as entidades de direitos humanos elogiavam a medida progressista. Entretanto, naquele exato momento, essas discussões não tinham destaque, pois arquitetos, urbanistas e engenheiros de diferentes partes e formações debatiam as mais eficientes formas de se implodir um edifício. A



escolha técnica fora por bombas com tecnologia utilizada para guerra, sim, seria também uma forma de testar o impacto desses explosivos e demonstrar o poder bélico da nação. A empresa responsável desenvolvera inclusive um jogo de videogame para crianças e adultos entenderem melhor como seria conduzida a grande implosão, um jogo educativo. E Valquíria sentira-se feliz por contribuir ativamente ao processo, com suas noites e meses de trabalho intenso, concentrada, para aquela negociação sobre a recompra do entulho. Embora ali, com o capacete machucando sua cabeça, sentisse um pouco de irritação. Saiu do canteiro de obras imunda.

Contagem regressiva.




E foi.





As explosões não ressoaram todas juntas, foram florescendo como sinos em um canhão, de início, opacas, mas ao entrar o coro adquiriram um tom brilhante e cadenciado, carrilhão que arrancava toda poeira do solo, destruía todas as celas em arroubos estrondosos e as transformavam em fragmentos, em cacos, em pedrinhas, desfazendo as memórias de que um dia foram grades, paredes, uma penitenciária, a areia do que já fora sólido, o que se transforma em pó, desmancha-se às flores no ar.

A prisão rugiu.

E como uma supernova, inchou, abocanhou por suas bocas de poeira todas as grandes pedras, com seu hálito contaminou carros, asfalto, todos os jornalistas, engenheiros, advogados, só restaram capacetes meio amarelados dos trabalhadores e a penitenciária tinha olhos de medusa que paralisavam, pessoas em pedra sólida, soterradas pela mesma poeira – a cadeia espalhada pelas explosões portava-se como um câncer, dilatado ao ser cutucado, um mundo aprisionado, e Valquíria tossia, tossia, seus olhos ardiam mesmo com os óculos de proteção, não era possível



enxergar nada. Todos acotovelavam-se. Quanto tempo demoraram ali, não se sabe. As câmeras não captavam mais imagens que não um deserto demolido, a ordem de pernas para o ar, e os locutores não se faziam mais ouvir. Com os minutos, o pó assentava-se aos poucos e o nevoeiro de detritos rareava. Valquíria pôde finalmente sentir com clareza o transtorno – magoou-se então uma ponta de cansaço: o canteiro agora era um deserto com uma multidão dentro, agitados todas os homens e objetos, na mesma cor uniforme cinzenta. Sem outros horizontes, Valquíria refletiu sobre quanto tempo gastaria no banho para remover tamanha imundície dos cabelos.



: ALEGRIA e RONALD

– SIM, já fui pegar a impressão, obrigado. – Ronald resmungou as sílabas indigestas, a nova secretária não parecia colaborar em nada com suas maneiras e não se mostrava prestativa o suficiente para se candidatar com um sorriso, levantar, andar até o final do corredor, recolher as impressões da máquina copiadora e retornar com o costumeiro rebolado. Dessa forma, ele mesmo foi obrigado a erguer o corpo da cadeira, caminhar, retirar as cópias e retornar com um copo de café em mãos à guisa de explicações para eventuais curiosos. Um tanto aviltante buscar as próprias cópias. Ronald não se coadunava aos novos rumos da cultura empresarial.

Na volta de sua trajetória, aproveitou para espiar pela divisória. O relatório da gorda havia chegado. Em uma letargia, que Ronald sabia aparente, ela postava-se tranqüila, a cara branca e grande – em contraste, os dedos digitavam ininterruptamente, em sínopes, fermatas, sem vibrar nenhum outro músculo. Com o copo de café em mãos, ele apoiou-se na mureta divisória e passou os olhos nas letras grandes. A divisão da compra do entulho fora cumprida conforme as cartas que recebera, pouca sorte naqueles dias, curingas em excesso. Adoeceu por alguns segundos, que fracasso aquilo tudo, outros empresários viris deslizavam pelo carpete ali pertinho, farejavam fraqueza. Ronald gostaria de edificar-se como Alegria –

uma rocha flácida de emoções econômicas.

Um gole, o café disparou seu coração por uns segundos. A boca mareia-se do amargo doce, enquanto o copo de plástico branco desperdiça calor. Contabiliza, tudo certo também com os pagamentos. Recorda-se novamente do advogado aos beijos com Valquíria. Uma puta. E na seqüência ri amarelo, com dentes de café, – o que foi aquela festa e a assistente de escritório?, por acaso também seria combinado? – calcula, claro que não, Ronald não vale mais nem uma boa negociação. Arrepiou-se, o café despede-se quase frio pela garganta. Como um hábito diário, reflete mais uma vez sobre as escolhas da mendiga que pedia doces na entrada do prédio. Diabética, teve as pernas amputadas, assistimos aos poucos. E mesmo titubeando pela sabedoria dos fatos, Ronald estende a mão com o eterno pacote diário – provavelmente, ao final, para Ronald ela fosse a única lúcida por se envenenar à derradeira cegueira.

Alegria meneia a cabeça, sabia que era observada, embora permaneça em sua semi-imobilidade. Ronald recorda-se do suicídio da irmã de Valquíria, compraram flores, mandaram entregar e a secretária àquela época foi tão prestativa e amorosa, outros tempos. Ronald conferiu mentalmente pela quarta vez o checklist. Fitou os papéis impressos que tinha em mãos. Não conseguia se concentrar. Deu de ombros: provavelmente Alegria já tomara as precauções e faria os pagamentos e o envio dos relatórios. Ronald intimamente desdenha de tarefas tão desimportantes. Embora coce a suspeita que talvez essa imbecilidade imóvel é que a mantivesse impassível perante o desfile de empresários jovens como tubarões.

Como se finalizasse sua missão, no hábito de todos os dias, contorna as divisórias que cercam Alegria. Atira o copo ao lixo. Na voz contida, pergunta:



– E o que é de nós, Alegria?
Sem empolgação, a gorda levanta os olhos:
– Nós seguimos, Ronald, nós seguimos.



iii. coda

EIS que nos confrontamos com os derradeiros momentos da narrativa, quando Valquíria embarcou e viaja pelos subterrâneos metroviários rumo às suas metrópoles em miniaturas, Alegria delicia-se em um banho quente e perfumado, Ronald repassa as notícias de jornal (e confere seus comprimidos) e ainda, quando o advogado atira imaginários cliques de papel no decote de sua estagiária. O leitor com peias de crítico logo perguntará: o que foi feito de Lola? Pois bem, inicia-se assim o fragmento enumerado 18.

...

A menina caminha pela calçada com seu buraco-negro a tiracolo. Como fruto de uma explosão de supernova, a bolsa carrega cacos de tudo o que uma garota poderá necessitar, um escudo contra as intempéries, nós de crochê que atam miúdos pontinhos de seu mundo.

O bordado da bolsa foi elaborado por uma das benzedadeiras velhotas do bairro, coxa, manca de uma perna. A velha fixou residência em uma casa afastada – num final de morro, como se uma cratera desse lugar à edificação de pedra e mato. Ninguém a despeja de lá, parece que não era só posse, a velha tinha lá seus direitos de ter o terreninho. Há um moleque que a auxilia, caolho, pobrezinho, ali amontoado entre cestas de linhas, lãs e contínuos de lantejoulas e borboletas secas em telas bordadas, pedidos de freguesas: um exército de trabalhadoras que queriam desfilar bonitas, com rendinhas, babados, xales, casaquinhos, blusas de frio. Eram muitas as encomendas. E a velhota forjava todas com seu carinho

resmunguento, com os calos grossos e passos ora piano, ora fortíssimo, apoiando as mãos na coluna e apontando com o queixo o objeto:

– Pega ali para mim, por favor.

Lola aguardou a encomenda de sua bolsa por várias semanas. O bordado até poderia ter ficado pronto antes, mas quem teria tempo de ir até lá para ver se podia retirar? Enfim, quando chegou o dia, a velha fez um desconto - ficara outro dia de prosa com a avó de Lola e sabia que a menina dava dinheiro em casa. O caolhinho entregou o objeto, uma fusão de linhas e rios coloridos que escapavam de suas mãos estendidas:




– Toma.

A morena agradeceu muito. E retrucou com a nota amassada.


– Aqui. Obrigada.

Tocou no tecido grosso, nos pontos de crochê que se abriam como flores e cantos de pássaros pela manhã. Apertou a bolsa contra o corpo e escudada continuou a caminhar pela calçada.


Era meio-dia. O sol a pino lambia seus ombros até exterminar o último grãozinho de sombra. A bolsa, ao pressentir a transpiração úmida, deixava que manchasse seu tecido para se fundir com a pele morena, até que bolsa e dona formassem um só corpo. No bordado, que constituía a própria estrutura da bolsa, falavam desenhos, rituais, um gosto de morte, cores de vida, um tom de asfalto lembrava as ruas, outra linha chamava o céu e os pontilhados seriam os faróis dos ônibus a balançar para casa. Lola refez mentalmente a contagem – dois homens – e das horas que dormiu, inspirava entulhada. Ainda no bordado da bolsa, havia minúsculos espelinhos que faziam às vezes de vitrines, vidraças, lavadores de fachadas com seus andaimes e rodos e roldanas, havia o brilho das



estrelas sufocadas pela poluição, das saias das meninas bonitas, das sombras nos cílios das travestis. Por dentro, o forro de cetim era acolhido pelas mãos delicadas e firmes, uma carícia, cafuné para a dona, que recheava o saco escuro do buraco-negro de caquinhos de constelações decaídas com batons baratos, escova com fios de cabelos grossos emprestados das colegas, pasta de dente, carteira com foto, santinho para protegê-la das dívidas, trevo de quatro folhas plastificado, algum dinheiro. Espelhinho para arrumar a franja no elevador, óculos de sol e fones de ouvido, pacotinho de presente para a priminha. Caneta e recados do chefe, cartão eletrônico para a catraca.






E Lola aperta a bolsa contra o coração e percebe, pouco a pouco, a mica rebrilhando no asfalto da calçada negra e logo um céu forma-se sob seus pés calçados, com constelações espalhadas por acaso na força do rolo compressor e o firmamento fixado pelas enxadas dos pedreiros que construíram a via. E percebe que o sol traça com seu cinzel do meio-dia uma trilha de estrelas. Lola segue confiante de seu rumo pelos astros, com caminhos transitáveis, cadenciados e a música que a sacode é o mesmo ritmo que emerge das estrelas no asfalto e reflete já cega nos edifícios, mas se espraia nos céus recortados entre os vidros dos prédios. E Lola imagina e sorri que o barulho de seus passos ressoam em todos os corações descompassados das calçadas e que em cada furo de seu salto nasciam rosas espinhudas, algumas alaranjadas, logo vermelhas. Os pedestres entendem tudo.




: VALQUÍRIA

APITO. As portas fecharam-se. Embarcada novamente. O vagão começa a andar, a plataforma se desfoca, desfoca, desfoca, as luzes sangram e pronto, no túnel. O contrário da paralisia, contudo, a mesma coisa. Move-se com uma velocidade espantosa, porém funciona como se estivesse invariavelmente no mesmo lugar, presa, imóvel, amarrada por sadismo, respirando por soquinhos e por mentiras e por novos países, cidades novinhas em folha que devora sem sentir nenhum gosto. Mais uma mudança. E ao mesmo tempo é como se não embarcasse, como se restasse na plataforma tal qual um animal com um medo sem objeto. Entretanto, movimentava-se loucamente. Mais uma mudança. Mais um embarque. Para onde? Sempre.


Dessa vez, as coisas eram um pouco diferentes, aliás, como são constantemente, embora não se dê conta disso, talvez seja por essa razão que o ar sufoca ali qualquer sorriso. O metrô abre e fecha suas bocas, prenúncios de conselhos, venha, Valquíria, escute, mas não, não, não existirá um acordar, só resta o movimento de marés, contínuo e arrastado. O que foi, Valquíria?, o som soa límpido – o tônus muscular esvaeceu-se, é como se as mãos fossem moles e longínquas, mas a tentativa é erguer-se dura, marchando, sempre em frente. Mãos esmaltadas. O corpo laqueado. Mentiras. O metrô acelera, acelera, pára, próxima estação, acelera. Fecham portas.






Era necessário que desembarcasse naquela estação, mas ficaria, daria outra volta na linha. Continuará na linha até o percurso recomençar e acelerar e parar e acelerar. Foi isso, Clarissa, assim seria – falta-nos ar, talvez carinho. Contudo, não, não acordará e tomará o avião. Os olhos continuam vermelhos, irritados. Seria poluição?, ou ainda a poeira daquele entulho todo?, os olhos continuam secos, não compareci à missa de sétimo dia, nem ao enterro, Clarissa não vale isso, não vale que me atrase em uma reunião – não quero mudar, será que ela não entende? Estamos cansados, você não vê? – mas voarei, hoje à noite sim. A uma nova metrópole, a uma nova vida, mesmo que muito idêntica a que tenho aqui, filha-duma-puta, por que você tinha que se jogar?





Abriram-se as portas, Valquíria permaneceu no vagão. Acelera. E como se estancasse os outros pensamentos, o drama veio, como um tampão a pensamentos mais escuros: no início fraco e sem muito sentido, martelando o ritmo encadeado do trem; contudo, logo arrombou os tímpanos de Valquíria, cadenciado, como ferreiro a malhar ferro sobre uma bigorna, um compasso planejado. Ele. Não, irei embora, não quero é depender de ninguém, me responsabilizar. Ele. Meu emprego, minhas negociações, isso é que é. Administrados. Ele. Esvaiu-se ou uma noite que findou. Ficamos amigos, não ficamos? Ele. É bom ter um amigo, mesmo que longe. Acontece. E agora vou viver mais um pedaço de vida em outro lugar, normal. Ele. É isso mesmo, Clarissa, deu risadas. E Valquíria agarrou o ventre, o corpo doía, doía, entranhas como cobras venenosas e os olhos como escorpiões, a poeira do entulho, a poeira. Sim, fui acompanhar a implosão da penitenciária. Admito, achei que pudesse vê-lo de novo, embora não, ontem, no bar, tudo findou-se. E fui assistir a implosão, cumprimentei os engenheiros, havia vários repórteres por





lá, ganhei um capacete. Aproximei-me o máximo que pude. Um tantinho além da área de segurança. De salto, claro, claríssimo. E aí aconteceu. Desmoronou. Tudo, tudo. É difícil respirar, o barulho, o barulho é tão grande que não se pensa, não se vive, apenas você fica ali olhando os cacos. A cadeia e toda sua imundice. O grande cogumelo de poeira cinza, bocarra aberta a engolir nós todos, os repórteres, os engenheiros, os advogados. A prisão é oceânica, parece estender-se sobre nós, manto de partículas contaminadas. Ao final, a poeira baixou, porém era uma ilusão. Ouvi tossidos ao fundo, pessoas esfregando os olhos. E aí foi que se iniciou a história, o entulho, o entulho. Eram fabulosos pedaços de parede, trechos de concreto, imiscuídos, poeirentos. E Valquíria estava ali, bem perto, um tantinho além da área de segurança. O salto não existia mais, nem as roupas. Eram poeira, transmutados como um pedaço de entulho, uma parede, uma cela. Não adiantou lavar os cabelos ou cortar as pontas. Continuou suja e com os olhos vermelhos. O barulho não larga suas vestes, poderia fechar os ouvidos com as mãos, porém, restava suja de barulho, aquelas vozes, os batuques, orquestra entrecruzadas em fugas, não saíam da carne. Ir embora, pegar o vôo, acabar. Acelera. Acelera. Acelera.



iv. mortos


: VALQUÍRIA e ADVOGADO

O LUGAR estava cheio àquela hora, lotado daquela gente que estava cansada demais para ir embora e a bebida já era motivo suficiente para haver tanta gente amontoada nas cadeiras, rindo alto, diversões obrigatórias. Ela estava de mau humor. Talvez nem fosse isso, era um cansaço da vida, a cabeça pesada de tantos dias de trabalho e aquele pessoal a se divertir como se não fossem uns peões, é isso o que eram, uns peões. Alguns ali julgam-se inteligentes e estes eram os que riam mais alto. E os cidadãos trocavam os dias pelas noites e as noites por mais noites e o lugar continuaria cheio.

Havia um batuque ao fundo. No início, comia as paredes verdes, depois lambia os pés elétricos, os quais também começavam a batucar, contudo ia ganhando corpo, comendo corpos, aos poucos, muitas mãos aderiam àquela batida frenética, acordada, e batucava-se, batucava-se, batucava-se. As vozes ao fundo lembravam alguma coisa de sua terra, mas agora não existia mais essa história não, era tudo bobagem. E Valquíria estava de mudança.

Ali.


Perfilavam-se em pé, com ambas as mãos reunidas na alça da bolsa, tremelicando um pouco, os pés oscilavam. Fitou desconsolada a saia florida, entretanto, o vento assobiava seco lá fora. Arrepiou-se. Juntando-se aos batuques, havia algumas mulheres mais animadas, farfalhavam



os vestidos contra uns homens feios e elas esqueciam a gordura, as alças de sutiã centrípetas escorregadias, esqueciam. Elas dançavam. Dançando invertiam a gravidade, as leis, sorriam. E rodopiavam e batiam os pés. Subitamente, o batuque agarrou com as duas mãos cheias o seu quadril e Valquíria rebolava também – por ali, rebolar era um costume. Sentia-se estrangeira, alinhava no dorso da língua inutilmente palavras de longe, nem sentia mais qual era o som, havia perdido a capacidade de pronunciar sílabas, porém rebolou um pouquinho. Estava realmente de mau humor. Trajava a saia florida, violentamente rasgada nas pontas, com muitas rosas estampadas, algumas alaranjadas, logo vermelhas, tentativa de um nascer-do-sol em cortes feitos em série. Os cabelos rebeldes, ajeitados a maçarico, exibiam-se vermelhos e artificiais, o fixador parecia aprisionar todo vento dentro de suas madeixas e Zéfiro nenhum conseguiria seduzir o penteado a modificar suas formas. Dedinhos pintados em vermelho-sangue apareciam graciosos, dez joaninhas. Mordiscou o esmalte vermelho das mãos.

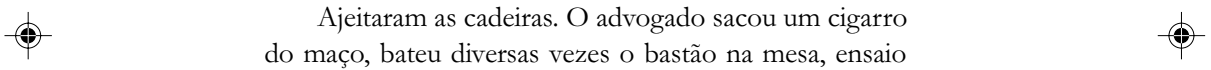
Ali.

Sim, vagou uma mesa, sentou-se para impedir que os quadris continuassem com aquele movimento estúpido. Sacudiu a cabeça, como para esquecer as palavras antigas de sua terra que rolavam tímidas no palato, aquilo era passado. Agora estava de mudança. Lá de cima, conseguia avistar muitas luzes. Tratava-se de um bar antigo, frequência variada, alternativa, serviam comidinhas sofisticadas e carnes tradicionais, uma mistura sem muito nexo para um público que só queria umas mesas para tirar a gravata e falar aos outros que tinham qualquer coisa para mostrar. E ficavam ali, batucando umas músicas de tantas ou nenhuma raiz, mascando assuntos sem importância – contudo, com grandes ênfases. E a bebida ajudava a



esquecer quantas horas de trabalho possuía aquela semana, sagradas garrafas marrons. A descrição do lugar resumia-se a uma extensa vidraça, com o pé-direito de quatro metros voltados a um precipício, avistava-se grande parte da cidade que não dormia, muitas luzes. Abaixo, um pátio com exposições de artes plásticas, dessa vez Valquíria observava umas formas humanas transparentes, milhares delas, muito bonitas, provocavam comichões de dar água nos olhos. Mas ela havia esquecido há muito as palavras com as quais se podia chorar.

Sua companhia chegou. Atrasada, é claro. Não pronunciaram muitas sílabas. Beijaram-se nas faces. Afinal ali. O ressentimento mordeu a pontinha das sandálias, onde havia um tantinho de cinza. E para aqueles pontos desfocados em vermelho Valquíria concentrou-se por algum tempo.






Ajeitaram as cadeiras. O advogado sacou um cigarro do maço, bateu diversas vezes o bastão na mesa, ensaio para acendê-lo. Era um daqueles cigarros curtos, um modismo bobo para que se pare de fumar. Ele examinou a companheira de mesa. O nariz bem talhado, o decote sem sutiã, meio murcho, mas com as pontas dos seios arrepiadas marcando a blusa, as mãos grandes e decididas, como se tivessem salpicado canela em pó, a boca carnuda e mal-educada. Sim, sempre a mesma. Uma louca, essa Valquíria. Nem sabiam ao certo o porquê de estarem ali. Mais uma noite e mais nada. Ao fundo, casais dançarinos, damas e cavalheiros descompassados rodopiavam e chacoalhavam os quadris. E tinha também muita tristeza no ar, mirrada, desfocada, ausências de coisas das quais não sabia mais o nome.


Ele tocou de leve na mão dela:

– Você está bem?

Assentiu. Não tinha muito o que falar. Pediram carne,




era meio de mau gosto pedir carne, Valquíria preferia dizer-se vegetariana, pobres animaizinhos, embora não fez sinal de resistência. Pedir as panquecas? Aceitou o cigarro. Era irritante que todos perguntassem se estava tudo bem, o que haveria de responder? Mas estava muito cansada e o que precisava era um pouco de bebida forte. Olhavam-se de soslaio, oblíquos, encontravam nas luzes ao longe mais interesses do que em si mesmos. Sentia-se um pouco nua. A memória rasa sobre a morte distorcia tudo, revolvía a língua e a cabeça, e isso provocava a lembrança de palavras que nunca mais falou, sabia a da língua materna por onde não conseguia mentir, mostrava que a base e pó compacto era só uma poeira fina. Tantas profundidades. Estremeceu. Difícil viver em profundidade.



Era inacreditável. Anos, anos e tantas noite de trabalho e de mais noites e sentia-se ainda inexperiente, inferior. Seria a falta de caráter dele?, a falta de máscara? Seus movimentos sabiam o sal das planícies de sua terra. Era só um homem comum, ainda de gravata, vida cinza. Era a verdade que incomodava – podia sentir isso ali perto e ela tremia. Tão diferente dos inteligentes da mesa ao lado, que salvavam aquela noite rindo alto da estupidez do articulista do dia. Não, ele resumia-se cinza. Sem comoções ou impasses. Ela avistava isso ao ver, no oposto, os dançarinos aos batuques, nos ossos ainda molhados pela falta de chuva lá de fora, na cara lustrosa de suor, nas garrafas marrons já vazias ali na mesa. Uma mediocridade assumida. E tudo o que ela sempre construiu para si, começava novamente a ruir à frente daquele homem. Entulho. Sentia as palavras como pedras na boca e se falasse iria quebrar todos os dentes.

Fez que ia buscar alguma bebida. Ele assentiu, disse que iria ao banheiro enquanto isso. Tudo bem.

Na ida ao banheiro, o advogado cruzou com um



amigo na mesa próxima. Este sentava-se acompanhado por uma potranca muito vistosa, um decote abusado, mas saía comportada como se o corte pudesse impedir aquele sorriso vadio. O advogado respeitoso estendeu seu cartão profissional para os dois – mui cortês não ignorar a mulher. Ela sorriu demasiado em retribuição. Então teve certeza: amanhã mesmo ela passaria uma mensagem pequena via e-mail, contatos, ele responderia bem-humorado e depois de três dias, talvez antes, eles combinariam de jantar. Ela faria questão de ser levada em lugar bem caro, porém, antes ele passaria de carro para buscar a dama, presenteá-la-ia com uma rosa vermelha e um bombom de licor: ela ficaria tão feliz e lisonjeada com os presentes que nem se importaria em comer num lugar de vinhos baratos – soa a um estilo mais despojado e ter estilo parecia importante. Meio bêbada, iria com ele para um hotel. Ele a amarraria na cama e faria com que ela gozasse só de passar a rosa barata no meio das pernas, a potranca. Ela iria querer então que ele gozasse. Ele inventaria uma história comprida, dizendo que gosta de coisas sacanas e ela pediria desejosa que ele contasse, ah, que ele contasse. Então ele daria as instruções. Em resposta, ela ficaria chocada, oh. Contudo, logo, logo, esqueceria esses trejeitos delicados e, ao final, amarrada ali na cama imunda, gritaria: “eu sou uma puta! eu sou uma puta!”. Ele comeria a putinha pelo cu, até o talo e a levaria para casa. E toda vez que ele quisesse, ela atenderia o telefone com timidez. E, estranhamente, a conquistada acharia aquilo tão excitantemente sujo que não tentaria nunca namorar aquele canalha. Ah, a vida era doce. O advogado urinou, ajustou o nariz e retornou para a mesa.

Quando ele voltou, as coisas já eram outras. Valquíria exibia a cara possuída pelos batuques e lembranças pesadas. As garrafas marrons, as paredes verdes, o esmalte

vermelho, a terra, a terra, se sentia oca, entulhada de um nada barato, entulhada e sem valor, entulhada de palavras cheias de som e sem nenhum sentido. Era preciso ir embora. Ela estava de mudança.

Recomeçaram a conversa incômoda. Ela gostava tanto dele. Tinha vontade de esbofeteá-lo. Ele expirava a fumaça com graça, esta se contorcia em rodopios e ia embora, a morta estava ali ao seu lado, contando histórias em outras línguas e a língua da fumaça a lambia quente e Valquíria não via mais o bar, ficava ali, quietinha até a próxima baforada.

– Me desculpa, ando nervosa ultimamente – ela passou a mão pelos cabelos duros por conta do penteado, lembrou que não precisava ajeitá-los e retirou os dedos depressa. Era tão difícil ser delicada com ele! A qualquer momento parecia que iria se levantar, gritar e jogar as garrafas contra as paredes verdes e se cortar. Sentiu o suor gelado debaixo dos braços.

– Também ando cansado. – Deu uma baforada. Valquíria logo imaginou que ele digitava ainda os sempre documentos, concatenados, falando ao telefone com fornecedores, admirando a própria imagem escurecida na tela do computador. O advogado tocou no rosto dela com um risinho:

– Imigrante.

– Como?

– Não sei. É isso que você é, Valquíria. Ou queria ser. Não sei, não sou um psicólogo – deu risada e sacou mais um cigarro, o maço era realmente ralo, acabaria na próxima fala – Você fica sempre se sentindo uma estrangeira, esse drama todo, e agora quer se mudar, mas não vai para casa, vai para esse país aí, trabalhar nas mesmas porcarías, não sei.

Tomaram mais uns goles. O advogado tinha razão,

Valquíria sabia, a mudança era a grande permanência, uma tentativa falha na idéia, não havia escapes, mas um suporte para a tentativa. O serviço que aceitara era legal, o mesmo empregador pagaria a moradia no início, ela dominava o idioma para trabalhar, não haveria muitos problemas. Poderia até mesmo fazer turismo durante os feriados.




– E por que você não volta para casa?

– Lá não é minha casa. – Ela meneou a cabeça – E encher a vida de miséria é para quem trabalha na ajuda humanitária. Tirar foto de pobre.

Riram um pouco, isso já era a bebida ou, talvez, o pó do banheiro. A tristeza magrinha feria-lhe socos no estômago e torcia-lhe a língua quando pronunciava as palavras. Havia alguma coisa de impronunciável entre os dois, talvez fosse uma outra construção da verdade, contudo eles preferiam fumar.

Cheiraram mais um pouco. Beberam e comeram a carne. Cortaram com muito gosto os pedaços de bife e mastigaram dando grandes risadas. Os inteligentes na mesa ao lado foram embora e então eles podiam conversar mais tranquilos. Quantas horas ficaram ali? Não sabiam. Ele contou então de suas últimas conquistas amorosas, baratas, supérfluas, não davam nenhum trabalho, ele tinha orgulho. Ela ria muito. Até que em um momento a conversa parou.

Perceberam que se passava algo. Talvez fosse influência da televisão, havia tantas novelas naqueles dias. Mas ele teria que pedir, rogar às lágrimas: que ela ficasse, que ele arrumaria sua vida, que ele diria então, que largaria o carro, que venderia o carro, o emprego, que alugaria o apartamento, que ele tinha que arrumar a vida dela, ele tinha que fazer tudo, tudo por conta dela, que ele é o homem da vida dela. Entretanto, não acontece nada disso. Ambos nunca tiveram esperança a esse respeito.


- 
- 
- 
- Você nunca prestou.
 - E eu nunca te enganei.

Restaram em silêncio. Alguns momentos. Valquíria fremia ante a sinceridade do cigarro, acabava depressa, da falta de apego, daquela vida de merda, das mentiras que colocavam na nossa cabeça, era a televisão, eu sei, as novelas da televisão. Tinha ódio daquela verdade, do trabalho, de ser alguma coisa de insignificante e ele não iria salvá-la de nada disso. Ela iria embora. Outro país, o mesmo emprego, outros amigos, outro apartamento. Fitou o teto tão longe, depois as estrelas de sua terra, não, eram as luzinhas da cidade. Nem sabia o porquê de ter ligado para ele. Ela já conhecia esse desfecho. E ele não faria a morte da irmã menos pesada. E lembrou o rosto entulhado como prédio em demolição, o rosto frio no caixão laqueado de branco, o pó cinza, o vôo, a queda. E ela se sentia entulhada de cigarro, de gordura e de bebida, tão velha quanto deveria estar. Oca. Talvez aquilo fosse a liberdade. As palavras desdenhavam sentidos.

O advogado prosseguia na ladainha, que ela era a mulher perfeita que todos os homens gostariam de ter. Que ele não valia aqueles pensamentos. E que pensamentos eram aqueles? Numa tentativa de carinho, agarrou as mãos dela. Geladas. Provavelmente era o copo. Os olhos, duas poças negras, tão densas que os talheres levantaram das mesas, as cadeiras flutuavam, tudo numa órbita gigante girando em torno deles e os batuques coroavam a cena. Algumas luzes na cidade se apagaram. E ela esqueceu novamente das palavras com as quais se chorava.

A situação realmente pesara e por isso inventaram o beijo.

As lágrimas e a saliva formavam uma única coisa quente, a dor fazia a pele se arrepiar e aquecia o meio das pernas dela. Entretanto, Valquíria não quis aceitar a ida



ao apartamento do advogado, então ele pediu a conta. Eram os últimos por ali. O sol deveria aparecer em algumas horas. Fez questão de pagar sozinho. Levantaram e aguardaram na porta de saída. Por último, ela fitou cada centímetro daquele rosto. Começou pelo cabelo bem aparado, depois as sobrancelhas com traços duros, depois as pálpebras um tanto quanto amassadas, um nariz peculiar, pouca barba. Ele acendeu o último dos cigarros. Não se recordava mais porque se sentira atraído por ela. O decote? Era alguma coisa murcha e indecente demais para ser sensual. Os pés em esmalte vermelho? Provavelmente. Provou algum desejo em chupá-los e lambê-los, com uma cara de maldade, passar a chama do isqueiro por aqueles dedinhos. Bobagens. Sentiu-se bêbado e cansado.

– Quer uma carona pelo menos?

Ela pressentiu mais uma vez a liberdade no estômago e sentiu os detritos do pó no seu sangue, entre suas pernas e rasgando sua saia. Não. Abanou a cabeça, nenhuma palavra, iria a pé.

– Boa viagem então! – Disse abrindo a porta do carro num tom animado.

Nada mais disseram. Beijaram-se nas faces.



AGRADECIMENTOS

Esta publicação foi viabilizada pelo programa de incentivo da **Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo**, bolsa de criação literária do **Programa de Ação Cultural (PAC)**, edição de 2006. Algumas pessoas, contudo, foram imprescindíveis para a concretização deste projeto e não poderiam deixar de ser mencionadas – literatura está longe de ser uma arte solitária.

Vanderley Mendonça, Editor do *Selo Demônio Negro*, sem o qual esse livro nunca entraria no prelo.

Antonio Vicente Pietroforte, Luiz Ruffatto, Paulo Ferraz e Roberto Zular, que prestaram recomendações à Secretaria sobre a procedência do projeto.




Guilherme Alberto Almeida de Almeida, Caio Mariano e João Paulo Rizek, advogados que foram fundamentais para desemperrar questões jurídicas que envolveram essa publicação – é importante notar que o último escolheu a batina após este seu derradeiro caso.

Primeiros, amorosos e pacientes leitores **Del Candeias, Dirceu Villa, Gustavo Assano, Rafael Daud e Vitor Sartori**, assim como o cuidadoso revisor **Victor Del Franco**.



Aos professores **José Antonio Pasta Jr, Marcos Soares e Vima Lia Martin**, cujas aulas me impressionaram tanto. Contudo, qualquer semelhança é mera coincidência.

Artista plástica **Alessandra Cestac** e fotógrafo **João Wainer**, corpo e imagem agora em tuas mãos.





ANA RÜSCHE nasceu em 1979, São Paulo. Publicou *Rasgada* (edição da autora, 2005) e *Sarabanda - Um Caderno de Estudos* (Selo Demônio Negro, 2007) editor Vanderley Mendonça. Foi publicada em diversas antologias e revistas, entre elas estão: *Oitavas* (bilíngüe, Selo Demônio Negro, 2006), *8 Femmes* (org. Virna Teixeira) e *Caos Portátil* (bilíngüe, Ed. Billar de Lucrécia, 2007 - México). Foi finalista do Prêmio Nascente - USP, 2007 com o texto “do amor - o dia em que rimbaud decidiu vender armas”. Escreve diariamente no Peixe de Aquário (<http://peixedeaquario.zip.net>).













A quem possa interessar, esta obra foi composta
em adobe garamond e impressa pela Gráfica Ferrari.

Capa: Supremo 250g/m²
Miolo: Pólen Soft 80 g/m²
Tiragem: 2.000 exemplares

